



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

MÁRCIA ANTÔNIA DIAS CATUNDA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO INCENTIVO À LEITURA NAS CRIANÇAS:
A REALIDADE EM ALGUMAS ESCOLAS DE FORTALEZA**

**Fortaleza-Ceará
2013**

MÁRCIA ANTÔNIA DIAS CATUNDA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO INCENTIVO À LEITURA NAS CRIANÇAS:
A REALIDADE EM ALGUMAS ESCOLAS DE FORTALEZA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Ceará (UFC) como exigência final para obtenção do título graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas

Fortaleza-Ceará
2013

MÁRCIA ANTÔNIA DIAS CATUNDA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO INCENTIVO À LEITURA NAS CRIANÇAS:
A REALIDADE EM ALGUMAS ESCOLAS DE FORTALEZA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Ceará (UFC) como exigência final para obtenção do título graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas

APROVADO EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. RICARDO JORGE DE LUCENA LUCAS

Orientador

PROF.DR. EDGARD PATRÍCIO DE ALMEIDA FILHO

Primeiro Membro

PROF.MS.RAIMUNDO NONATO DE LIMA

Segundo Membro

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela minha vida, pela ajuda e proteção, pela Sua força e presença constante, e por me guiar à conclusão de mais uma importante etapa de minha vida;

Aos meus pais Valter Catunda Gondim Filho e Marta Maria Dias Ibiapina, que me ensinaram a viver, e que com muita confiança, dedicação, força e amor, me proporcionaram a realização deste sonho.

Ao meu orientador Ricardo Jorge de Lucena Lucas pela sua dedicação e disponibilidade em me auxiliar a obter o título de graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Ao meu companheiro Rômulo Holanda de Oliveira e todos os meus amigos que acompanharam e estiveram na torcida para que eu conseguisse finalizar mais essa importante etapa da minha vida.

RESUMO

O presente trabalho busca mapear as estratégias adotadas pelas escolas de Fortaleza em relação ao uso de quadrinhos em sala de aula, sendo o objeto na realização desse trabalho as escolas e o uso dos quadrinhos. Muitas vezes vistas com preconceito ou apenas como uma forma de entretenimento, essas revistas possuem muito mais qualidades do que se imagina. De acordo com Roberto Elísio dos Santos (2001) a história em Quadrinhos, ao falar diretamente ao imaginário da criança, preenche suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras. A experiência de folhear as páginas de uma revista de quadrinhos pode gerar e perpetuar o gosto pelo livro impresso, independente de seu conteúdo. A pesquisa foi realizada em quatro escolas de Fortaleza, são elas: Colégio Master, Creche Escola Luiza Martins, Colégio Santo Afonso e Escola Professor Martins de Aguiar. Nesses locais foram ouvidos alunos, professores e coordenadores pedagógicos. Pode-se constatar que eles fazem uso frequente de revistas em quadrinhos e que a mais utilizada é a da Turma da Mônica. Os questionários utilizados na pesquisa de campo nas escolas são compostos por perguntas relacionadas ao uso das revistas em quadrinhos, importância, frequência de uso dos gibis, faixa etária das crianças e quais gibis são utilizados. Também foram analisados a estrutura e as condições das salas onde as crianças desenvolvem os trabalhos com quadrinhos, seja leitura, escrita ou produção de desenhos. Com isso busca-se avaliar se essas condições são adequadas e colaboram com o incentivo à leitura.

Palavras chaves: quadrinhos, leitura, escola.

SUMÁRIO

Introdução	6
Capítulo 1: Gêneros Textuais	7
1.1 Gêneros Textuais: Definição	7
1.2 O Gênero Nos Quadrinhos	10
1.3 Os Quadrinhos Como Forma De Linguagem	15
Capítulo 2: Quadrinhos Na Educação	21
2.1 O Uso Dos Quadrinhos Em Sala De Aula	24
2.2 Como Trabalhar Os Quadrinhos Em Cada Disciplina	28
2.2.1 História Geral E/Ou Do Brasil.....	29
2.2.2 Matemática	30
2.2.3 Física E Química	31
2.2.3 Biologia/Ciências	33
2.2.4 Geografia	35
2.2.5 Língua Portuguesa	36
Capítulo 3: Os Quadrinhos E O Incentivo À Leitura	38
3.1 Como As Escolas Trabalham Com Quadrinhos?	40
3.2 Análise Do Uso Das Hqs Nas Escolas De Fortaleza	40
Considerações Finais	63
Referências Bibliográficas	65

INTRODUÇÃO

Os quadrinhos são conhecidos e lidos em diversos países, principalmente pelo público infantil como forma de entretenimento. Por despertar atenção, muitos professores estão cada vez mais adotando os quadrinhos em sala de aula para estimular o aprendizado. Porém não basta usar os quadrinhos, é preciso saber usá-los para que se possa alcançar resultados positivos no aprendizado e para que não se torne apenas um passatempo durante o horário das aulas.

Foi com esse pensamento que busquei trabalhar essa monografia. Durante a pesquisa de campo nas escolas, foi avaliado como os professores trabalham com quadrinhos e os motivos que os levam a adotar essa ferramenta didática. Como o título da monografia expõe, esse trabalho também visa mostrar como os quadrinhos ajudam a incentivar a leitura, pois essa questão frequentemente aparece em discussões e em trabalhos acadêmicos, sendo os quadrinhos importante objeto de estudo.

O termo “história em quadrinhos” só foi utilizado a partir do início do século XX, quando foram inseridos balões nos desenhos com as falas dos personagens. A partir desse momento, as HQs se tornaram conhecidas em todo o mundo, consolidando o seu consumo entre crianças e jovens, principalmente, com o surgimento dos super-heróis.

Nesse trabalho buscou-se analisar a importância e os benefícios que este meio de comunicação de massa pode trazer para a educação, ao serem incluídos como instrumento pedagógico na escola. Logo quando surgiram, os quadrinhos foram alvo de preconceito, como iremos abordar nesse trabalho, mas passaram a ganhar admiração e o respeito dos pedagogos.

CAPÍTULO 1

O GÊNERO DOS QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos até “bem pouco tempo, eram ainda consideradas como um entrave ao gosto pela leitura, um desvio da obra literária” (MAGALHÃES, 2004, p. 11). Hoje, as HQs já são vistas de forma diferenciada, sendo objeto de diversos estudos acadêmicos em todo o mundo. São compreendidas “não mais como leitura exclusiva de crianças, mas, sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber”, deixando “de ser vistas de forma pejorativa ou preconceituosa” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 9) nas mais diversas esferas sociais.

Como pesquisadora, acredito que além de um bom objeto de estudo, as histórias em quadrinhos vão muito além de um hobby ou passatempo. Elas auxiliam na leitura visual, vocabulário, além de trazer ensinamentos ou até mesmo provocar reflexões. A autora desse trabalho desde a infância contou com a influência dos quadrinhos para ter gosto pela leitura. Mas isso será abordado mais adiante.

Neste capítulo vamos apresentar ao leitor alguns conceitos referentes a gêneros textuais e definir em qual gênero textual os quadrinhos estão classificados. Gêneros textuais são textos que possuem características em comuns, como na linguagem e no conteúdo.

1.1 GÊNEROS TEXTUAIS: DEFINIÇÃO

Para entender os gêneros textuais vamos primeiro definir os gêneros discursivos, afinal os gêneros textuais estão dentro da categoria de gênero discursivo. Bakhtin (1992) enquadra os gêneros discursivos em duas classes: os gêneros primários (simples) - a conversa do oral cotidiana e a carta pessoal - que "sido constituídos em circunstâncias de comunicação verbal espontânea"; e os gêneros secundários(complexos) - o romance, o teatro, o discurso científico e o discurso ideológico, entre outros .

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso e nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero (BAKHTIN, 2003). Os gêneros fazem parte da vida das pessoas e são aprendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social ou membro de alguma comunidade (BAKHTIN, 2003). Portanto, os gêneros devem ser abordados também na escola, mas apresentados sempre em situações reais em que a criança vivencie e interaja com estes, percebendo-os como necessários e essenciais. A escola é a instituição que ao longo do processo de ensino e de aprendizagem deve aproximar os alunos dos gêneros vivenciados no cotidiano e dos mais elaborados.

Qual o gênero discursivo dos quadrinhos? Para se ter uma resposta a essa pergunta, é necessário entender o que é um gênero discursivo. Sérgio Roberto Costa (2006) em seu artigo “Gêneros Discursivos e Textuais: Uma pequena síntese teórica”, trabalha com o conceito de Bakhtin. Veja abaixo como Sérgio explica os gêneros discursivos:

Há atividades ou práticas discursivas, principalmente orais, como a conversação, que usamos na relação imediata com nossos interlocutores. Dialogamos diariamente com pessoas a nosso redor, respondendo a perguntas, opinando, contando casos, piadas, dando ordens etc. São atos conversacionais diversos à nossa disposição, desde há muito tempo. Ou seja, o ato de conversar – a conversação – é um dos gêneros primários da oralidade humana. Gênero primário porque apareceu primeiro, é primitivo, original; não porque é elementar, superficial ou limitado e, por ser oral, poderia ser interpretado como mal construído ou inferior a outro escrito, principalmente porque vivemos numa sociedade grafocêntrica. Bakhtin o chama de *enunciado de gênero primário*.(COSTA, 2006, s/p)

Ainda de acordo com Costa, nesse enfoque enunciativo-discursivo, um enunciado de gênero primário vai ser compreendido por sua relação com o contexto imediato, onde acontece a ação comunicativa. Nessa situação privada, imediata e injuntiva de interlocução face a face de produção, há um autocontrole dos textos que os falantes produzem e esses tipos de enunciados são considerados primários por essa razão.

Sérgio faz outras referências a Bakhtin em seu artigo para explicar o conceito de enunciado de gênero secundário. Veja:

Bakhtin chama de *enunciado de gênero secundário* que constitui uma ação em si mesmo e vai ser compreendido pelas (co)referências entre os enunciados dentro do próprio texto que deve ter sua própria rede de indicações coesas e coerentes. Um gênero primário – a conversação – se transforma em um secundário – o diálogo entre personagens ou a entrevista. Nesse processo de transformação, o secundário traz características do primário, acrescenta novas características da nova esfera discursiva em que circula e se realiza como um novo gênero. Há semelhanças, sim,

entre eles, mas são gêneros diferentes. Não podemos estabelecer claramente as fronteiras entre eles, contudo, por suas características individuais, constituem-se um objeto sempre único, resultado de transformações histórico-sociais.(COSTA, 2006, s/p).

Já os gêneros textuais são textos comuns que encontramos com frequência em nosso dia a dia. Entre os exemplos pode-se citar reportagem, bula de remédio, receita de culinária, carta, horóscopo, edital de concurso entre outros, estabelecendo uma situação de comunicação. De acordo com Marcushi (2002) gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

Marcushi (2002) defende que na produção de cada gênero textual deveria haver natureza da informação ou do conteúdo veiculado, nível de linguagem, tipo de situação em que o gênero se situa, relação entre os participantes e natureza dos objetivos das atividades desenvolvidas. Para ele o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia -a -dia .

Segundo Bernadete Biasi-Rodrigues (2002, p.50), a tipologia tradicional apoia-se em uma classificação triádica para os gêneros textuais não-literários: narração , descrição e dissertação. Esta é a que vem sendo praticada na escola e tratada nos livros didáticos em geral até os nossos dias. As teorias mais recentes, porém, estão mostrando que essa classificação não dá conta das diferentes práticas sociais através da linguagem, ou seja, não contempla os inúmeros gêneros textuais, mas apenas modalidades ou formas de organizar as informações nos mais variados gêneros, que podem ocorrer, não raramente, de forma combinada.

Para Marcushi (2002), já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. Para ele, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa, pois se caracterizam como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Para Bakhtin (2000, p. 279 e 281) os gêneros textuais são “tipos relativamente estáveis de um enunciado” e que dada a riqueza e a variedade dos tipos , eles podem ser separados em dois grupos : gêneros primários – aqueles que fazem parte da esfera cotidiana da linguagem e que podem ser controlados diretamente na situação discursiva, tais como: bilhetes, cartas, diálogos, relato familiar ... – e gêneros secundários – trata-se de textos , geralmente mediados pela escrita, que fazem parte de um uso mais oficializado da linguagem; dentre eles, o

romance, o teatro, o discurso científico..., os quais, por esta razão, não possuem o imediatismo do gênero anterior.

Ainda de acordo com o autor, os gêneros secundários acabam, de certo modo, suplantando os gêneros primários, considerando-se que estes fazem parte de uma troca verbal espontânea, e que aqueles representam uma intervenção nesta espontaneidade, pois se apresentam de modo mais complexo e, geralmente, escritos. Não é absurdo dizer que os gêneros primários são instrumentos de criação dos gêneros secundários. Daí, podem-se apontar as características dos gêneros textuais: são formas-padrão de um enunciado que possuem conteúdo, uma estruturação específica e mutável a partir de relações estabelecidas entre os interlocutores; do mesmo modo, um estilo ou certa configuração de unidades lingüísticas.

1.2 O GÊNERO NOS QUADRINHOS

Os quadrinhos fazem parte de que tipo de gênero textual? Baseado no conceito de Maingueneau (1997), Paulo Ramos (2009) defende que os quadrinhos são considerados hipergênero. Assim, os quadrinhos não são um gênero textual porque são uma forma de hipergênero. Para Ramos, os quadrinhos compõem um campo maior, denominado hipergênero, que agrega elementos comuns aos diferentes gêneros quadrinísticos, como o uso de uma linguagem própria, com elementos visuais e verbais escritos, e a tendência à presença de sequências textuais narrativas. Tais características seriam percebidas em uma gama de gêneros autônomos, unidos por esses elementos coincidentes.

Concordo com as ideias de Paulo Ramos. Pode-se considerar os quadrinhos hipergênero pelo fato de englobarem elementos de diferentes tipos de gênero, geralmente unidos pela linguagem em comum. Isso será discutido com mais aprofundamento nas próximas páginas desse capítulo.

Segundo o autor Dominique Maingueneau (2010), em sua obra “Doze conceitos em análise do discurso”, os hipergêneros não sofrem restrições sócio-históricas: eles apenas “enquadram” uma larga faixa de textos e podem ser usados durante longos períodos e em muitos países. Na opinião do autor, podem ser considerados hipergêneros categorias como diálogo, carta e diário. Como exemplo de diálogo pode-se citar uma conversa pessoalmente entre duas pessoas ou ao telefone, já a carta é um texto que possui como padrão data, cidade,

um cumprimento, e uma despedida no final e pode ser enviada a qualquer pessoa, embora a linguagem possa ser formal ou informal. Diário é um texto onde a pessoa relata seu dia a dia, sentimentos e desejos, em forma de desabafo ou confissão. Para Maingueneau esses formatos de texto servem de base para outros tipos de texto. Por exemplo, um diálogo pode sustentar um romance (como é o caso da obra “As ligações perigosas, de Laclos) e uma carta pode se tornar um editorial de jornal, sendo assim é uma forma que pode assumir diferentes finalidades comunicativas.

Para Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque e Rubem Borges Teixeira Ramos(2012), no artigo “As histórias em quadrinhos: instrumento de informação e de incentivo à leitura”, durante a pesquisa os autores chegaram à conclusão que as histórias em quadrinhos podem ser compreendidas como hipergênero, que agregam diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades. As realidades representadas nas histórias em quadrinhos são de natureza ficcional, porém baseadas em eventos e em modos de pensar e agir reflexos de determinado período histórico. Além disso, os roteiristas precisam adequar as suas experiências e acontecimentos para compartilhá-las com os leitores, criando assim uma atmosfera em que ambos são estimulados não apenas pelo contexto, mas também pela predileção, identificação e reflexão quanto às situações em que seus personagens são inseridos. Os autores chegaram a essa conclusão após estudarem sobre o conceito de gênero e concluírem que “os discursos podem ser organizados em gêneros, os quais são determinados historicamente e que as intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos”.

Segundo Paulo Ramos (2009), podem ser abrigados dentro do hipergênero chamado quadrinhos os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos.

A charge é um texto de humor que aborda um fato ou tema atual e que é destaque nos veículos jornalísticos, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual. Romualdo (2000) vê na relação intertextual um dos elementos constituintes para a charge. O tema do desenho pode ser pautado por notícias reportadas de forma verbal, visual (no caso das fotos) ou verbo-visual. Os políticos são as principais vítimas dos chargistas.



¹ Charge publicada em 19/03/2012 no jornal “DIÁRIO DO POVO” (Campinas/SP) e retirada do site www.juniao.com.br/charges_cartum/

É comum a charge ser confundida com um cartum, devido às semelhanças. Em ambos há humor, desenhos gráficos, possuem linguagem verbal e não verbal e se faz uso de caricatura, porém enquanto na charge é retratado acontecimentos atuais que geralmente envolvem figuras políticas e são destaque nos noticiários, no cartum não são retratados personagens conhecidos e não mostra situações atuais, sendo próximo de uma piada.

Outro gênero que expressa humor são as tiras cômicas. Para Ramos (2007), o gênero usa estratégias textuais semelhantes a uma piada para provocar efeito de humor. Essa ligação é tão forte que a tira cômica se torna um híbrido de piada e quadrinhos, sendo assim a principal característica da tira cômica é o fato dela ser atrelado a uma temática de humor. Além disso, é um texto curto, com um ou mais quadrinhos e os personagens podem ser ou não fixos. É uma narrativa com um desfecho inesperado no final. Segue abaixo exemplo de tira cômica:



²Tira retirada do blog “Resistência” <http://resistenciabr.wordpress.com>

Para Márcia Rodrigues de Souza Mendonça (2005), em sua obra “ Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos” em termos visuais as histórias em quadrinhos são facilmente identificáveis, dada a peculiaridade dos quadrinhos, dos desenhos e dos balões. Entretanto, as HQ’s revelam-se um gênero tão complexo quanto os outros no que tange ao seu funcionamento discursivo. Quanto ao tipo textual, as HQ’s são do tipo narrativo, dada a predominância dessa espécie de sequência na maioria dos casos. CIRNE apud Mendonça (2005) define os quadrinhos como “uma narrativa gráfico visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agregam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”. Seja qual for o tipo de quadrinho, há a presença de uma sequência, com começo, meio e fim e que estabelece uma lógica dos fatos narrados. Assim, segundo Márcia Rodrigues de Souza Mendonça podemos situar as HQ’s numa verdadeira “constelação” de gêneros verbais e não-verbais assemelhados e assim caracterizar a HQ como um gênero icônico ou icônico-verbal narrativo cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro. Como elementos típicos, a HQ apresenta os desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas onde é inserido o texto verbal. Para Maria Beatriz Rahde (1996), em seu artigo “Origens e evolução das histórias em quadrinhos”, publicado na Revista Famecos, a atual forma das histórias em quadrinhos que tiveram sua origem nos jornais americanos do século passado, passou a ter um personagem constante, a sequência narrativa das imagens e o balão com o texto/ diálogo.

Para Paulo Ramos (2009) as histórias em quadrinhos mais longas são a base da característica de serem publicadas sem suportes que permitem uma condução narrativa maior

e mais detalhada. É o que ocorre com as revistas em quadrinhos, com os álbuns (nome dado a edições parecidas com livros) e com a página dominical (termo usado para definir as histórias de uma página publicadas em geral nos jornais). Ainda de acordo com Ramos, a diversidade de gêneros, nesse caso, está atrelada a uma série de fatores, como a intenção do autor, a forma como a história é rotulada pela editora que a publica, a maneira como a trama ser recebida pelo leitor, o nome com o qual o gênero foi popularizado e que tornou o gênero mais conhecido junto ao público.

De acordo com as concepções de Bakhtin, podemos considerar que as HQs são gêneros secundários porque elas se apropriam do gênero primário, o diálogo, e o transformam em quadrinhos. Além disso, essa relação dialógica, presente nas histórias em quadrinhos, enfoca a interação entre sujeitos que, mediados pela linguagem, produz discursos tornando os homens parceiros de um ato comunicativo. (ROCHA, 2006, p. 9).

Para Pato (2007) as histórias em quadrinhos são um gênero discursivo secundário, caracterizado pelo hibridismo, heteroglossia ou textualidade intermodal (que é a presença de diferentes linguagens semióticas em um gênero), variados sistemas de signos que no caso dos quadrinhos se apresentam com a linguagem oral, a escrita, a visual, a sonoridade. Hibridismo porque há união de 2 palavras ou mais de origens diferentes nas HQ's. Já a heteroglossia se caracteriza pela diversidade de linguagens e de vozes que entram em um campo de tensões e interconexões em pé de igualdade. Segundo Bakhtin, o dialogismo e a heteroglossia podem ser analisados no discurso, quando diferentes olhares no mundo são integrados a ele através de variados discursos.

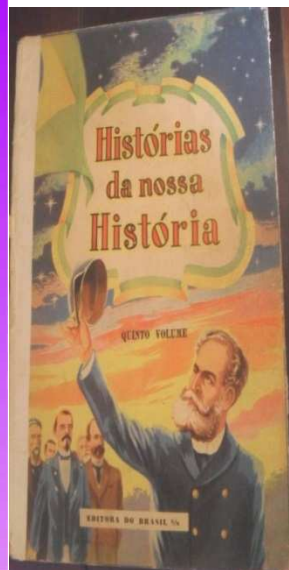
As linguagens e os pontos de vista se mesclam e torna-se impossível separá-los. A linguagem é uma imagem que adota diferentes significados e se abre sempre a novas interpretações. Em relação às linguagens, vamos aprofundar esse aspecto no próximo tópico.

Em relação a arte dos quadrinhos, segundo McCloud (2005), as HQs podem incluir em sua condição hipergenérica conteúdos variados: biográfico, romanceado, satírico, religioso, erótico, poético, social, alegórico, folclórico, etc. Quanto aos estilos de desenhos estes podem, ainda segundo McCloud (2005), variar em graus que os distanciam e os aproximam do realismo e da iconicidade. Podendo ir do complexo ao simples, do objetivo ao subjetivo, e do específico ao universal. Estas riquezas de possibilidade fazem dos quadrinhos uma linguagem moderna e dinâmica.

Confira abaixo diferentes exemplos de gêneros de quadrinhos:



5) Cartilha Educativa retirada do site <http://zinebrasil.wordpress.com>



Quadrinho Didático. Imagem retirada em www.mercadolibre.com.br



Quadrinhos Infográficos – Imagem retirada do site www.sintoniza.com.br em 23 de junho de 2012. Infografia sobre a série TrueBlood

1.3 OS QUADRINHOS COMO FORMA DE LINGUAGEM

Além de jornais e revistas específicas, pode-se encontrar quadrinhos em propagandas, folders, cartilhas educativas, livros pedagógicos, textos informativos e atualmente na Internet, inclusive em redes sociais e são lidos e visto por pessoas de todas as idades. Para Eisner (2001, p. 8), a leitura que um indivíduo faz de uma história em quadrinhos “é um ato de percepção estética e de esforço intelectual”.

Desde os tempos da Pré-História o homem fazia desenhos que remetiam a histórias em quadrinhos, com uma ordem sequencial dos fatos, em pinturas rupestres. Porém de acordo com Edgard Guimarães (1999), em seu artigo intitulado “Uma Caracterização Ampla para a História em Quadrinhos e seus Limites com Outras Formas de Expressão” nem toda pintura rupestre usa a linguagem das HQs; quando um desenho é usado para representar homens e animais isolados, fora de um contexto, isto é classificado como Retrato.

Nos quadrinhos se observa a utilização de dois códigos: o lingüístico e o das imagens. Estes podem ser analiticamente separados, todavia são complementares para a leitura dos quadrinhos. Entretanto, em alguns momentos pode haver predominância de uma ou outra linguagem. Cagnin (1997) destaca que a relevância na linguagem das histórias em quadrinhos se encontra nas imagens; como, por exemplo, nas cores, as ambiências criadas pelas sombras, pelos enquadramentos, que nos informam sobre as características das personagens e do desenvolvimento da ação. Porém, é inegável que quando alguém se depara com uma HQ o que mais desperta a atenção são as imagens e as cores.

A estrutura das histórias em quadrinhos é conhecida basicamente pelas imagens, textos e balões, embora não seja presente em todas as HQ's, pois algumas não possuem texto, apenas imagens com uma sequência lógica. Essa sequência é necessária para que a história em quadrinho seja facilmente compreendida, do começo ao fim, mesmo com a ausência de textos e balões. Barthes (1990, p. 33-34) utiliza um conceito denominado de função de *relais* em que “a palavra e a imagem têm uma relação de complementaridade; as palavras são, então, fragmento de um sintagma mais geral, assim como as imagens, e a utilidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história, o da anedota, o da diegese”. O leitor é quem constrói mentalmente o movimento, a ação, o tempo e o espaço em que a narrativa ocorre.

Na leitura de uma história em quadrinhos encontramos como indicador do discurso direto o “balão”, que não contém só a fala dos personagens, mas também o que eles pensam e sonham. É dotado de um apêndice ou rabicho, um prolongamento que aponta para o emissor, que, segundo Vergueiro (2007, p. 57), alerta o leitor, dando-lhe a seguinte mensagem: “Eu estou falando!”. Conforme Eisner (2001, p. 26), “...os balões captam e tornam visível um elemento etéreo: o som”. Eles requerem a cooperação do leitor, pois se exige que sejam lidos numa sequência determinada para que se saiba quem fala primeiro.

Existem vários tipos de balões em histórias em quadrinhos, onde cada estilo de balão tem um significado. Por exemplo, há balões que expressam diálogos, gritos, símbolos específicos e outros que cujo significado é relacionado a pensamentos e/ou desejos. Veja os exemplos abaixo:



3) A imagem mostra que diferentes tipos de balões são usados para expressar a comunicação dos personagens, seja através da fala, do pensamento ou do grito. Imagem retirada do site <http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/>



4) A tirinha mostra exemplos de balões que expressam fala e pensamento. Tirinha retirada do blog clube da mafalda.blogspot.com

De acordo com Robson Santos Costa (2009), as histórias em quadrinhos podem ser vistas como mais um meio utilizado pelo homem para expressar seus sentimentos, suas crenças e seus valores. Compreender sua linguagem e as características que a singulariza é entender como esse gênero discursivo atua na contemporaneidade, produzindo discursos e, conseqüentemente, memória, sendo mais um instrumento que atua na construção da sociedade contemporânea.

Em uma história em quadrinhos podemos analisar sua linguagem visual (imagens) e linguagem verbal (texto). De acordo com Eisner (1999, p.7), quando se examina uma obra de quadrinhos como um todo, a disposição dos seus elementos específicos assume a característica de uma linguagem “que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público”. O’Neil (2005, p.10) reforça a consideração afirmando que os quadrinhos não são uma “ coleção de palavras e imagens”, isto, para o autor, definiria os livros ilustrados: “para ser uma história em quadrinhos, essas palavras e imagens devem trabalhar juntas da mesma maneira que partes de uma linguagem trabalham juntas”.

De acordo com Eisner (2001, p.08), os processos psicológicos envolvidos na compreensão de uma palavra e de uma imagem são análogos, uma vez que as estruturas da ilustração e da prosa são similares. As HQs utilizam uma série de imagens repetidas e símbolos reconhecíveis que, quando são empregados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam -se uma linguagem. Eisner (2001) chama essa aplicação disciplinada de “gramática” da Arte Sequencial.

A menor unidade narrativa da tira é o quadrinho, também chamado de quadro, de vinheta, de requadro ou de cercadura, que se sucedem no sentido da leitura do texto escrito, ou seja, da esquerda para a direita e de cima para baixo, porém vale ressaltar que no padrão ocidental; o mangá obedece ao padrão oriental de leitura, por exemplo. De acordo com Eisner (2001, p. 10), o mundo visual exigirá nova envergadura leitora, é necessário que o leitor rompa com as convenções da sequência da esquerda para a direita, ou seja, não leia HQ’s somente seguindo o padrão tradicional, a leitura da esquerda para a direita.

Segundo Zugliani (2007, p.110), o vocabulário dos quadrinhos é baseado nos ícones (qualquer imagem que represente uma pessoa, local, coisa ou ideia)¹. O vocabulário dos quadrinhos cresce a cada dia. O mapeamento constante dos elementos que compõem os quadrinhos busca facilitar a assimilação e contribuir com o planejamento de narrativas gráficas tanto para revistas e livros de ficção, como na publicidade, pedagogia ou qualquer área do conhecimento que queira se valer dos potenciais comunicativos da linguagem. Hoje a linguagem dos quadrinhos é bastante utilizada nas disciplinas escolares, como português, matemática, biologia, história, geografia, entre outras.

¹ Porém, há quadrinistas como François Ayroles que trabalham com o conceito de “quadrinhos cegos”, ou seja sem imagens, apenas balão e texto

As histórias em quadrinhos trazem em sua estrutura a união entre a linguagem icônica e verbal. Sua definição, proposta por Cagnin (1975:21), consiste em “um sistema narrativo formado de dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelo desenho; e a linguagem escrita”. Os elementos constitutivos das HQ apresentam uma estética específica, cujas principais características são elencadas por Cirne (1970): o balão, o ruído onomatopaico e o ritmo visual. Segundo o autor (1970 p.25), “na verdade o balão, o ruído onomatopaico e o ritmo visual constituem os elementos fundamentais de uma possível estética dos comics”.

Maria da Penha Pereira Lins (2006) em seu artigo “Organização tópica do discurso de seqüências de tiras diários de quadrinhos”, faz uma análise da linguagem dos quadrinhos com base nas tiras. Na opinião da autora, “o caráter de informalidade e sua elaboração fragmentada, principalmente no que se refere às tiras diárias, faz a aproximação deste texto com o texto falado, uma vez que a tira é constituída de quadros e os tópicos são desenvolvidos dia-a-dia, de tira para tira, numa seqüência em que inserções e mudanças de assuntos promovem continuidades e descontinuidades em sua organização global”.

As histórias em quadrinhos são formadas por diferentes quadros, cuja decodificação só se torna possível à medida que estes forem lidos um a um e englobados em um todo. Essa dinâmica entre todos os quadros que cria o movimento e a ação das HQ, é chamada de ritmo visual. Para Cirne (1970, p.35), “não é a magia formal de um plano isolado, fora de seu contexto, que faz a força de uma estória: é a relação crítica (o desencadeamento de estruturas) entre todos eles”. Esse ritmo é determinado pelo tipo de quadrinho.



7) Tirinha do “Anjo da Noite”, uma HQ feita no Brasil, baseado em um livro do autor carioca Sandro Araújo. O ritmo tem a ver com o gênero do quadrinho, por exemplo os quadrinhos policiais possuem um ritmo diferente dos quadrinhos de romance. Disponível em <http://100grana.wordpress.com>



8) Exemplo de quadrinhos de romance retirada do site www.ilafox.com. O site reproduz histórias reais de casais noivos em forma de HQ como uma forma de homenageá-los.

No próximo capítulo vamos abordar as diferentes formas de se trabalhar os quadrinhos em sala de aula, com sugestões de didática para professores de qualquer disciplina, fazendo uma relação entre Quadrinhos e Educação.

CAPÍTULO 2

QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO

Mais do que uma opção de lazer e entretenimento, as histórias em quadrinhos atualmente são consideradas grandes meios de comunicação de massa, sendo utilizadas por pessoas de todas as idades, não somente por crianças. Os profissionais de Educação descobriram nas HQ's uma ótima ferramenta didática para auxiliar no aprendizado e incentivar a leitura. Isso será discutido com mais aprofundamento nas próximas páginas desse trabalho.

O espaço adquirido pelas HQ's hoje não corresponde ao mesmo de anos anteriores. Antigamente as histórias em quadrinhos era vistas até com preconceito como explicam os pesquisadores Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos (2009 , p.09) no livro “ *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*”. “As histórias em quadrinhos gradativamente passavam a ser entendidas pela sociedade não mais como uma leitura exclusiva de crianças, mas sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber que podia atingir diversos públicos e faixas etárias. Por outro, paulatinamente deixavam de ser vistas de forma pejorativa ou preconceituosa, inclusive nas áreas pedagógica e acadêmica”. Os autores apontam também que as revistas em quadrinhos eram tidas como material que geravam “preguiça mental” nos estudantes e que afastavam os alunos da chamada “boa leitura”.

De acordo com os autores do artigo “O potencial educativo dos quadrinhos: análise do uso das Histórias em quadrinhos em sala de aula pelas professoras da escola municipal Olavo Soares Barros”, Mariana Ferreira Lopes e Rozinaldo Antonio Miani, a disseminação das histórias em quadrinhos e sua consolidação junto ao público infanto-juvenil suscitaram uma reflexão crítica para os efeitos nocivos dessa literatura no desenvolvimento intelectual e social desses jovens, no período após a Segunda Guerra Mundial. Pesquisadores, educadores e psicólogos rejeitaram os meios de comunicação de massa, incluindo as histórias em quadrinhos. A grande popularidade dos super-heróis foi impulsionada pela Segunda Guerra Mundial, que se tornou o pano de fundo destes enredos. Contudo, a guerra também trouxe

aspectos negativos para o desenvolvimento das histórias em quadrinhos, como a proibição das HQs norte-americanas em alguns países envolvidos no conflito.

De acordo com o autor Djota Carvalho (2007), do livro “A educação está no gibi”, Will Eisner, um dos maiores expoentes dos quadrinhos de todos os tempos, foi contratado pelo governo dos Estados Unidos para produzir quadrinhos instruindo soldados na utilização de equipamentos, no domínio de técnicas de higiene e em outras atividades. Ao perceber o potencial dos quadrinhos para educar, Eisner realizou esse trabalho na Segunda Guerra Mundial, no Vietnã e na Coreia, assim o cartunista decidiu parar de desenhar o Spirit e investir em um instituto criado justamente para produzir quadrinhos educativos e institucionais.

Ainda de acordo com o autor, as críticas em relação aos quadrinhos no Brasil surgiram em 1928, a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles “incutiam hábitos estrangeiros nas crianças”. Em 1944, o Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (Inep) apresentou um estudo no qual afirmava que os quadrinhos causavam “lerdeza mental”. Nesse caso, a preocupação parecia que era o fato das crianças preferirem ler mais quadrinhos a livros.

Esse preconceito só veio a diminuir em 1949, ano que o Congresso Nacional decidiria intervir no assunto, criando uma comissão para analisar os quadrinhos. O relator da comissão, deputado Gilberto Freire, chegou a conclusões bastante positivas em relação aos quadrinhos. As principais foram:

- As HQ's, em si, não são boas nem más, depende do uso que se faz delas;
- As HQ's ajudam na alfabetização;
- Por meio de seus enredos, elas ajudam os leitores a ajustar suas personalidades à época e ao mundo;
- As HQ's preenchem a necessidade de histórias e aventuras da mente infantil.

Já na década de 50 a polêmica foi em relação ao homossexualismo, onde alguns psicólogos afirmavam que os quadrinhos incentivavam o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, como exemplo era citado os personagens Batman e Robin. Porém, o autor Djota Carvalho, ao concordar com Gilberto Freire, diz que não há quadrinhos bons ou ruins, ainda que haja HQ's de boa e má qualidade, sendo assim o que é bom ou ruim é o uso que se faz deles.

De acordo com os autores Mariana Ferreira Lopese Rozinaldo Antonio Miani , no artigo “Histórias em Quadrinhos em sala de aula pelas professoras da escola municipal Olavo Soares Barros”, a primeira publicação brasileira de histórias em quadrinhos foi *OTico-Tico*, lançado em outubro de 1905, baseada no magazine francês *La Semaine de Suzette*. A revista trazia em suas páginas, majoritariamente, decalques de histórias em quadrinhos estrangeiras. Desta forma, *Buster Brown* tornou-se *Chiquinho* e *Katzenjammer Kids*, *Os sobrinhos do Capitão*. Devido à dificuldade de importações por conta da 1ª Guerra Mundial, as publicações brasileiras eram abastecidas por histórias e continuações criadas pelos artistas nacionais.

Segundo Vergueiro e Ramos (2009), no Brasil os quadrinhos só foram oficializados como prática a ser incluída na realidade de sala de aula no ano seguinte ao da promulgação da LDB, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. No Brasil, os PCN propuseram uma releitura das práticas pedagógicas com o intuito de criar um referencial a ser adotado pelos docentes. Desta forma, os PCN incluíram os quadrinhos como linguagem a ser trabalhada em sala de aula, no ensino fundamental e médio, a exemplo dos livros destinados à área de Artes para as séries de 5ª e 8ª que mencionam a necessidade dos alunos serem competentes na leitura de determinadas formas visuais, incluindo as HQ. O mesmo ocorre com os PCN de Língua Portuguesa, que citam a necessidade de uma leitura crítica de charges e as tirinhas como gênero a ser estudado (RAMOS & VERGUEIRO, 2009, p.10).

Os autores Mariana Ferreira Lopes e Rozinaldo Antonio Miani também apontam em sua pesquisa que as histórias em quadrinhos passaram a ser vistas como possível linguagem de caráter educativo graças ao desenvolvimento das pesquisas no campo da Comunicação. Este novo olhar iniciou-se em estudos na Europa e foi difundido para outros países, reavaliando as antigas críticas de que este meio seria prejudicial ao desenvolvimento infanto-juvenil, fazendo com que as HQ adquirissem, ainda que lentamente, um novo status.

De acordo com Waldomiro Vergueiro (2004), no livro “Como usar os quadrinhos na sala de aula”, a inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito. Nesse momento, as HQs apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda temia-se que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas. No entanto, constatando os resultados favoráveis de sua utilização, alguns autores de livros didáticos –

muitas vezes, inclusive, por solicitação das próprias editoras –, começaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras, ampliando sua penetração no ambiente escolar. Ainda de acordo com ele, no Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções.

O potencial educativo dos quadrinhos é justificado por Vergueiro (2004,p.21) pelos seguintes pontos: os estudantes gostam de ler quadrinhos; palavras e imagens juntas ensinam de forma mais eficiente; existe um alto nível de informação nos quadrinhos; as possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos; os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito da leitura; os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes; o caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar; os quadrinhos tem um caráter globalizador; os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema. Incluindo dois fatores importantes: a acessibilidade e o baixo custo.

Para Paulo Ramos (2006) em seu artigo “ Histórias em Quadrinhos: um novo objeto de estudos”, o pesquisador aponta que as razões que motivaram pesquisas com histórias em quadrinhos a partir dos anos 90 ainda precisam de investigação mais detalhada. Ele acredita que pelo menos dois pontos exerceram algum tipo de influência, como a presença dos quadrinhos nos exames vestibulares, em especial no da Universidade Estadual de Campinas e a inclusão da linguagem nas práticas pedagógicas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados pelo governo federal. Os dois itens levaram a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor.

2.1 O USO DOS QUADRINHOS EM SALA DE AULA

É cada vez mais comum os professores fazerem uso de histórias em quadrinhos dentro de sala de aula facilitar o aprendizado e deixar o conteúdo mais atrativo aos alunos. Waldomiro Vergueiro (2004, págs 21 a 25), no livro “Como usar os quadrinhos na sala de aula” aponta alguns motivos pelos quais os quadrinhos auxiliam no ensino. Seguem abaixo alguns deles:

- Os estudantes querem ler os quadrinhos
- Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente
- Existe um alto nível de informação nos quadrinhos
- As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos
- Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura
- Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes
- O caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar
- Os quadrinhos têm um caráter globalizador
- Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema

O uso de quadrinhos em sala de aula fica mais a critério do professor, de acordo com seus objetivos didáticos, não há regras específicas para fazer uso dessa metodologia como explica Vergueiro:

No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma idéia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. Em cada um desses casos, caberá ao professor, quando do planejamento e desenvolvimento de atividades na escola, em qualquer disciplina, estabelecer a estratégia mais adequada às suas necessidades e às características de faixa etária, nível de conhecimento e capacidade de compreensão de seus alunos. (VERGUEIRO, 2004, p.26).

Ainda de acordo com o pesquisador, a aplicação das histórias em quadrinhos deverá se adaptar ao cronograma do curso, sendo utilizadas na sequência normal das atividades e sem qualquer destaque em relação a outras linguagens ou alternativas didáticas. A utilização da leitura de gibis como um momento de relaxamento para os alunos, uma espécie de descanso no uso de materiais mais nobres, pode atingir resultados exatamente opostos aos pretendidos. Ou seja: a aula não deve parar quando da introdução da leitura de quadrinhos, como se também o professor estivesse necessitando de um descanso na sua árdua tarefa de ensino. Além disso, é importante que o professor saiba selecionar o material que vai ser utilizado em sala de aula, devendo levar em consideração os objetivos educacionais que se deseja alcançar e que o educador tenha familiaridade suficiente com o meio, conhecendo os principais

elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa.

Quando os quadrinhos são utilizados adequadamente, permitem a reflexão crítica, que se constrói pela mediação do professor, devendo ir muito além “da simples leitura ou preenchimento de balões em branco como atividade para a escrita” (Palhares apud Pizarro, 2005, p.45).

Na opinião do pesquisador Erinaldo Alves do Nascimento (2013, p.07) no livro “Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas: o trabalho em universos ficcionais e fanzines”, as escolas precisam dialogar mais com a vida e uma maneira disso acontecer, dentre outras possibilidades, é oportunizar encontros entre o professorado e os estudantes que permitam o surgimento de provocações e estranhamentos a partir da interação com diferentes modalidades de artefatos predominantemente visuais. A produção de narrativas ficcionais e de fanzines nas escolas podem ser uma maneira interessante e inventiva de dinamizar e modificar processos educacionais. Ainda de acordo com ele, os fanzines podem ser feitos em diferentes formatos e suportes, podendo utilizar os materiais convencionais, como recortes de revistas e jornais, ou serem diagramados e digitados em computadores. A elaboração de fanzines, neste caso, ajuda no bom uso e no aproveitamento eficiente de equipamentos de informática nas escolas, além disso os fanzines também colaboram eficazmente em processos educacionais em processos educacionais que precisam estabelecer conexões transversais, inter e transdisciplinares. Podem servir como um elo para disciplinas diferentes, empenhadas no mesmo propósito educacional, se revelando também como ótimos processos de avaliação, especialmente quando são relacionados com processos contínuos ou como uma maneira de averiguar os conhecimentos acumulados pelos estudantes. Em suma, os fanzines podem ser vistos como indicadores e produtos relacionados com processos significativos de aprendizagem e avaliação educacional. Veja abaixo uma imagem que mostra o processo de produção de um fanzine:



Processo de produção de fanzine. Imagem retirada do site megaartigos.com.br

Edgard Guimarães (2001) em seu artigo “História em Quadrinhos como Instrumento Educacional” classifica as publicações de HQ’s usadas como instrumento educacional em 4 categorias: a edição voltada exclusivamente para o mercado de livro didático; - a edição com objetivo de ensino mas voltada ao público em geral; - a edição com objetivo de entretenimento mas com forte conteúdo educacional; - e as edições com objetivo unicamente de entretenimento. O pesquisador também explica cada uma das categorias:

Publicação Educativa Dirigida. Os livros voltados para a adoção em escolas há muito usam o recurso das Histórias em Quadrinhos, mas de forma bastante limitada. Normalmente trazem algumas páginas quadrinizadas em seu conteúdo. Um bom exemplo de utilização da HQ para o ensino está nos livros de inglês básico, onde os diálogos simples entre alguns personagens são valorizados quando colocados em seqüências quadrinizadas. As imagens auxiliam bastante o entendimento dos textos. Embora as HQs estejam presentes em um número significativo de livros didáticos, raramente se vê uma edição feita totalmente em quadrinhos ser adotada como livro-texto no ensino regular. Fora do ambiente escolar, mas também com objetivo de ensino e voltado a um público dirigido, existem várias experiências.



Tirinha criada na Oficina de Desenho André Brown para a campanha contra a DENGUE e divulgada pelo Jornal Bem Forte com o apoio da Casa Cruz. Tirinha retirada do site cartumfazescola.zip.net.

Publicação Educativa Geral. As edições de Histórias em Quadrinhos que trazem conteúdo informativo consistente, mas são voltadas para o público em geral, não são raras, mas ainda não são um segmento de mercado bem explorado.

Publicação de Entretenimento com Conteúdo Educativo. As edições que não visam à educação, mas têm conteúdo informativo e são um segmento mais explorado pelas editoras. São incluídos nesta categoria os livros reunindo charges editoriais de jornais. Embora o tom seja o humor, fazem o registro da história recente do país.

Publicação de Entretenimento. As revistas e livros de Histórias em Quadrinhos destinadas puramente ao entretenimento têm também sua participação na formação de um indivíduo, que não se limita, obviamente, à sua educação formal. Ao contrário, a formação de uma pessoa é feita, em grande parte, dentro de seu convívio social, do qual fazem parte os meios de comunicação de massa, dos quais a História em Quadrinhos está, no momento, sendo analisada.

2.2 COMO TRABALHAR OS QUADRINHOS EM CADA DISCIPLINA

As histórias em quadrinhos podem ser trabalhadas em sala de aula com crianças, adolescentes ou até mesmo na faculdade. Em relação às disciplinas, cada professor tem sua própria maneira de trabalhar com as HQ's e trabalha quando acha necessário ou conveniente, entretanto é importante que o professor faça um bom planejamento e saiba utilizar os quadrinhos da melhor maneira possível, de forma que possa alcançar os objetivos almejados. Em *A linguagem dos quadrinhos: uma "alfabetização" necessária*, Vergueiro (2006) admite que "a 'alfabetização' na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o

aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização”. Faz-se necessária a capacitação dos educadores para uma melhor assimilação da linguagem dos quadrinhos, possibilitando com isto seu uso como recurso didático pedagógico de maneira mais eficaz. Veja abaixo sugestões de como aproveitar os quadrinhos de maneira didática em qualquer disciplina, seja ela da área de humanas, biológicas ou exatas.

2.2.1. HISTÓRIA GERAL E/OU DO BRASIL

De acordo com Johnni Langer(2009) , autor do artigo “ O ensino de História Medieval pelos Quadrinhos”, pode- se recorrer à escolha de uma temática em especial, cruzar informações e refletir sobre as formas de adaptação artística sobre o passado, neste caso confrontando a HQ com filmes e obras literárias. Várias questões e problemáticas podem ser desenvolvidas para qualquer forma de quadrinho, tanto como auxílio para o professor preparar sua aula quanto para os alunos desenvolverem suas reflexões, após a leitura do material selecionado. Algumas delas podem ser desenvolvidas com a colaboração de professores de outras áreas, como educação artística (no quesito arte e imagem) e português (especialmente para questões de redação e linguagem). Já o autor Djota Carvalho (2007), do livro “A educação está no gibi”, defende que há duas linhas possíveis a serem seguidas para usar HQ’s nessa disciplina: mostrar como os quadrinhos se inserem ou foram usados em episódios históricos da humanidade e como retratam a história.



Fragmentos de uma história em quadrinhos da Turma da Mônica que aborda o momento histórico da independência do Brasil. Retirado do blog [cantinho da leitura2009.blogspot.com.br](http://cantinho_da_leitura2009.blogspot.com.br)

2.2.2 MATEMÁTICA

Apesar de ser uma disciplina de exatas, é possível trabalhar com Matemática nos quadrinhos. Carvalho (2007) explica que além das figuras geométricas que existem nos quadrinhos e que é possível fazer o aluno identificá-las, é possível trabalhar com potenciação e/ou multiplicação ou proporção. No caso da proporção ela pode ser usada caso o aluno opte por produzir quadrinhos, para que o aluno saiba quantos centímetros de largura e comprimento vai precisar utilizar para produzir sua tirinha.

Na opinião da autora desse trabalho, as formas citadas pelo autor são bastante válidas, porém assim como no ensino de História do Brasil, é possível pegar um exemplo fácil de quadrinhos para se trabalhar a Matemática. Vamos usar o mesmo exemplo citado acima, a Turma da Mônica.

No caso da turma criada por Maurício de Sousa, há uma famosa personagem gulosa chamada Magali. Então é possível aliar a personagem ao ensino da Matemática, ao colocar questões para crianças do Ensino Fundamental, do tipo: “Magali tem 8 frutas e comeu 3, quantas frutas sobram?”



Personagem Magali comendo frutas. Além de ensinar a criança a ter uma alimentação saudável, é possível fazê-la aprender matemática de forma descontraída.

2.2.3 FÍSICA E QUÍMICA

Disciplinas consideradas muitas vezes difíceis pela maioria dos alunos, pode-se pensar que é inviável encaixar os quadrinhos nessas disciplinas, ainda mais se tratando de alunos do Ensino Médio, que enxergam os quadrinhos de forma diferente do público infantil, às vezes com menos empolgação. Então nessas disciplinas o professor deve estimular ainda mais a sua criatividade para despertar o interesse dos alunos e, mais ainda, fazê-los aprender um conteúdo muitas vezes considerado “chato e complicado”. Carvalho (2007) sugere que no ensino dessas disciplinas sejam tomados como exemplos os super heróis, como as Meninas Super Poderosas. No caso da Física, podem-se citar as meninas no exemplo: as Meninas Super Poderosas estão em ação e precisam atravessar 120 quilômetros em 60 minutos para alcançar o monstro que ameaça a Cidade City. Qual a velocidade média da ação das heroínas?

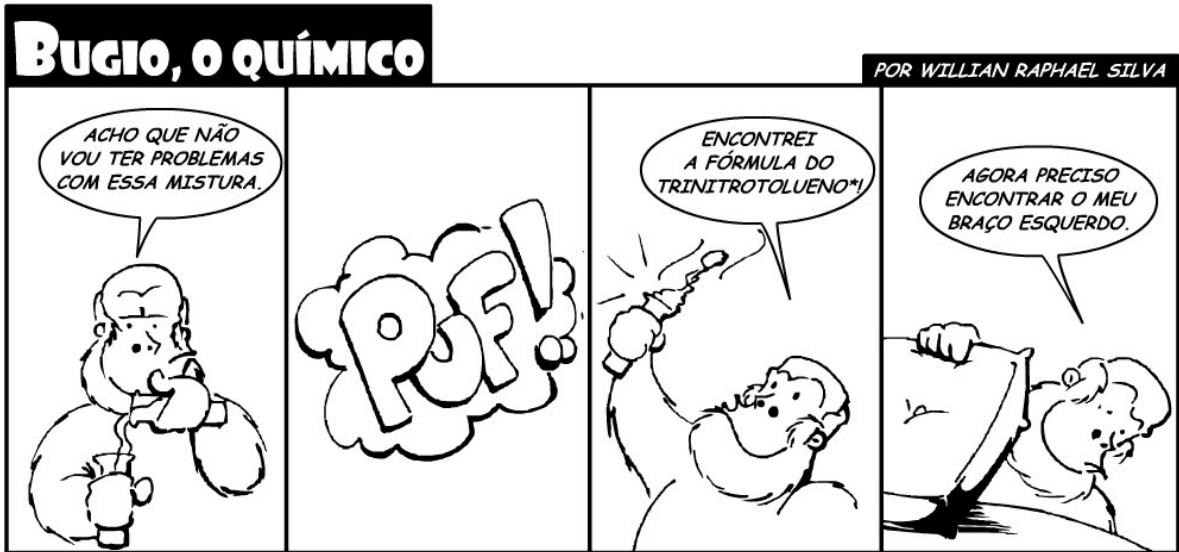


As famosas meninas Super Poderosas podem ser aliadas no aprendizado da Física. Imagem retirada do site ripando.com.br

Os pesquisadores Leonardo André Testoni e Maria Lúcia Vital dos Santos Abib ao desenvolverem o artigo “Histórias em Quadrinhos e o Ensino de Física: Uma Proposta para o ensino sobre inércia” fizeram uma pesquisa de campo com alunos de uma escola em São Paulo. Na pesquisa foi solicitado aos alunos que desenhassem uma pequena HQ que abordasse o tema ‘inércia’. Nesta fase do trabalho, os pesquisadores explicam que esperava-se que o princípio da inércia estivesse suficientemente compreendido pelos alunos, a ponto destes conseguirem criar Quadrinhos criativos e coerentes.

Ao analisarem as HQ produzidas pelos discentes puderam constatar que na sua grande maioria apresentavam um elevado grau de criatividade, organização e inteligibilidade, obedecendo aos padrões tradicionais de uma História em Quadrinho.

Já no caso do ensino de Química, Carvalho (2007) sugere que alguns famosos personagens dos quadrinhos sejam utilizados como exemplos, entre eles o Eléktron (para o ensino dos elétrons), Incrível Hulk e Quarteto Fantástico (para teorizar sobre radiação) e até o mesmo o Homem-Aranha (citando como exemplo as teias). Porém, não é necessário apenas usar esses personagens, alguns menos conhecidos podem ser exemplos para citar algum conteúdo relacionado à Química. Veja os exemplos abaixo:



Explicação da tirinha: O Trinitrotolueno (TNT) é um produto químico altamente explosivo. É usado por profissionais para demolir casas, muros e prédios. Tirinha retirada do site <http://www.humorcomciencia.com>

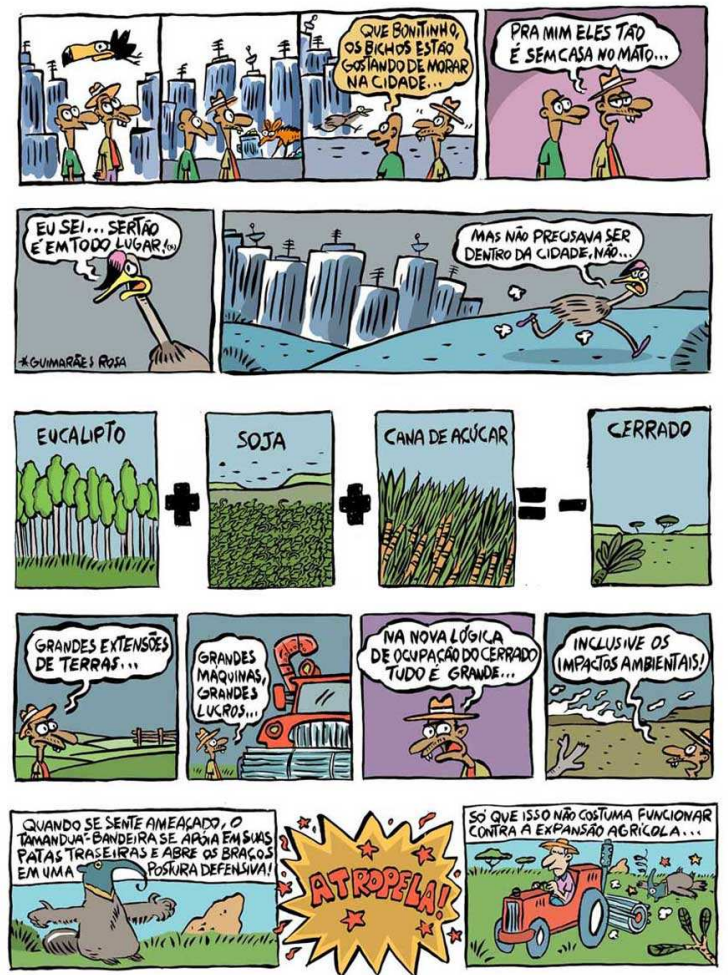


Explicação da tirinha: A banana é um alimento rico em potássio. O potássio é um elemento químico metálico prateado e mole pertencente ao grupo dos metais alcalinos, na tabela periódica é o símbolo K. Tirinha retirada do site <http://www.humorcomciencia.com>

2.2.4 BIOLOGIA/CIÊNCIAS

Também no ensino da Biologia, Carvalho (2007) sugere que os super heróis sejam bons exemplos a serem dados aos alunos dessa disciplina, como o Homem-Aranha, pelo fato de possuírem poderes ligados a animais. Assim como os animais, os vegetais são um objeto de estudo da Biologia, então o autor sugere que personagens ecológicos como o monstro do

Pântano sirvam de inspiração para os professores. Nesse ramo é comum encontramos quadrinhos educativos que ensinam a importância de cuidar da natureza ou temas que estão sempre em discussão como o aquecimento global. Veja alguns exemplos abaixo:



Cartoons retirados do site www.humorambiente.blogspot.com.br de autoria do cartunista Alves

O ensino de Ciências dentro da sala de aula torna-se essencial para observar se o professor é capaz de provocar no aluno um olhar crítico do desenvolvimento científico, tecnológico e social. Diferentes abordagens de ensino são relevantes para essa incitação ao pensamento crítico e ao posicionamento social do aluno, e cabe ao professor abrir novas possibilidades para a discussão entre os mesmos, podendo, pois, os estudantes capazes de modificar a dinâmica da aula sendo eles os principais agentes das suas construções de conhecimento (BANTI *apud* CANDELA *apud*: WINCH, 2007).

Ensinando Ciências e Biologia as HQs possibilitam a pesquisa pedagógica ao analisar o emprego e as contribuições dessa tecnologia educacional no ensino, somada às vantagens de

sua aplicação em sala de aula, bem como a formação da alfabetização científica nas séries iniciais escolares (BANTI *apud* PIZARRO e JUNIOR, 2009).

2.2.5 GEOGRAFIA

Carvalho (2007) explica que boa parte dos autores de histórias em quadrinhos pesquisa exaustivamente as características geográficas (topografia, relevo, vegetação, clima) do local onde quer ambientar a história. Assim, é possível utilizar as HQs nas aulas para mostrar essas características.

O autor aponta a personagem Mafalda como um ótimo personagem para trabalhar o ensino da Geografia, pensamento compartilhado pelas autoras Renata Nunes e Thais Rodrigues (2012) da Universidade Federal de São Carlos no artigo “Quadrinhos e Charges como recursos didáticos para o ensino de Geografia”

Nunes e Rodrigues defendem que “com a tirinhas da Mafalda podem-se trabalhar diversas temáticas, como projeções cartográficas X ideologia, questões referentes a formas de governo, problemáticas ambientais, globalização entre outros temas, tanto políticos como físicos”.



"Mafalda e o Globo I"



"Mafalda e o Globo II"

Tirinhas retiradas do site <http://cageos.wordpress.com>

Em seu artigo “Relato de uma experiência de história em quadrinhos no ensino da Geografia”, a pesquisadora Glauca Deffune (2010) aponta os objetivos de se inserir HQ’s no ensino de Geografia:

Ampliar a capacidade de observação e de expressão; despertar o prazer estético; aguçar o senso de humor e a leitura crítica; correlacionar mensagem verbal e não-verbal; correlacionar cultura informal e formal; conhecer e respeitar as variantes linguísticas do português falado; desvendar as formas coloquiais da linguagem; dominar conceitos relacionados às áreas do conhecimento; aproximar as informações científicas, artísticas e históricas do universo social do aluno; produzir textos; desenvolver o protagonismo do estudante e a autonomia na elaboração e execução de projetos escolares. (DEFFUNE, p.157-159, 2010)

No final de sua pesquisa, a pesquisadora concluiu que é por meio das HQs que o professor consegue visualizar se o aluno desenvolveu uma observação mais sistematizada e reflexiva ou não, pois, a utilização deste recurso é uma tempestade de ideias (brainstorm), que como atividade deverá contribuir para a livre expressão dos alunos, desvinculada de qualquer sistematização prévia pelo professor, parte do desorganizado ou do problema, para a organização do raciocínio ou para a solução do problema apresentado, caracterizando-se como ferramenta pedagógica muito rica, proporcionando liberdade de expressão e desenvolvimento do potencial do aluno.

2.2.6 LÍNGUA PORTUGUESA

A disciplina de Língua Portuguesa é uma das quais mais de usa quadrinhos na sala de aula com o intuito de estimular o aprendizado. Carvalho (2007) explica que justamente por serem histórias, as HQ's representam um rico material para se trabalhar em Português, podendo se trabalhar com crianças que sequer ainda sabem escrever. Como misturam texto e imagem, as HQ's se tornam muito atraentes para esse público. O autor recomenda que os professores dessa disciplina trabalhem os seguintes aspectos:

- Leitura Crítica e Interpretação de Texto
- Criatividade
- Caracterização de personagens/regionalização/ortografia
- Concisão/coesão de texto
- Metáforas visuais

Além das crianças, o público jovem também é estimulado com o aprendizado através dos quadrinhos. Frequentemente encontra-se tirinhas em provas e vestibulares, para que o aluno possa responder a questões relacionadas a vocabulário, interpretação de texto, figura de linguagem, entre outras. Enquanto que na criança o educador estimula mais a criatividade e a

identificação dos personagens, nos jovens se trabalha mais questões específicas da língua portuguesa e análise crítica do texto, desenvolvendo a capacidade de argumentação. Isso será abordado com mais detalhes no próximo capítulo. Veja abaixo exemplos de como as tirinhas são abordadas em provas:



Toda Mafalda. Joaquim Salvador Lavado, (Quino), São Paulo: Martins Fontes. 1993, p.111

2. A menina do texto

- (A) chora de tristeza ao verificar que está trocando dentes.
(B) está trocando seus dentes de leite e não gosta disso.
 (C) reclama da dor que sente ao trocar os dentes.
 (D) usa o espelho para observar a beleza dos seus dentes.

Questão abordada na Prova Brasil de Língua Portuguesa para o 5º ano. Fonte: Revista Nova Escola



(*A tarde*, Salvador, 01.07.2007. Adaptado.)

01. a) Na tirinha, há três ocorrências da palavra *se*. Indique o sentido de cada uma delas nas frases em que ocorrem.
 b) Reescreva a última frase da tirinha, alterando o registro para a norma padrão da língua portuguesa, em primeira pessoa do plural.

Questão abordada na prova de conhecimentos específicos do vestibular de 2008 da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

No próximo capítulo vamos abordar como os professores das escolas de Fortaleza trabalham com os quadrinhos dentro de sala de aula.

CAPÍTULO 3

OS QUADRINHOS E O INCENTIVO À LEITURA

Neste capítulo vamos abordar de que maneira os quadrinhos contribuem para o incentivo à leitura e como os professores de algumas escolas de Fortaleza trabalham com quadrinhos em sala de aula.

É comum nos depararmos com discussões a respeito de incentivo à leitura, principalmente para o público infantil. Uma das maneiras usadas para estimular a leitura nas crianças é a apresentação das revistas em quadrinhos, pelo fato de estes produtos apresentarem uma leitura leve, divertida, personagens das mais diversas personalidades e páginas coloridas. O jornalista e doutor em Comunicação Roberto Elísio dos Santos (2001), em seu artigo “Aplicações das histórias em quadrinhos”, é um dos defensores das histórias em quadrinhos como estímulo de leitura para as crianças:

A História em Quadrinhos, ao falar diretamente ao imaginário da criança, preenche suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras. A experiência de folhear as páginas de uma revista de quadrinhos pode gerar e perpetuar o gosto pelo livro impresso, independente de seu conteúdo. Além disso, o aprendizado por meio do uso de quadrinhos é mais proveitoso. (SANTOS, 2001, p.3)

As histórias em quadrinhos promovem o interesse não somente das crianças, mas também do público adulto, sendo reconhecidas e elogiadas até pelos críticos. Atualmente muitos defendem que as crianças estão lendo cada vez menos, devido a interesses por outras formas de lazer, como a televisão, o vídeo-game e a Internet. No caso de um país em desenvolvimento como o Brasil, há ainda o fato de ter muitas pessoas de baixa renda que não podem comprar livros ou revistas. Porém, é sabido que até muitas crianças de famílias de classe média alta também não tem possuem o hábito da leitura. Roberto Elísio dos Santos também apresenta em seu artigo os possíveis motivos para esse fato:

O fato de o hábito da leitura ter diminuído nas últimas décadas pode ser creditado a um fator cultural: o brasileiro não está sendo instigado a ler ou por causa da censura nos anos 70, ou devido à falta de incentivo por parte das escolas e dos pais, pelo número reduzido de bibliotecas ou até mesmo pela violência, que retira os jovens de classe média das ruas e impede sua incursão pelas bancas de jornal, onde encontram material que pode abrir as portas para a leitura, a exemplo da História em Quadrinhos. O preconceito existente contra os quadrinhos por parte de pais e educadores fecha a possibilidade de utilizar este veículo de comunicação para incentivar a leitura. (SANTOS, 2001, p.3)

Há quem considere as histórias em quadrinhos apenas uma forma de entretenimento, mas elas possuem uma grande participação na formação intelectual da criança. Para Iannone (1994), as Histórias em Quadrinhos estimulam e incentivam o leitor a buscar também outros tipos de leitura, uma vez que, juntamente com os livros, são instrumentos saudáveis para estimular a imaginação e o raciocínio de jovens e crianças. De acordo com Vergueiro (2005), as HQs, juntamente com o cinema, são o meio de comunicação de massa mais importante do século XX, ampliando-se, a partir da década de 1930, para praticamente todos os países do mundo. De acordo com Alves (2001):

A história em quadrinhos [...] é um meio de comunicação de massas, cujas histórias são narradas através de imagens desenhadas e texto inter-relacionados [...]. Além de informar e entreter, tem junto a outros meios de comunicação de massa um papel na formação da criança. A história em quadrinhos é transmissora de ideologia e, portanto, afeta a educação de seu público leitor. (ALVES, 2001. s/p)

Com a consciência da importância das HQs no incentivo à leitura das crianças, algumas escolas já deixam disponíveis revistas em quadrinhos na biblioteca. Em outubro de 2011, a Escola Municipal Prefeito Max Colin, de Joinville, promoveu o “Projeto Gibi”, onde alunos do Ensino Fundamental realizaram trabalhos para diversas disciplinas baseados nos gibis da Turma da Mônica. A escolha pelos personagens de Mauricio de Sousa ocorreu por causa do ambiente familiar que os quadrinhos trazem. “Normalmente, os outros gibis têm personagens individuais, não criam um vínculo”, explicou a professora Patrícia Feuser Quindel. Segundo ela, com o projeto, os alunos melhoraram a escrita, a leitura, e aumentaram o vocabulário.

De acordo com os autores Elydio dos Santos Neto e Marta Regina Paulo da Silva, autores do artigo “Histórias em Quadrinhos e Educação: histórico e perspectivas”, nas décadas de 1970 e 1980, os quadrinhos ampliaram seu espaço nas telas de TV e do cinema, o

que, junto com os estudos e debates acerca das HQs como meio de comunicação de massa, revigorou novamente a sua produção, com o surgimento de outros personagens, histórias e gêneros. Durante a década de 1930, a maioria das HQs desenhada no Brasil era dirigida ao público infantil, sempre com influência das histórias norte-americanas, em especial a Disney, que terminaram por controlar quase todo o mercado de HQs brasileiro. Ainda segundo os autores, as histórias em quadrinhos podem constituir-se em um recurso interessante para serem trabalhadas em sala de aula, mas, apesar dos avanços já feitos no que diz respeito à sua utilização na educação escolar, ainda há que se desobstruir este caminho de antigos preconceitos que permanecem. As HQs podem dar uma contribuição interessante para o processo de olhar/sentir/pensar/decidir, uma vez que elas auxiliam a superação da cultura logocêntrica, isto é centrada na palavra, que se tornou dominante em nossas escolas.

O objetivo dessa monografia é justamente retratar a importância e os benefícios que a leitura de histórias em quadrinhos traz para as crianças. Escolhi esse tema porque além de gostar de HQ, desde criança meus pais incentivaram a minha leitura com revistas em quadrinhos. Deu certo e passei a ler também outros tipos de revistas, assim como jornais e livros. Até que decidi ser jornalista, certamente esses fatores tiveram uma influência nisso. Na minha pesquisa, foram analisadas quatro escolas de Fortaleza: Creche Escola Luiza Martins, Colégio Santo Afonso, Colégio Master e Escola Professor Martins de Aguiar.

3.1 COMO AS ESCOLAS TRABALHAM COM QUADRINHOS?

A utilização das histórias em quadrinhos no ensino faz com que os alunos tenham um bom rendimento nas escolas, possibilitando um melhor desempenho no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Waldomiro Vergueiro (2004, p. 21), “há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano de crianças e jovens, sua leitura sendo muito popular entre eles. [...] As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico”.

Ler não é somente decodificar palavras, mas saber identificar: odores, cores, sons, luzes etc. “Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço, diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos alcançam” (MARTINS, 2006, p.11).

Para Lajolo (1993, p.59) “ler é ser capaz de atribuir aos textos significados, relacionando-o a todos os outros textos. É perceber as inferências que o texto traz consigo, permitindo melhor esclarecimento para o leitor”.

Desde o período da pré-história, o homem tem contato com desenhos. Já naquela época, eram comuns desenhos onde os homens relatavam nas paredes das cavernas suas experiências com caçada.

Nely Novaes Coelho, em sua obra “A Literatura Infantil”, afirma que as histórias em quadrinhos são tão válidas quanto os livros de figuras como processo de leitura acessível às crianças pequenas. Desta forma, ela destaca que psicólogos, como por exemplo Claparède², acreditam que as crianças, ao lerem as histórias em quadrinhos, não somente se divertem como também satisfazem uma necessidade interior e instintiva, a necessidade do crescimento mental, inerente ao ser em desenvolvimento.

Segundo um artigo de Serpa e Alencar sobre HQs em sala de aula, publicado em 1988 na revista Nova Escola, ficou confirmado, após uma pesquisa sobre hábitos de leitura dos alunos, que 100% deles (ou seja, todos os alunos) gostavam mais de ler quadrinhos do que qualquer outro tipo de publicação. O artigo também mostra que as HQs podem ser utilizadas em todos os níveis de aprendizado, desde a fase de alfabetização até o ensino universitário.

Muitos críticos censuram a utilização de HQs em salas de aula; argumentam que os gibis desestimulam a leitura de livros e contribuem para a formação de adultos que não gostam de ler. VERGUEIRO (2004, p.20) discorda desta afirmação: “muitas pesquisas apontam que crianças que começam a ler com os quadrinhos têm mais facilidade para ler outros livros e procuram outras fontes de informação”.

As vantagens na utilização deste tipo de recurso didático são o baixo custo de aquisição dos gibis, a fácil localização deste material e a familiarização dos estudantes com este meio de comunicação. A combinação de imagens, onomatopeias e texto atraem a atenção dos estudantes, e estimulam o estudo e o conhecimento.

² **Édouard Claparède** foi um neurologista e psicólogo do desenvolvimento infantil, que se destacou pelos seus estudos nas áreas da psicologia infantil, da pedagogia e da formação da memória. Em 1912 fundou em Genebra o *Institut Jean-Jacques Rousseau*, uma academia voltada para a investigação e o ensino da psicologia e da psicopedagogia, hoje integrada na Universidade de Genebra.

Se os pais podem e devem incentivar as crianças a lerem histórias em quadrinhos, na escola os professores também podem utilizar o mesmo método, como revela Leandro Carvalho, mestre em História, em seu artigo “História em quadrinhos como incentivo à leitura”. Veja a citação na próxima página:

As histórias em quadrinhos podem introduzir um tema que posteriormente será abordado a partir de outras perspectivas de ensino; podem ser apresentadas como complemento de um conceito já trabalhado pelo professor; e podem ser utilizadas para provocar debates e discussões em sala de aula, além de trazer o aluno para o universo da leitura. Para adotar a história em quadrinhos em sala de aula, caberá ao professor realizar um planejamento das atividades na escola para estabelecer a estratégia mais didática para uma determinada faixa etária. Qual história utilizar e qual tema abordar serão escolhas do professor (CARVALHO, 2008, s/p).

Segundo Mendes (1990), as histórias em quadrinhos, como recurso didático, apresentam a vantagem de serem de fácil acesso e não exigirem mediadores técnicos para a sua leitura. Para a autora, se por um lado o livro infantil e a escola caminharam sempre juntos e complementando-se mutuamente, o mesmo não ocorreu com as histórias em quadrinhos. Pelo contrário, as histórias em quadrinhos normalmente só eram lidas às escondidas do professor, entre uma aula e outra. Apesar de suas extraordinárias possibilidades como meio educativo, têm sido marginalizadas, exaltando-se somente a sua facilidade de entretenimento.

É muito importante para o leitor iniciante, seja de HQs ou de outras modalidades, poder contar com pessoas realmente capazes de lhe impulsionar o interesse pela leitura, ampliando sua visão para um mundo novo prestes a ser revelado.

3.2 ANÁLISE DO USO DAS HQs NAS ESCOLAS DE FORTALEZA

Para realizar essa pesquisa, visitei quatro escolas com diferentes perfis: públicas e particulares, de pequeno e grande porte. As escolas não tiveram uma análise específica para a escolha, os critérios foram analisar escolas de diferentes perfis, em bairros próximos para facilitar o deslocamento e que de alguma maneira trabalhassem com quadrinhos em sala de aula. Além da pesquisa bibliográfica, foi realizada uma pesquisa de campo nas escolas, com aplicação de questionário aos professores e coordenadores pedagógicos e coleta de trabalhos que envolvem quadrinhos com o objetivo de descobrir como os professores trabalham com quadrinhos em sala de aula, os motivos que os fazem a usar essa metodologia de ensino e os

efeitos. Veja abaixo as perguntas utilizadas no questionário com professores e coordenadores pedagógicos:

- 1- Qual a disciplina que você leciona?
- 2- Há quanto tempo trabalha com quadrinhos?
- 3- De que forma trabalha com quadrinhos?
- 4- Por que decidiu usar os quadrinhos como metodologia de ensino?
- 5- Em sua opinião, os quadrinhos contribuem para o aprendizado? Por quê?

Mais adiante serão apresentadas tabelas sobre o uso de quadrinhos em sala de aula e os materiais utilizados nas escolas.

Na Creche Escola Espaço Educacional Luiza Martins, em Fortaleza, as professoras trabalham com crianças de 3 a 8 anos e utilizam as revistas em quadrinhos nas salas de leitura duas vezes por semana. “Para as crianças de 3 a 5 anos, só fazemos mostrar os desenhos, já as de 6 a 8 anos fazem contar as histórias”, revelou a auxiliar pedagógica Marta Goes. Ela avalia de forma positiva o uso de HQs na escola: “Os quadrinhos dão resultado no incentivo à leitura. As crianças até perguntam quando será o dia em que vamos ler as histórias. As preferidas são as da Turma da Mônica e do Bob Esponja”, revelou. Além de revistas em quadrinhos, são utilizados fantoches, livros de auto relevo e filmes infantis.

Veja os resultados na tabela abaixo. Para facilitar a compreensão, veja os significados dos termos trabalhados:

- Leitura lúdica: fora de sala de aula
- Leitura dirigida: dentro de sala de aula
- Produção de quadrinhos: produção de HQ's em uma determinada disciplina
- Uso didático das HQs: Uso em provas, exercícios e atividades pedagógicas
- Uso auxiliar das HQs : Análise crítica dos quadrinhos em sala

Escola: Espaço Educacional Luiza Martins

Série	Leitura Lúdica	Leitura Dirigida	Produção de Quadrinhos	Uso didático das HQs	Uso auxiliar das HQs (análise dos elementos)
1 ^a	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
2 ^a	Sim	Não	Sim	Sim	Sim (sínteses)
3 ^a	Sim	Não	Sim	Sim	Sim (discussão)
4 ^a	-	-	-	-	-
5 ^a	Sim	Sim (sala de leitura)	Sim (em provas)	Sim	Não
6 ^a	-	-	-	-	-
7 ^a	-	-	-	-	-
8 ^a	-	-	-	-	-
9 ^a	-	-	-	-	-
1 ^o	-	-	-	-	-
2 ^o	-	-	-	-	-
3 ^o	-	-	-	-	-

1. Os tipos de leitura utilizadas na escola em cada série. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola.

Série	Revista em Quadrinhos	Livro Ilustrado	Romance adaptado em quadrinhos	Livro em quadrinhos	Livro Paradidático
1ª	Sim	Sim	Não	Não	Não
2ª	Não	Sim	Não	Não	Sim
3ª	Não	Sim	Não	Não	Sim
4ª	-	-	-	-	-
5ª	Sim	Não	Não	Não	Sim
6ª	-	-	-	-	-
7ª	-	-	-	-	-
8ª	-	-	-	-	-
9ª	-	-	-	-	-
1º	-	-	-	-	-
2º	-	-	-	-	-
3º	-	-	-	-	-

2. Os tipos de livros utilizados na escola em cada série. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola

No Espaço Educacional Luiza Martins, a prioridade são as publicações de entretenimento, principalmente por causa do público infantil. Destaque para os quadrinhos da Turma da Mônica e livros de histórias infantis. Veja abaixo duas fotos do espaço de leitura da escola:



Figura 1-Sala de leitura do Espaço Educacional Luiza Martins



Figura 2- Livros utilizados para contação e leitura de histórias

No Colégio Santo Afonso, escola pública e do Governo do Estado do Ceará, que comporta alunos a partir da sexta série, localizado também em Fortaleza, as professoras também fazem uso de gibis; porém, em pesquisa de campo realizada dentro da escola foi constatado que apenas duas professoras da 6ª série do Ensino Fundamental utilizam os quadrinhos como ferramenta didática. A escola possui uma biblioteca com um ambiente harmônico, com diversos livros e com revistas em quadrinhos disponíveis para leitura, mesmo que em pouca quantidade. Além das revistinhas, a biblioteca também disponibiliza clássicos da Literatura em quadrinhos, como “O Guarani”, “O Cortiço”, “Memórias de um Sargento de Milícias” e “O Alienista”. Outros livros disponíveis são “Tédio no Chiqueiro”, “João de Calais” e “Bando de Dois”. Os clássicos são utilizados com alunos do 8º e 9º ano. A biblioteca da escola ainda conta com um sistema denominado “Correio Literário”, onde o aluno, quando gosta de um livro, deixa recomendado para um colega no mural da biblioteca.

Outro fato interessante é que a escola faz um campeonato de “Soletando”, quadro do programa *Caldeirão do Huck*, da Rede Globo, onde os participantes soletram uma palavra e, se estiver correta, ganham prêmios. Essa é mais uma forma de incentivar a leitura entre os alunos.

A professora de Língua Portuguesa da 6ª série, do Colégio Santo Afonso, Ivone Dantas, explica que faz uso de quadrinhos de diversas maneiras: “Realizo em sala de aula produção textual individual e em grupo. Trabalho com os alunos as diferenças entre historinhas e tirinhas, acho que as historinhas deixam a leitura mais prazerosa. Meus alunos escolhem um tema e produzem uma história em quadrinhos relacionada a esse tema e reprodução de historinhas. Essa metodologia melhora o vocabulário, a produção textual e a ortografia”. A professora expôs os trabalhos com quadrinhos de seus alunos, todos realizados com folhas de ofício e com uso de lápis comum e lápis de cor.

A professora Rosângela Lúcia, que também trabalha no Colégio Santo Afonso no 6º ano, utiliza os quadrinhos de forma semelhante, mas com algumas diferenças: “Eu gosto de trabalhar muito a interpretação de texto, a narração e o desenho. Costumo trabalhar a predição onde, através do título, o aluno deduz o conteúdo da historinha, assim como a criação de uma nova tirinha utilizando os mesmos personagens da tirinha que foi lida anteriormente. Na gramática, exploro as figuras de linguagem e gosto de usar as tirinhas em provas”, revela. Veja abaixo o levantamento na escola:

Escola: Santo Afonso

Série	Leitura Lúdica	Leitura Dirigida	Produção de Quadrinhos	Uso didático das HQs	Uso auxiliar das HQs (análise dos elementos)
1 ^a	-	-	-	-	-
2 ^a	-	-	-	-	-
3 ^a	-	-	-	-	-
4 ^a	-	-	-	-	-
5 ^a	-	-	-	-	-
6 ^a	Sim (apenas alunos)	Sim	Sim	Sim	Sim(Interpretação, produção,debate)
7 ^a	Sim (na biblioteca)	Não	Não	Não	Não
8 ^a	Sim (na biblioteca)	Não	Não	Não	Não
9 ^a	Sim (na biblioteca)	Não	Não	Não	Não
1 ^o	Não	Não	Não	Não	Não
2 ^o	Não	Não	Não	Não	Não
3 ^o	Não	Não	Não	Não	Não

2.3 Os tipos de leitura utilizadas na escola em cada série. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola

Série	Revista em Quadrinhos	Livro Ilustrado	Romance adaptado em quadrinhos	Livro em quadrinhos	Livro Paradidático
1ª	-	-	-	-	-
2ª	-	-	-	-	-
3ª	-	-	-	-	-
4ª	-	-	-	-	-
5ª	-	-	-	-	-
6ª	Sim (<i>Turma da Mônica e Garfield</i>)	Não	Não	Não	Sim
7ª	Não	Sim	Não	Sim	Sim
8ª	Não	Sim	Não	Sim	Sim
9ª	Não	Sim	Não	Sim	Sim
1º	Não	Não	Não	Não	Não
2º	Não	Não	Não	Não	Não
3º	Não	Não	Não	Não	Não

2.4 Os tipos de livros utilizados na escola em cada série. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola



Figura 3- Biblioteca do Colégio Santo Afonso. Principal espaço de leitura da escola

Veja a seguir alguns exemplos de questões aplicadas no simulado para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) no Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio. O material foi organizado pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC):

Observe a imagem abaixo:

JÁ PENSOU SE A INTERNET TIVESSE BOMBANDO NA ÉPOCA EM QUE O BRASIL FOI PROCLAMADO REPÚBLICA?

UHUU! Um milhão de curtir na página do "BRASIL REPÚBLICA" NO FACEBOOK!

PESQUISA AI "LIBERDADE: LIBERDADE!" TÁ BOMBANDO NO YOUTUBE!

O BRASIL NÃO É MAIS MONARQUIA?

ACHO QUE NÃO A WASHTAG #PERDEU DOM PEDRO II TÁ EM PRIMEIRO NO TWITTER!

fonte: <http://historiatiavanet.wordpress.com/category/historia-do-brasil/republica-velhaespada-e-cape-com-leite/>

01. Ao ler a tirinha acima, temos uma ideia de como teria sido noticiada a Proclamação da República (15/11/1889) caso a Internet já existisse.

No entanto, aprendemos que, no início da República, a partir da década de 1930, um meio de comunicação estava realmente "bombando". Qual seria esse meio de comunicação de massa?

TE: 03 | E.O.: ____

() televisão
() periódicos (jornais e revistas)
() rádio

Figura 4- Questões do simulado do ENEM do Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio

Leia o texto abaixo.

UMA DAS MELHORES COISAS NA FAZENDA É TODA A NATUREZA.

ESTÁ EM TODA PARTE!

IGUAL ONDE VOCÊ GUARDA OS SAPATOS.

Disponível em: <<http://comicsgarfield.blogspot.com/>>. Acesso em: 3 dez. 2010. (P090559ES_SUP)

Questão 11 P090559ES

Nesse texto, o tom irônico está presente

A) na primeira observação do rapaz.
B) na expressão concentrada do gato.
C) no que o rapaz acha da natureza.
D) no que o gato pensou sobre os sapatos.

BL01P12

Figura 5- Questões do simulado do ENEM do Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio.

Leia o texto abaixo.

Copyright © 1999 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5453
Disponível em: <<http://www.monica.com.br/comics/linhas/tira2.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2011. (P090619EX_SUP)

Questão 19 PD90620EX

Nesse texto, o fato que provoca humor é

A) a menina dizer que achou legal aquele papel de parede.
B) a menina dizer que faltava uma coisa para ficar perfeito.
C) o menino deixar os materiais espalhados pelo chão.
D) o menino precisar lembrar onde é a porta do quarto.

Questão 20 PD90619EX

No último quadrinho, a menina demonstra estar

A) irritada.
B) insatisfeita.
C) curiosa.
D) assustada.

Questão 21 EPP11013

Figura 6- Questões do simulado do ENEM do Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3ºano do Ensino Médio

Questão 39 P120311EX

Leia o texto abaixo.

Disponível em: <<http://www.google.com.br/images?um=1&hl=ptBR&biw=1419&bih=727&tbs=isch%3A1&sa=1&q=hist%C3%B3rias+em+quadrinhos+do+calvin&aq=f&aql=&aql=&oq=>>>. Acesso em: 26 fev. 2011. (P120168EX_SUP)

O humor desse texto reside

A) na contradição entre a expressão do menino e a do tigre no primeiro quadrinho.
B) na dúvida do tigre em chamar a mamãe para buscá-los no passeio.
C) no fato do menino tentar parecer que é valente, mas sentir medo.
D) no fato do tigre afirmar que estavam perdidos, mas estarem no quintal de casa.
E) no formato da palavra dita pelas personagens no último quadrinho.

Figura 8- Questões do simulado do ENEM do Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3ºano do Ensino Médio

No Colégio Master, escola particular de grande porte em Fortaleza, há o projeto “Giroleta”, que consiste em um projeto de leitura de gibis e livros de história. São montadas bancas de revistas em quadrinhos e há salas específicas somente para leitura de gibis. Na lista de material escolar para os alunos do Ensino Fundamental do colégio, revista em quadrinhos é item obrigatório. “As crianças fazem a leitura visual, realizam desenhos e exercícios criando outras histórias. Além disso, elas criam diálogos e fazem o reconhecimento de personagens”, ressaltou a coordenadora pedagógica Betina Bezerra. No colégio, os gibis estão sempre expostos para as crianças e os mais usados são os da Turma da Mônica e gibis de campanhas educativas. Porém, Betina acredita que antigamente os gibis faziam mais sucesso entre o público infantil: “Na minha época, há uns 40 anos atrás, os gibis tinham bem mais espaço nas escolas e na nossa vida, os livros eram menos acessíveis e as bancas limitavam o acesso aos gibis. Hoje, com a tecnologia, as crianças estão lendo menos gibis; além disso, o preço de uma revistinha é alto”, lamentou.

Ainda na referida escola, foi observada a exposição de trabalhos de desenhos feitos pelas crianças espalhados nos murais do colégio. A coordenação do Ensino Fundamental possui espaço de leitura de revistas em quadrinhos e jogos infantis.

O projeto de leitura da escola “Giroleta”, que foi mencionado anteriormente, é voltado para alunos do Infantil II ao 8º ano. Os estudantes alugam um livro por semana e, após a leitura, fazem uma análise escrita ou desenhada do livro. Com isso, eles leem em média 40 livros por ano. Além disso, o aluno que ler mais livros ganha um certificado.

A professora de Língua Portuguesa do Colégio Master, Flávia Barbosa, trabalha com quadrinhos desde quando começou a dar aulas e explica porque faz uso da metodologia: “Ensino para os alunos da sétima série e do primeiro ano do ensino médio, porém no primeiro ano faço uso apenas em provas. Para os alunos do ensino fundamental eu passo trabalhos em casa com quadrinhos. Por causa da faixa etária, os quadrinhos possibilitam muito aprendizado e estimulam a criatividade”, justifica.

Outro fato curioso observado na escola é que as salas da quarta e quinta série possuem uma cestinha com várias revistas em quadrinhos. Após o conteúdo dado em sala de aula, há espaço para a leitura. E de acordo com a professora Politiana Pinto, da sexta série até a oitava, é comum serem realizados debates em sala de aula sobre os assuntos atuais que são abordados nas historinhas, entre eles Internet, namoro, amizade e comunicação. Confira o resumo da pesquisa nas tabelas a seguir:

Escola: Master

Série	Leitura Lúdica	Leitura Dirigida	Produção de Quadrinhos	Uso didático das HQs	Uso auxiliar das HQs (análise dos elementos)
1 ^a	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
2 ^a	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
3 ^a	Sim (quadra, quiosque)	Sim	Sim	Sim	Não
4 ^a	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
5 ^a	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
6 ^a	Não	Sim	Sim	Sim	Sim (em provas)
7 ^a	Não	Sim	Sim	Sim	Sim (em provas)
8 ^a	Não	Sim	Não	Sim	Sim (em provas)
9 ^a	Não	Não	Não	Sim	Não
1 ^o	Não	Não	Não	Não	Não
2 ^o	Não	Não	Não	Não	Não
3 ^o	Não	Não	Não	Não	Não

Tipos de leitura realizados pelos alunos do colégio Master com quadrinhos

Série	Revista em Quadrinhos	Livro Ilustrado	Romance adaptado em quadrinhos	Livro em quadrinhos	Livro Paradidático
1ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
2ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
3ª	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
4ª	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
5ª	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
6ª	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
7ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
8ª	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
9ª	Não	Sim	Sim	Não	Sim
1º	Não	Não	Não	Não	Não
2º	Não	Não	Não	Não	Não
3º	Não	Não	Não	Não	Não

A tabela mostra que tipos de livros em quadrinhos são trabalhados com os alunos do colégio Master

O Colégio Master dá prioridade a publicações educativas dirigidas e publicações de entretenimento. As principais são Turma da Mônica, Disney, Cartilhas Educativas, fábulas, cartas, poemas e obras clássicas como *Dom Quixote em Quadrinhos* e *Cinderela em Quadrinhos*.

Veja a seguir algumas provas do Colégio Master e perceba como os quadrinhos são trabalhados na escola:



Data: ___ / ___ / ___

Aluno(a):				Nº:	
Ano: 4º	Segmento: Ens. Fund.		Turma:	Turno:	Etapa: II
Disciplina: Produção Textual			Equipe: Português		
AC1 <input checked="" type="radio"/>	AC2 <input type="radio"/>	AC3 <input type="radio"/>	2ª CH <input type="radio"/>	ARP <input type="radio"/>	ARF <input type="radio"/>
Total de Escores: 100		Escore Obtidos:		Nota:	

OS HUMANOS TÊM TANTAS BIBLIOTECAS, NÉ PAI? AÍ EU FICO PENSANDO, POXA, POR QUE NENHUMA BARATA ESCREVEU UM LIVRO ATÉ HOJE?

PORQUE NOSSO CONHECIMENTO É TRANSMITIDO ORALMENTE ATRAVÉS DAS GERAÇÕES, DESDE OS NOSSOS ANTEPASSADOS! UMA TRADIÇÃO NOSSA. COMO AÍTE POR PENICILADORES COMO PLATÃO! NÃO PRECISAMOS DE DOCUMENTOS! A ESCRITA ENVENENA A MEMÓRIA!

É QUE SEMPRE FOMOS LEVES DEBILS PARA APERTAR AS TECLAS DAS MÁQUINAS DE ESCRIVER, MEU FILHO...

Fonte: Extraído do site www.tremaliteratura.com/2010/02/vida-barata_22.html

Agora é a sua vez de dar opinião. Reflita sobre o conteúdo da tirinha acima e escreva um texto de opinião de acordo com a proposta a seguir.

Figura 9 - Prova da 4ª série de Língua Portuguesa do Colégio Master. Na prova, o aluno deve ler a tirinha acima e produzir uma redação com base no conteúdo abordado na tirinha. Boa ferramenta de produção textual.

Veja agora uma prova de Ciências da 5ª série:

COLÉGIO
MASTER
O ASSIMILADOR

AC1 DE CIÊNCIAS – 5º ANO

02. Observe a tirinha e responda corretamente:



kidimagens.com

2.1 Explique para Mafalda que, além de fonte de inspiração, a luz do Sol é de grande importância na saúde dos nossos ossos.

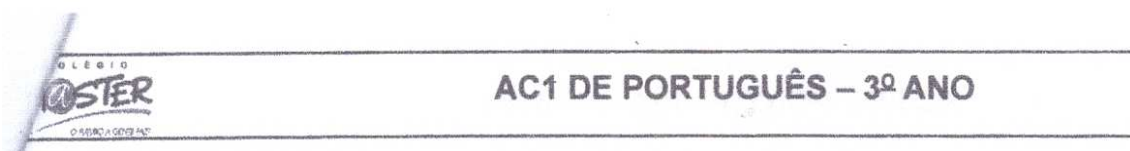
T.E.: 03 E.O.: ____

2.2 Que vitamina a luz do Sol transforma a partir da gordura do nosso corpo?

T.E.: 01 E.O.: ____

Figura 10-Prova de Ciências dos alunos da 5ª série do Colégio Master. Percebe-se que não é somente nas disciplinas de Português que os quadrinhos podem ser utilizados como ferramenta de aprendizado.

Veja agora exemplo de uma prova de Língua Portuguesa da 3ª série:



10. Por que Jon, o dono de Garfield, lhe deu um presente?

T.E.: 01 | E.O.: ____

11. Garfield gostou do presente que ganhou? Justifique.

T.E.: 02 | E.O.: ____

12. O sinal gráfico utilizado na fala do Garfield no último quadrinho chama-se:

T.E.: 01 | E.O.: ____

- a) cedilha
- b) reticências
- c) travessão
- d) dois-pontos

Figura 11-Nas questões abordadas com base na tirinha, o aluno deve saber interpretação de texto e ter conhecimentos de pontuação.

A escola municipal Professor Martins de Aguiar também faz uso de quadrinhos em sala de aula. Na referida escola, os quadrinhos mais utilizados são os da Turma da Mônica, Mafalda e Menino Maluquinho. Na referida escola, os quadrinhos são utilizados mais como ferramenta de leitura, interpretação de texto, provas de português, estudo da linguagem e produção de histórias e desenhos.

A professora de Educação Infantil e 4º ano da escola Professor Martins de Aguiar, Angela Pucci, é adepta do uso de quadrinhos em todas as disciplinas que leciona na escola. A professora expôs os trabalhos de quadrinhos produzidos por seus alunos. Um deles era criar uma historinha de no máximo quatro quadrinhos, com uso de lápis comum e lápis de cor, valendo nota, com o intuito de estimular a produção de texto. Para a professora, o aluno só consegue aprender se ler e produzir bastante. No momento da pesquisa, a professora estava dando aula e seus alunos estavam produzindo textos em forma de lendas. A professora explica que o processo envolve as seguintes etapas: 1- Leitura silenciosa; 2- Leitura oral; 3- Interpretação oral; 4- Interpretação escrita; e 5- Produção textual.

Na escola Professor Martins de Aguiar não há Ensino Médio; apenas Ensino Infantil até o 9º ano. Da 1ª até a 3ª série, o foco dos professores é estimular a produção de quadrinhos só com gravuras. Na 4ª e 5ª série, o uso das HQs não é constante, apenas de acordo com a necessidade dos alunos. O foco é leitura, reprodução de histórias e análise do diálogo dos balões. Já da 6ª série até a 9ª, são trabalhadas a análise linguística, fala e ortografia. Nessa

faixa etária, os professores da escola trabalham com a *Turma da Mônica Jovem*, pois os temas abordados constituem temas atuais e de interesse dos jovens, como cidadania, relacionamento, trabalho e diferenças sociais. Além disso, nessa faixa etária a Internet adquire mais força, por isso de vez em quando os professores trabalham os quadrinhos nos sites das revistinhas, como o da Turma da Mônica. Assim como no colégio Master, há exposição de trabalhos de desenhos feitos pelos alunos espalhados pelo mural da escola.

Escola: Professor Martins de Aguiar

Série	Leitura Lúdica	Leitura Dirigida	Produção de Quadrinhos	Uso didático das HQs	Uso auxiliar das HQs (análise dos elementos)
1 ^a	Sim	Sim	Não	Sim	Não
2 ^a	Sim	Sim	Não	Sim	Não
3 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim	Sim	Sim
4 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim	Sim	Sim
5 ^a	Sim	Sim (laboratório de informática)	Sim	Sim	Não
6 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim	Sim	Sim
7 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim (Jornal da escola)	Sim	Sim
8 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim (Jornal da escola)	Sim	Sim
9 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim (Jornal da escola)	Sim	Sim
1 ^o	-	-	-	-	-
2 ^o	-	-	-	-	-
3 ^o	-	-	-	-	-

Tipos de leitura realizados pelos alunos do colégio Professor Martins de Aguiar com quadrinhos. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola

Série	Revista em Quadrinhos	Livro Ilustrado	Romance adaptado em quadrinhos	Livro em quadrinhos	Livro Paradidático
1ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
2ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
3ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
4ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
5ª	Sim	Não	Não	Não	Sim
6ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
7ª	Sim	Não	Não	Não	Sim
8ª	Não	Não	Não	Não	Sim
9ª	Não	Não	Não	Sim (<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>)	Sim
1º	-	-	-	-	-
2º	-	-	-	-	-
3º	-	-	-	-	-

Tipos de livros em quadrinhos que são trabalhados pelos alunos do colégio Professor Martins de Aguiar. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola



Figura 12-A escola expõe trabalhos de desenhos de alunos dentro de sala de aula

Veja abaixo alguns trabalhos de quadrinhos produzidos por alunos do colégio Professor Martins de Aguiar. A atividade consistia em mostrar o cotidiano e o que eles mais gostam na escola:

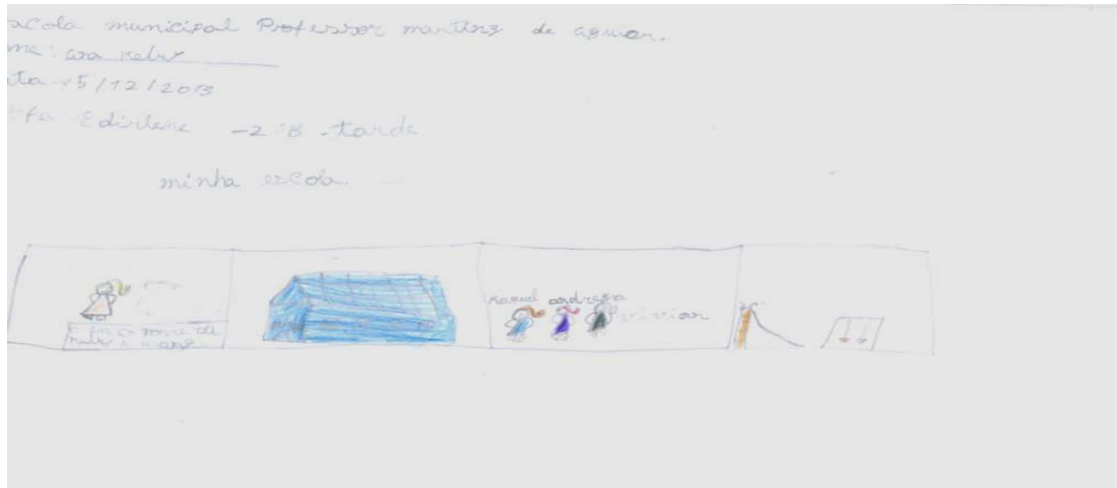
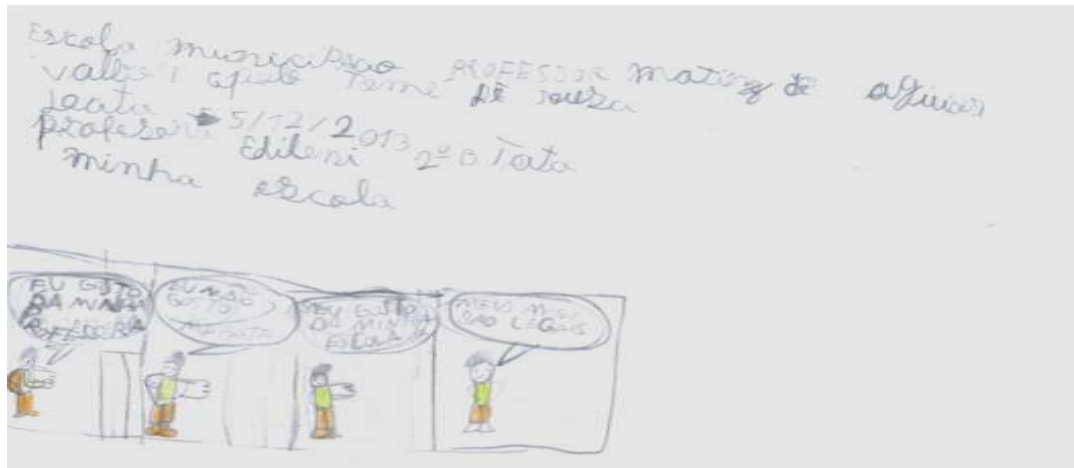
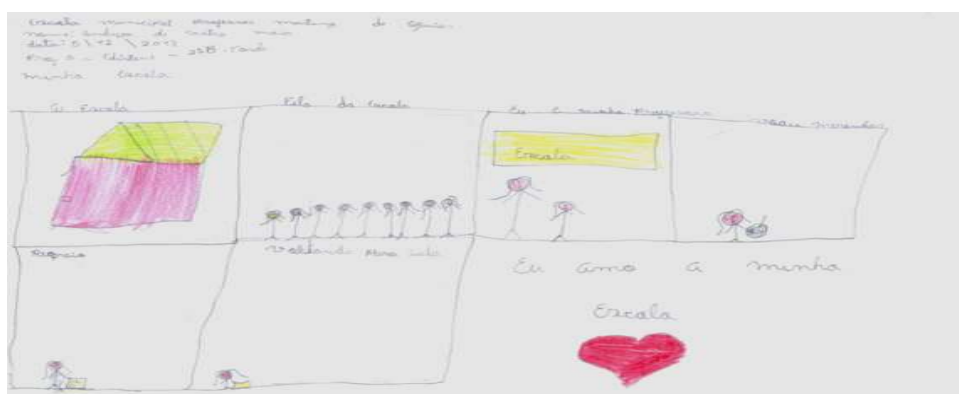


Figura 13-Exemplo de um trabalho feito com quadrinhos para alunos da 2ª série, onde eles retratam a rotina na escola.

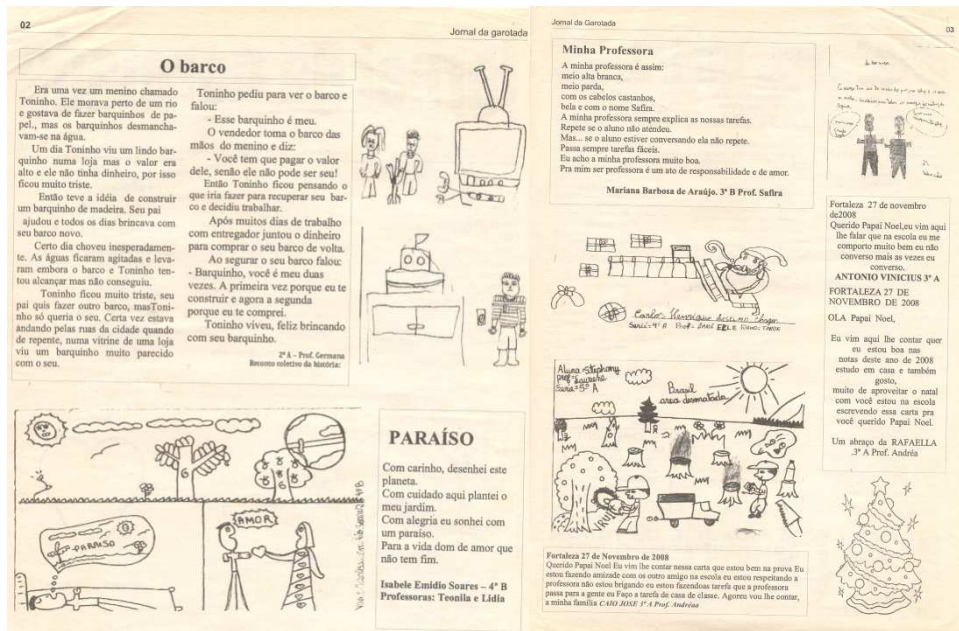


Figuras 14 e 15-Exemplo de um trabalho feito com quadrinhos para alunos da 2ª série, onde eles retratam a rotina na escola.



Na referida escola as publicações utilizadas são as de entretenimento, principalmente as revistas da Turma da Mônica.

Assim como outras escolas da Prefeitura de Fortaleza, a escola Professor Martins de Aguiar possui um jornal com textos produzidos pelos próprios alunos. Nesse jornal, tirinhas e desenhos feitos pelos próprios alunos sempre são destaque. Veja abaixo um exemplo do “Jornal da Garotada”, produzido pelos alunos da escola Professor Martins de Aguiar:



Figuras 16 e 17-Exemplar do “Jornal da Garotada” produzido pelos alunos da escola Professor Martins de Aguiar. Percebe-se o predomínio de desenhos, poesias e desenhos.

Veja na tabela abaixo os tipos de publicações utilizadas pelas escolas analisadas nesse trabalho:

Publicação Educativa Dirigida	Publicação Educativa Geral	Publicação de Entretenimento com Conteúdo Educativo	Publicação de Entretenimento
Colégio Master	Colégio Master	Colégio Master	Colégio Master
-	-	-	C.E. Luiza Martins
-	-	-	Santo Afonso
-	-	-	Prof. Martins de Aguiar

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quadrinhos são uma boa ferramenta de despertar a atenção do leitor e facilitar a compreensão pelo assunto que está em pauta. A História em Quadrinhos é uma linguagem que pode ser usada para o registro, divulgação ou até mesmo em produções científicas, mas é preciso saber usá-la de forma mais eficiente. Nos quadrinhos, é de suma importância a análise descritiva da linguagem visual para nortear e ajudar o leitor no processo de entendimento e leitura visual das imagens. Seja qual for o tipo de quadrinho utilizado, a linguagem utilizada é simples e traz uma mensagem ao receptor, seja para refletir ou simplesmente com o intuito de entreter. No caso dos quadrinhos didáticos, educativos ou infográficos sua utilização vai além do entretenimento, há o intuito de informar ao levar informações úteis de forma mais leve e descontraída, facilitando assim a compreensão. Não importa o leitor, o quadrinho é acessível a qualquer tipo de público, sendo o único requisito para usufruir do produto é saber ler.

Atualmente as histórias em quadrinhos são grandes aliadas dos professores dentro de sala de aula, mas nem sempre foi assim. Antes de ser o fenômeno pedagógico que conhecemos hoje, os quadrinhos sofreram forte rejeição por parte de psicólogos, professores e até pesquisadores, por acharem que era apenas uma forma de lazer, que em nada contribuiria para o aprendizado, podendo fazer com que o aluno perdesse o foco principal, que é aprender o conteúdo que está sendo abordado na disciplina.

Felizmente essa (triste) realidade mudou e os professores se convenceram que os quadrinhos auxiliam no aprendizado, sendo uma forma acessível e didática de transmitir o conteúdo, seja ele de uma disciplina da área de humanas ou exatas. É fundamental que o professor enxergue os quadrinhos com a mesma importância de exercícios comuns, não apenas como uma ferramenta para “descanso” ou “mudar a rotina” da aula. Como todo plano de aula, trabalhar com quadrinhos envolve planejamento para que no final os objetivos sejam alcançados.

Além de proporcionar um momento de lazer, as revistas em quadrinhos ajudam a estimular a criatividade da criança e a desenvolver seu vocabulário. As crianças que desde cedo são estimuladas a ler histórias em quadrinhos terão mais chances de ter a leitura como hobby. Os gibis, como são popularmente conhecidas as revistas em quadrinhos, também são

ótimos aliados em sala de aula, tornando as aulas mais divertidas e dinâmicas; afinal; a missão de ler não é tarefa somente do professor de Português, e sim, de todos os educadores.

Além disso, as HQs auxiliam a criança a compreender melhor o mundo, pois muitas histórias trazem um ensinamento e/ou moral. O uso dos quadrinhos deve ocorrer em paralelo com os livros didáticos, sendo que um não implica na extinção do outro. Portanto, os quadrinhos podem e devem ter uma maior atenção dos pais e educadores.

No caso das escolas que foram objeto da pesquisa para a produção desse trabalho de conclusão de curso, conclui-se que a utilização de quadrinhos é realizada com mais ênfase no Ensino Fundamental, enquanto que no Ensino Médio os professores fazem mais uso de tirinhas em provas. Além disso, os professores avaliam de forma positiva o uso dos quadrinhos dentro de sala de aula, pois percebem que já um interesse maior dos alunos e, conseqüentemente, um maior aprendizado. Durante esse trabalho mostramos como os professores podem trabalhar com quadrinhos em sala de aula, seja qual for a disciplina lecionada, porém nas escolas analisadas percebe-se que os professores de Língua Portuguesa são os que mais fazem uso de HQs dentro de sala de aula e que somente no Colégio Master alguns professores de outras disciplinas ainda fazem uso de tirinhas em provas. Por avaliar de forma rica a pesquisa realizada para esse trabalho, principalmente devido ao tema em questão, essa monografia poderá ser ampliada para um futuro projeto de mestrado e/ou doutorado, especialmente nessa área de Educação e pelo fato dos quadrinhos estarem cada vez mais em evidência nas pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO, Juan. **Como fazer Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Global, 1990.
- ANSELMO, Zilda Augusta. **As histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BANTI, Rafael Silva. **A utilização das histórias em quadrinhos no ensino de Ciências e Biologia**. São Paulo, 2012
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, Alexandre *et alii*. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARROSO, Fabiano Azevedo. **Clássicos em HQ**. São Paulo, Editora Peirópolis. pp 13 a 15. 2013.
- CALAZANS, Flávio. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004.
- CARVALHO, Djota. **A educação está no gibi**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- CARVALHO, Leandro. **História em quadrinhos como incentivo à leitura**. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/orientacoes/historiaquadrinhos-como-incentivo-leitura.htm>>. Acesso em 23 abr. 2013.
- CAGNIN, Antonio L. Abertura, in Calazans, Flavio M. A. (Ed), **As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática**, São Paulo: UNESP, 1997.
- CIRNE, Moacy. **Para ler os quadrinhos –da narrativa cinematográfica a narrativa quadrinizada**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.
- COSTA, Robson Santos. **As histórias em quadrinhos como gênero discursivo contemporâneo**. Rio de Janeiro, RJ, 2009.
- COUPERIE, P. et.al. **História em quadrinhos e comunicação de massa**. São Paulo: MAM Assis Chateaubriand, 1970.
- DEFFUNE, Gláucia. **Relato de uma experiência de história em quadrinhos no ensino da Geografia**. Paraná, 2010.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1970
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

GUIMARÃES, Edgard. **História em Quadrinhos como Instrumento Educacional**. Mato Grosso do Sul, 2001.

GUIMARÃES, Edgard. **Uma Caracterização Ampla para a História em Quadrinhos e seus Limites com Outras Formas de Expressão**. Artigo apresentado no Intercom 1999 -Rio de Janeiro -1999.

IANNONE, L.R.; IANNONE, R.A. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

KLAWA, L., COHEN, H. **“Os quadrinhos e a comunicação de massa”**. In: MOYA, A.Shazam. São Paulo: Perspectiva,pp. 103-124, 1970.

LAJOLO, Maria. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LANGER, Johnni. **O ensino de História Medieval pelos Quadrinhos**. São Paulo, 2009.

LINS, Maria da Penha Pereira. **“ Organização tópica do discurso de sequências de tiras diárias de quadrinhos”**. Cadernos de Estudos Linguísticos 48(1) – , pp 126 a 133. Jan./Jun. 2006.

LOPES, Mariana Ferreira e MIANI, Rozinaldo Antônio. **O potencial educativo dos quadrinhos: análise do uso das Histórias em quadrinhos em sala de aula pelas professoras da escola municipal Olavo Soares Barros**. Paraná, 2008.

MAGALHÃES, Henrique. **A nova onda dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

McCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

MENDES, Maria Regina Saraiva. **El papel educativo de loscomicsinfantiles: (análisis de los estereotipos sexuales)**. 1990. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Facultad de Ciencias de la Información da Universidad Autónoma de Barcelona. Barcelona, 1990.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. **Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e Ensino**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, A. P. et al.(org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro : Lucerna , p. 19-36, 2002

NETO, Elídio e SILVA Marta. **Histórias em quadrinhos e educação: formação e prática docente**. São Paulo: Metodista, 2011.

NETO, Elydio dos Santos e SILVA, Marta Regina Paulo. **Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas: o trabalho em universos ficcionais e fanzines**. São Paulo, 2013.

NUNES, Renata e RODRIGUES Thais. **Quadrinhos e Charges como recursos didáticos para o ensino de Geografia**. São Paulo, 2012.

O'NEIL, Dennis. **Guia Oficial DC comics: roteiros**. São Paulo, SP: Opera Graphica Editora, 2005.

PATO, Paulo Roberto Gomes. **História em quadrinhos : uma abordagem bakhtiniana**. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PALHARES, Marjory Cristiane. **História em quadrinhos: uma ferramenta pedagógica para o ensino de História**. Paraná, 2009.

RAMOS, Paulo. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 2007. 424 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa) .Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAMOS, Paulo. **Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?** Estudos Linguísticos, São Paulo, p. 355-367, set.-dez, 2009

RAMOS, Paulo. **História em quadrinhos: um novo objetivo de estudos**. São Paulo, 2006.

RAMOS, Paulo e Vergueiro, WALDOMIRO. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo, 2004.

RAHDE, Maria Beatriz. **Origens e evolução da história em quadrinhos**. Revista Famecos, Porto Alegre, nº5, novembro 1996.

ROCHA, Viviane Sobral Ribas. Introdução. In: **A construção do sentido em tiras**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Porto Alegre: PUCRS, 2006

RODRIGUES, B.B.A **diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo?** Perspectiva, Florianópolis, v.20, n.01, p.49-64, jan./jun. 2002

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia um estudo de charges da Folha de S.Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

SANTOS, Roberto. **Aplicações da história em quadrinhos**. São Paulo, SP: Comunicação & Educação, 2001.

Serpa, D.& Alencar, M. (1998) As boas lições que aparecem nos gibis. *Nova Escola*, Ano XIII, No. 111, pp. 10-19.

VERGUEIRO, Waldomiro. **A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária**. In: RAMA, Angela, et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006b. p. 31 64.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **As gibitecas: um espaço privilegiado para a leitura e difusão de histórias de quadrinhos no Brasil**. 2006. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas-conteúdo.php>

VERGUEIRO, Waldomiro (org). **Como usar os quadrinhos na sala de aula?**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. **História em quadrinhos**. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Org.). **Formas e**

expressões do conhecimento: Introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 115-149.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Histórias em quadrinhos e ensino: uma dupla cada vez mais dinâmica.** 2005. Disponível em:<http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/esprial/papiro20a.htm>

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática.** São Paulo: Contexto, 2009.

ZUGUANI, Jorge Otávio. O circo de Lucca. São Paulo, SP: Devir, 2007



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

MÁRCIA ANTÔNIA DIAS CATUNDA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO INCENTIVO À LEITURA NAS CRIANÇAS:
A REALIDADE EM ALGUMAS ESCOLAS DE FORTALEZA**

**Fortaleza-Ceará
2013**

MÁRCIA ANTÔNIA DIAS CATUNDA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO INCENTIVO À LEITURA NAS CRIANÇAS:
A REALIDADE EM ALGUMAS ESCOLAS DE FORTALEZA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Ceará (UFC) como exigência final para obtenção do título graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas

MÁRCIA ANTÔNIA DIAS CATUNDA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO INCENTIVO À LEITURA NAS CRIANÇAS:
A REALIDADE EM ALGUMAS ESCOLAS DE FORTALEZA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Ceará (UFC) como exigência final para obtenção do título graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas

APROVADO EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. RICARDO JORGE DE LUCENA LUCAS

Orientador

PROF.DR. EDGARD PATRÍCIO DE ALMEIDA FILHO

Primeiro Membro

PROF.MS.RAIMUNDO NONATO DE LIMA

Segundo Membro

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela minha vida, pela ajuda e proteção, pela Sua força e presença constante, e por me guiar à conclusão de mais uma importante etapa de minha vida;

Aos meus pais Valter Catunda Gondim Filho e Marta Maria Dias Ibiapina, que me ensinaram a viver, e que com muita confiança, dedicação, força e amor, me proporcionaram a realização deste sonho.

Ao meu orientador Ricardo Jorge de Lucena Lucas pela sua dedicação e disponibilidade em me auxiliar a obter o título de graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Ao meu companheiro Rômulo Holanda de Oliveira e todos os meus amigos que acompanharam e estiveram na torcida para que eu conseguisse finalizar mais essa importante etapa da minha vida.

RESUMO

O presente trabalho busca mapear as estratégias adotadas pelas escolas de Fortaleza em relação ao uso de quadrinhos em sala de aula, sendo o objeto na realização desse trabalho as escolas e o uso dos quadrinhos. Muitas vezes vistas com preconceito ou apenas como uma forma de entretenimento, essas revistas possuem muito mais qualidades do que se imagina. De acordo com Roberto Elísio dos Santos (2001) a história em Quadrinhos, ao falar diretamente ao imaginário da criança, preenche suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras. A experiência de folhear as páginas de uma revista de quadrinhos pode gerar e perpetuar o gosto pelo livro impresso, independente de seu conteúdo. A pesquisa foi realizada em quatro escolas de Fortaleza, são elas: Colégio Master, Creche Escola Luiza Martins, Colégio Santo Afonso e Escola Professor Martins de Aguiar. Nesses locais foram ouvidos alunos, professores e coordenadores pedagógicos. Pode-se constatar que eles fazem uso frequente de revistas em quadrinhos e que a mais utilizada é a da Turma da Mônica. Os questionários utilizados na pesquisa de campo nas escolas são compostos por perguntas relacionadas ao uso das revistas em quadrinhos, importância, frequência de uso dos gibis, faixa etária das crianças e quais gibis são utilizados. Também foram analisados a estrutura e as condições das salas onde as crianças desenvolvem os trabalhos com quadrinhos, seja leitura, escrita ou produção de desenhos. Com isso busca-se avaliar se essas condições são adequadas e colaboram com o incentivo à leitura.

Palavras chaves: quadrinhos, leitura, escola.

SUMÁRIO

Introdução	6
Capítulo 1: Gêneros Textuais	7
1.1 Gêneros Textuais: Definição	7
1.2 O Gênero Nos Quadrinhos	10
1.3 Os Quadrinhos Como Forma De Linguagem	15
Capítulo 2: Quadrinhos Na Educação	21
2.1 O Uso Dos Quadrinhos Em Sala De Aula	24
2.2 Como Trabalhar Os Quadrinhos Em Cada Disciplina	28
2.2.1 História Geral E/Ou Do Brasil.....	29
2.2.2 Matemática	30
2.2.3 Física E Química	31
2.2.3 Biologia/Ciências	33
2.2.4 Geografia	35
2.2.5 Língua Portuguesa	36
Capítulo 3: Os Quadrinhos E O Incentivo À Leitura	38
3.1 Como As Escolas Trabalham Com Quadrinhos?	40
3.2 Análise Do Uso Das Hqs Nas Escolas De Fortaleza	40
Considerações Finais	63
Referências Bibliográficas	65

INTRODUÇÃO

Os quadrinhos são conhecidos e lidos em diversos países, principalmente pelo público infantil como forma de entretenimento. Por despertar atenção, muitos professores estão cada vez mais adotando os quadrinhos em sala de aula para estimular o aprendizado. Porém não basta usar os quadrinhos, é preciso saber usá-los para que se possa alcançar resultados positivos no aprendizado e para que não se torne apenas um passatempo durante o horário das aulas.

Foi com esse pensamento que busquei trabalhar essa monografia. Durante a pesquisa de campo nas escolas, foi avaliado como os professores trabalham com quadrinhos e os motivos que os levam a adotar essa ferramenta didática. Como o título da monografia expõe, esse trabalho também visa mostrar como os quadrinhos ajudam a incentivar a leitura, pois essa questão frequentemente aparece em discussões e em trabalhos acadêmicos, sendo os quadrinhos importante objeto de estudo.

O termo “história em quadrinhos” só foi utilizado a partir do início do século XX, quando foram inseridos balões nos desenhos com as falas dos personagens. A partir desse momento, as HQs se tornaram conhecidas em todo o mundo, consolidando o seu consumo entre crianças e jovens, principalmente, com o surgimento dos super-heróis.

Nesse trabalho buscou-se analisar a importância e os benefícios que este meio de comunicação de massa pode trazer para a educação, ao serem incluídos como instrumento pedagógico na escola. Logo quando surgiram, os quadrinhos foram alvo de preconceito, como iremos abordar nesse trabalho, mas passaram a ganhar admiração e o respeito dos pedagogos.

CAPÍTULO 1

O GÊNERO DOS QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos até “bem pouco tempo, eram ainda consideradas como um entrave ao gosto pela leitura, um desvio da obra literária” (MAGALHÃES, 2004, p. 11). Hoje, as HQs já são vistas de forma diferenciada, sendo objeto de diversos estudos acadêmicos em todo o mundo. São compreendidas “não mais como leitura exclusiva de crianças, mas, sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber”, deixando “de ser vistas de forma pejorativa ou preconceituosa” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 9) nas mais diversas esferas sociais.

Como pesquisadora, acredito que além de um bom objeto de estudo, as histórias em quadrinhos vão muito além de um hobby ou passatempo. Elas auxiliam na leitura visual, vocabulário, além de trazer ensinamentos ou até mesmo provocar reflexões. A autora desse trabalho desde a infância contou com a influência dos quadrinhos para ter gosto pela leitura. Mas isso será abordado mais adiante.

Neste capítulo vamos apresentar ao leitor alguns conceitos referentes a gêneros textuais e definir em qual gênero textual os quadrinhos estão classificados. Gêneros textuais são textos que possuem características em comuns, como na linguagem e no conteúdo.

1.1 GÊNEROS TEXTUAIS: DEFINIÇÃO

Para entender os gêneros textuais vamos primeiro definir os gêneros discursivos, afinal os gêneros textuais estão dentro da categoria de gênero discursivo. Bakhtin (1992) enquadra os gêneros discursivos em duas classes: os gêneros primários (simples) - a conversa do oral cotidiana e a carta pessoal - que "sido constituídos em circunstâncias de comunicação verbal espontânea"; e os gêneros secundários(complexos) - o romance, o teatro, o discurso científico e o discurso ideológico, entre outros .

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso e nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero (BAKHTIN, 2003). Os gêneros fazem parte da vida das pessoas e são aprendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social ou membro de alguma comunidade (BAKHTIN, 2003). Portanto, os gêneros devem ser abordados também na escola, mas apresentados sempre em situações reais em que a criança vivencie e interaja com estes, percebendo-os como necessários e essenciais. A escola é a instituição que ao longo do processo de ensino e de aprendizagem deve aproximar os alunos dos gêneros vivenciados no cotidiano e dos mais elaborados.

Qual o gênero discursivo dos quadrinhos? Para se ter uma resposta a essa pergunta, é necessário entender o que é um gênero discursivo. Sérgio Roberto Costa (2006) em seu artigo “Gêneros Discursivos e Textuais: Uma pequena síntese teórica”, trabalha com o conceito de Bakhtin. Veja abaixo como Sérgio explica os gêneros discursivos:

Há atividades ou práticas discursivas, principalmente orais, como a conversação, que usamos na relação imediata com nossos interlocutores. Dialogamos diariamente com pessoas a nosso redor, respondendo a perguntas, opinando, contando casos, piadas, dando ordens etc. São atos conversacionais diversos à nossa disposição, desde há muito tempo. Ou seja, o ato de conversar – a conversação – é um dos gêneros primários da oralidade humana. Gênero primário porque apareceu primeiro, é primitivo, original; não porque é elementar, superficial ou limitado e, por ser oral, poderia ser interpretado como mal construído ou inferior a outro escrito, principalmente porque vivemos numa sociedade grafocêntrica. Bakhtin o chama de *enunciado de gênero primário*.(COSTA, 2006, s/p)

Ainda de acordo com Costa, nesse enfoque enunciativo-discursivo, um enunciado de gênero primário vai ser compreendido por sua relação com o contexto imediato, onde acontece a ação comunicativa. Nessa situação privada, imediata e injuntiva de interlocução face a face de produção, há um autocontrole dos textos que os falantes produzem e esses tipos de enunciados são considerados primários por essa razão.

Sérgio faz outras referências a Bakhtin em seu artigo para explicar o conceito de enunciado de gênero secundário. Veja:

Bakhtin chama de *enunciado de gênero secundário* que constitui uma ação em si mesmo e vai ser compreendido pelas (co)referências entre os enunciados dentro do próprio texto que deve ter sua própria rede de indicações coesas e coerentes. Um gênero primário – a conversação – se transforma em um secundário – o diálogo entre personagens ou a entrevista. Nesse processo de transformação, o secundário traz características do primário, acrescenta novas características da nova esfera discursiva em que circula e se realiza como um novo gênero. Há semelhanças, sim,

entre eles, mas são gêneros diferentes. Não podemos estabelecer claramente as fronteiras entre eles, contudo, por suas características individuais, constituem-se um objeto sempre único, resultado de transformações histórico-sociais.(COSTA, 2006, s/p).

Já os gêneros textuais são textos comuns que encontramos com frequência em nosso dia a dia. Entre os exemplos pode-se citar reportagem, bula de remédio, receita de culinária, carta, horóscopo, edital de concurso entre outros, estabelecendo uma situação de comunicação. De acordo com Marcushi (2002) gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

Marcushi (2002) defende que na produção de cada gênero textual deveria haver natureza da informação ou do conteúdo veiculado, nível de linguagem, tipo de situação em que o gênero se situa, relação entre os participantes e natureza dos objetivos das atividades desenvolvidas. Para ele o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia -a -dia .

Segundo Bernadete Biasi-Rodrigues (2002, p.50), a tipologia tradicional apoia-se em uma classificação triádica para os gêneros textuais não-literários: narração , descrição e dissertação. Esta é a que vem sendo praticada na escola e tratada nos livros didáticos em geral até os nossos dias. As teorias mais recentes, porém, estão mostrando que essa classificação não dá conta das diferentes práticas sociais através da linguagem, ou seja, não contempla os inúmeros gêneros textuais, mas apenas modalidades ou formas de organizar as informações nos mais variados gêneros, que podem ocorrer, não raramente, de forma combinada.

Para Marcushi (2002), já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. Para ele, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa, pois se caracterizam como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Para Bakhtin (2000, p. 279 e 281) os gêneros textuais são “tipos relativamente estáveis de um enunciado” e que dada a riqueza e a variedade dos tipos , eles podem ser separados em dois grupos : gêneros primários – aqueles que fazem parte da esfera cotidiana da linguagem e que podem ser controlados diretamente na situação discursiva, tais como: bilhetes, cartas, diálogos, relato familiar ... – e gêneros secundários – trata-se de textos , geralmente mediados pela escrita, que fazem parte de um uso mais oficializado da linguagem; dentre eles, o

romance, o teatro, o discurso científico..., os quais, por esta razão, não possuem o imediatismo do gênero anterior.

Ainda de acordo com o autor, os gêneros secundários acabam, de certo modo, suplantando os gêneros primários, considerando-se que estes fazem parte de uma troca verbal espontânea, e que aqueles representam uma intervenção nesta espontaneidade, pois se apresentam de modo mais complexo e, geralmente, escritos. Não é absurdo dizer que os gêneros primários são instrumentos de criação dos gêneros secundários. Daí, podem-se apontar as características dos gêneros textuais: são formas-padrão de um enunciado que possuem conteúdo, uma estruturação específica e mutável a partir de relações estabelecidas entre os interlocutores; do mesmo modo, um estilo ou certa configuração de unidades lingüísticas.

1.2 O GÊNERO NOS QUADRINHOS

Os quadrinhos fazem parte de que tipo de gênero textual? Baseado no conceito de Maingueneau (1997), Paulo Ramos (2009) defende que os quadrinhos são considerados hipergênero. Assim, os quadrinhos não são um gênero textual porque são uma forma de hipergênero. Para Ramos, os quadrinhos compõem um campo maior, denominado hipergênero, que agrega elementos comuns aos diferentes gêneros quadrinísticos, como o uso de uma linguagem própria, com elementos visuais e verbais escritos, e a tendência à presença de sequências textuais narrativas. Tais características seriam percebidas em uma gama de gêneros autônomos, unidos por esses elementos coincidentes.

Concordo com as ideias de Paulo Ramos. Pode-se considerar os quadrinhos hipergênero pelo fato de englobarem elementos de diferentes tipos de gênero, geralmente unidos pela linguagem em comum. Isso será discutido com mais aprofundamento nas próximas páginas desse capítulo.

Segundo o autor Dominique Maingueneau (2010), em sua obra “Doze conceitos em análise do discurso”, os hipergêneros não sofrem restrições sócio-históricas: eles apenas “enquadram” uma larga faixa de textos e podem ser usados durante longos períodos e em muitos países. Na opinião do autor, podem ser considerados hipergêneros categorias como diálogo, carta e diário. Como exemplo de diálogo pode-se citar uma conversa pessoalmente entre duas pessoas ou ao telefone, já a carta é um texto que possui como padrão data, cidade,

um cumprimento, e uma despedida no final e pode ser enviada a qualquer pessoa, embora a linguagem possa ser formal ou informal. Diário é um texto onde a pessoa relata seu dia a dia, sentimentos e desejos, em forma de desabafo ou confissão. Para Maingueneau esses formatos de texto servem de base para outros tipos de texto. Por exemplo, um diálogo pode sustentar um romance (como é o caso da obra “As ligações perigosas, de Laclos) e uma carta pode se tornar um editorial de jornal, sendo assim é uma forma que pode assumir diferentes finalidades comunicativas.

Para Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque e Rubem Borges Teixeira Ramos(2012), no artigo “As histórias em quadrinhos: instrumento de informação e de incentivo à leitura”, durante a pesquisa os autores chegaram à conclusão que as histórias em quadrinhos podem ser compreendidas como hipergênero, que agregam diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades. As realidades representadas nas histórias em quadrinhos são de natureza ficcional, porém baseadas em eventos e em modos de pensar e agir reflexos de determinado período histórico. Além disso, os roteiristas precisam adequar as suas experiências e acontecimentos para compartilhá-las com os leitores, criando assim uma atmosfera em que ambos são estimulados não apenas pelo contexto, mas também pela predileção, identificação e reflexão quanto às situações em que seus personagens são inseridos. Os autores chegaram a essa conclusão após estudarem sobre o conceito de gênero e concluírem que “os discursos podem ser organizados em gêneros, os quais são determinados historicamente e que as intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos”.

Segundo Paulo Ramos (2009), podem ser abrigados dentro do hipergênero chamado quadrinhos os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos.

A charge é um texto de humor que aborda um fato ou tema atual e que é destaque nos veículos jornalísticos, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual. Romualdo (2000) vê na relação intertextual um dos elementos constituintes para a charge. O tema do desenho pode ser pautado por notícias reportadas de forma verbal, visual (no caso das fotos) ou verbo-visual. Os políticos são as principais vítimas dos chargistas.



¹ Charge publicada em 19/03/2012 no jornal “DIÁRIO DO POVO” (Campinas/SP) e retirada do site www.juniao.com.br/charges_cartum/

É comum a charge ser confundida com um cartum, devido às semelhanças. Em ambos há humor, desenhos gráficos, possuem linguagem verbal e não verbal e se faz uso de caricatura, porém enquanto na charge é retratado acontecimentos atuais que geralmente envolvem figuras políticas e são destaque nos noticiários, no cartum não são retratados personagens conhecidos e não mostra situações atuais, sendo próximo de uma piada.

Outro gênero que expressa humor são as tiras cômicas. Para Ramos (2007), o gênero usa estratégias textuais semelhantes a uma piada para provocar efeito de humor. Essa ligação é tão forte que a tira cômica se torna um híbrido de piada e quadrinhos, sendo assim a principal característica da tira cômica é o fato dela ser atrelado a uma temática de humor. Além disso, é um texto curto, com um ou mais quadrinhos e os personagens podem ser ou não fixos. É uma narrativa com um desfecho inesperado no final. Segue abaixo exemplo de tira cômica:



²Tira retirada do blog “Resistência” <http://resistenciabr.wordpress.com>

Para Márcia Rodrigues de Souza Mendonça (2005), em sua obra “Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos” em termos visuais as histórias em quadrinhos são facilmente identificáveis, dada a peculiaridade dos quadrinhos, dos desenhos e dos balões. Entretanto, as HQ’s revelam-se um gênero tão complexo quanto os outros no que tange ao seu funcionamento discursivo. Quanto ao tipo textual, as HQ’s são do tipo narrativo, dada a predominância dessa espécie de sequência na maioria dos casos. CIRNE apud Mendonça (2005) define os quadrinhos como “uma narrativa gráfico visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agregam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”. Seja qual for o tipo de quadrinho, há a presença de uma sequência, com começo, meio e fim e que estabelece uma lógica dos fatos narrados. Assim, segundo Márcia Rodrigues de Souza Mendonça podemos situar as HQ’s numa verdadeira “constelação” de gêneros verbais e não-verbais assemelhados e assim caracterizar a HQ como um gênero icônico ou icônico-verbal narrativo cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro. Como elementos típicos, a HQ apresenta os desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas onde é inserido o texto verbal. Para Maria Beatriz Rahde (1996), em seu artigo “Origens e evolução das histórias em quadrinhos”, publicado na Revista Famecos, a atual forma das histórias em quadrinhos que tiveram sua origem nos jornais americanos do século passado, passou a ter um personagem constante, a sequência narrativa das imagens e o balão com o texto/ diálogo.

Para Paulo Ramos (2009) as histórias em quadrinhos mais longas são a base da característica de serem publicadas sem suportes que permitem uma condução narrativa maior

e mais detalhada. É o que ocorre com as revistas em quadrinhos, com os álbuns (nome dado a edições parecidas com livros) e com a página dominical (termo usado para definir as histórias de uma página publicadas em geral nos jornais). Ainda de acordo com Ramos, a diversidade de gêneros, nesse caso, está atrelada a uma série de fatores, como a intenção do autor, a forma como a história é rotulada pela editora que a publica, a maneira como a trama ser recebida pelo leitor, o nome com o qual o gênero foi popularizado e que tornou o gênero mais conhecido junto ao público.

De acordo com as concepções de Bakhtin, podemos considerar que as HQs são gêneros secundários porque elas se apropriam do gênero primário, o diálogo, e o transformam em quadrinhos. Além disso, essa relação dialógica, presente nas histórias em quadrinhos, enfoca a interação entre sujeitos que, mediados pela linguagem, produz discursos tornando os homens parceiros de um ato comunicativo. (ROCHA, 2006, p. 9).

Para Pato (2007) as histórias em quadrinhos são um gênero discursivo secundário, caracterizado pelo hibridismo, heteroglossia ou textualidade intermodal (que é a presença de diferentes linguagens semióticas em um gênero), variados sistemas de signos que no caso dos quadrinhos se apresentam com a linguagem oral, a escrita, a visual, a sonoridade. Hibridismo porque há união de 2 palavras ou mais de origens diferentes nas HQ's. Já a heteroglossia se caracteriza pela diversidade de linguagens e de vozes que entram em um campo de tensões e interconexões em pé de igualdade. Segundo Bakhtin, o dialogismo e a heteroglossia podem ser analisados no discurso, quando diferentes olhares no mundo são integrados a ele através de variados discursos.

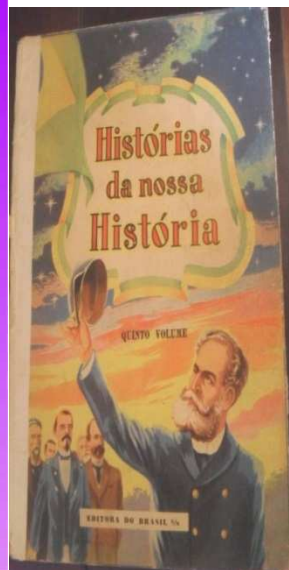
As linguagens e os pontos de vista se mesclam e torna-se impossível separá-los. A linguagem é uma imagem que adota diferentes significados e se abre sempre a novas interpretações. Em relação às linguagens, vamos aprofundar esse aspecto no próximo tópico.

Em relação a arte dos quadrinhos, segundo McCloud (2005), as HQs podem incluir em sua condição hipergenérica conteúdos variados: biográfico, romanceado, satírico, religioso, erótico, poético, social, alegórico, folclórico, etc. Quanto aos estilos de desenhos estes podem, ainda segundo McCloud (2005), variar em graus que os distanciam e os aproximam do realismo e da iconicidade. Podendo ir do complexo ao simples, do objetivo ao subjetivo, e do específico ao universal. Estas riquezas de possibilidade fazem dos quadrinhos uma linguagem moderna e dinâmica.

Confira abaixo diferentes exemplos de gêneros de quadrinhos:



5) Cartilha Educativa retirada do site <http://zinebrasil.wordpress.com>



Quadrinho Didático. Imagem retirada em www.mercadolibre.com.br



Quadrinhos Infográficos – Imagem retirada do site www.sintoniza.com.br em 23 de junho de 2012. Infografia sobre a série TrueBlood

1.3 OS QUADRINHOS COMO FORMA DE LINGUAGEM

Além de jornais e revistas específicas, pode-se encontrar quadrinhos em propagandas, folders, cartilhas educativas, livros pedagógicos, textos informativos e atualmente na Internet, inclusive em redes sociais e são lidos e visto por pessoas de todas as idades. Para Eisner (2001, p. 8), a leitura que um indivíduo faz de uma história em quadrinhos “é um ato de percepção estética e de esforço intelectual”.

Desde os tempos da Pré-História o homem fazia desenhos que remetiam a histórias em quadrinhos, com uma ordem sequencial dos fatos, em pinturas rupestres. Porém de acordo com Edgard Guimarães (1999), em seu artigo intitulado “Uma Caracterização Ampla para a História em Quadrinhos e seus Limites com Outras Formas de Expressão” nem toda pintura rupestre usa a linguagem das HQs; quando um desenho é usado para representar homens e animais isolados, fora de um contexto, isto é classificado como Retrato.

Nos quadrinhos se observa a utilização de dois códigos: o lingüístico e o das imagens. Estes podem ser analiticamente separados, todavia são complementares para a leitura dos quadrinhos. Entretanto, em alguns momentos pode haver predominância de uma ou outra linguagem. Cagnin (1997) destaca que a relevância na linguagem das histórias em quadrinhos se encontra nas imagens; como, por exemplo, nas cores, as ambiências criadas pelas sombras, pelos enquadramentos, que nos informam sobre as características das personagens e do desenvolvimento da ação. Porém, é inegável que quando alguém se depara com uma HQ o que mais desperta a atenção são as imagens e as cores.

A estrutura das histórias em quadrinhos é conhecida basicamente pelas imagens, textos e balões, embora não seja presente em todas as HQ's, pois algumas não possuem texto, apenas imagens com uma sequência lógica. Essa sequência é necessária para que a história em quadrinho seja facilmente compreendida, do começo ao fim, mesmo com a ausência de textos e balões. Barthes (1990, p. 33-34) utiliza um conceito denominado de função de *relais* em que “a palavra e a imagem têm uma relação de complementaridade; as palavras são, então, fragmento de um sintagma mais geral, assim como as imagens, e a utilidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história, o da anedota, o da diegese”. O leitor é quem constrói mentalmente o movimento, a ação, o tempo e o espaço em que a narrativa ocorre.

Na leitura de uma história em quadrinhos encontramos como indicador do discurso direto o “balão”, que não contém só a fala dos personagens, mas também o que eles pensam e sonham. É dotado de um apêndice ou rabicho, um prolongamento que aponta para o emissor, que, segundo Vergueiro (2007, p. 57), alerta o leitor, dando-lhe a seguinte mensagem: “Eu estou falando!”. Conforme Eisner (2001, p. 26), “...os balões captam e tornam visível um elemento etéreo: o som”. Eles requerem a cooperação do leitor, pois se exige que sejam lidos numa sequência determinada para que se saiba quem fala primeiro.

Existem vários tipos de balões em histórias em quadrinhos, onde cada estilo de balão tem um significado. Por exemplo, há balões que expressam diálogos, gritos, símbolos específicos e outros que cujo significado é relacionado a pensamentos e/ou desejos. Veja os exemplos abaixo:



3) A imagem mostra que diferentes tipos de balões são usados para expressar a comunicação dos personagens, seja através da fala, do pensamento ou do grito. Imagem retirada do site <http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/>



4) A tirinha mostra exemplos de balões que expressam fala e pensamento. Tirinha retirada do blog clubedamafalda.blogspot.com

De acordo com Robson Santos Costa (2009), as histórias em quadrinhos podem ser vistas como mais um meio utilizado pelo homem para expressar seus sentimentos, suas crenças e seus valores. Compreender sua linguagem e as características que a singulariza é entender como esse gênero discursivo atua na contemporaneidade, produzindo discursos e, conseqüentemente, memória, sendo mais um instrumento que atua na construção da sociedade contemporânea.

Em uma história em quadrinhos podemos analisar sua linguagem visual (imagens) e linguagem verbal (texto). De acordo com Eisner (1999, p.7), quando se examina uma obra de quadrinhos como um todo, a disposição dos seus elementos específicos assume a característica de uma linguagem “que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público”. O’Neil (2005, p.10) reforça a consideração afirmando que os quadrinhos não são uma “ coleção de palavras e imagens”, isto, para o autor, definiria os livros ilustrados: “para ser uma história em quadrinhos, essas palavras e imagens devem trabalhar juntas da mesma maneira que partes de uma linguagem trabalham juntas”.

De acordo com Eisner (2001, p.08), os processos psicológicos envolvidos na compreensão de uma palavra e de uma imagem são análogos, uma vez que as estruturas da ilustração e da prosa são similares. As HQs utilizam uma série de imagens repetidas e símbolos reconhecíveis que, quando são empregados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam -se uma linguagem. Eisner (2001) chama essa aplicação disciplinada de “gramática” da Arte Sequencial.

A menor unidade narrativa da tira é o quadrinho, também chamado de quadro, de vinheta, de requadro ou de cercadura, que se sucedem no sentido da leitura do texto escrito, ou seja, da esquerda para a direita e de cima para baixo, porém vale ressaltar que no padrão ocidental; o mangá obedece ao padrão oriental de leitura, por exemplo. De acordo com Eisner (2001, p. 10), o mundo visual exigirá nova envergadura leitora, é necessário que o leitor rompa com as convenções da sequência da esquerda para a direita, ou seja, não leia HQ’s somente seguindo o padrão tradicional, a leitura da esquerda para a direita.

Segundo Zugliani (2007, p.110), o vocabulário dos quadrinhos é baseado nos ícones (qualquer imagem que represente uma pessoa, local, coisa ou ideia)¹. O vocabulário dos quadrinhos cresce a cada dia. O mapeamento constante dos elementos que compõem os quadrinhos busca facilitar a assimilação e contribuir com o planejamento de narrativas gráficas tanto para revistas e livros de ficção, como na publicidade, pedagogia ou qualquer área do conhecimento que queira se valer dos potenciais comunicativos da linguagem. Hoje a linguagem dos quadrinhos é bastante utilizada nas disciplinas escolares, como português, matemática, biologia, história, geografia, entre outras.

¹ Porém, há quadrinistas como François Ayroles que trabalham com o conceito de “quadrinhos cegos”, ou seja sem imagens, apenas balão e texto

As histórias em quadrinhos trazem em sua estrutura a união entre a linguagem icônica e verbal. Sua definição, proposta por Cagnin (1975:21), consiste em “um sistema narrativo formado de dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelo desenho; e a linguagem escrita”. Os elementos constitutivos das HQ apresentam uma estética específica, cujas principais características são elencadas por Cirne (1970): o balão, o ruído onomatopaico e o ritmo visual. Segundo o autor (1970 p.25), “na verdade o balão, o ruído onomatopaico e o ritmo visual constituem os elementos fundamentais de uma possível estética dos comics”.

Maria da Penha Pereira Lins (2006) em seu artigo “Organização tópica do discurso de seqüências de tiras diários de quadrinhos”, faz uma análise da linguagem dos quadrinhos com base nas tiras. Na opinião da autora, “o caráter de informalidade e sua elaboração fragmentada, principalmente no que se refere às tiras diárias, faz a aproximação deste texto com o texto falado, uma vez que a tira é constituída de quadros e os tópicos são desenvolvidos dia-a-dia, de tira para tira, numa seqüência em que inserções e mudanças de assuntos promovem continuidades e descontinuidades em sua organização global”.

As histórias em quadrinhos são formadas por diferentes quadros, cuja decodificação só se torna possível à medida que estes forem lidos um a um e englobados em um todo. Essa dinâmica entre todos os quadros que cria o movimento e a ação das HQ, é chamada de ritmo visual. Para Cirne (1970, p.35), “não é a magia formal de um plano isolado, fora de seu contexto, que faz a força de uma estória: é a relação crítica (o desencadeamento de estruturas) entre todos eles”. Esse ritmo é determinado pelo tipo de quadrinho.



7) Tirinha do “ Anjo da Noite”, uma HQ feita no Brasil, baseado em um livro do autor carioca Sandro Araújo. O ritmo tem a ver com o gênero do quadrinho, por exemplo os quadrinhos policiais possuem um ritmo diferente dos quadrinhos de romance. Disponível em <http://100grana.wordpress.com>



8) Exemplo de quadrinhos de romance retirada do site www.ilafox.com. O site reproduz histórias reais de casais noivos em forma de HQ como uma forma de homenageá-los.

No próximo capítulo vamos abordar as diferentes formas de se trabalhar os quadrinhos em sala de aula, com sugestões de didática para professores de qualquer disciplina, fazendo uma relação entre Quadrinhos e Educação.

CAPÍTULO 2

QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO

Mais do que uma opção de lazer e entretenimento, as histórias em quadrinhos atualmente são consideradas grandes meios de comunicação de massa, sendo utilizadas por pessoas de todas as idades, não somente por crianças. Os profissionais de Educação descobriram nas HQ's uma ótima ferramenta didática para auxiliar no aprendizado e incentivar a leitura. Isso será discutido com mais aprofundamento nas próximas páginas desse trabalho.

O espaço adquirido pelas HQ's hoje não corresponde ao mesmo de anos anteriores. Antigamente as histórias em quadrinhos era vistas até com preconceito como explicam os pesquisadores Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos (2009 , p.09) no livro “ *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*”. “As histórias em quadrinhos gradativamente passavam a ser entendidas pela sociedade não mais como uma leitura exclusiva de crianças, mas sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber que podia atingir diversos públicos e faixas etárias. Por outro, paulatinamente deixavam de ser vistas de forma pejorativa ou preconceituosa, inclusive nas áreas pedagógica e acadêmica”. Os autores apontam também que as revistas em quadrinhos eram tidas como material que geravam “preguiça mental” nos estudantes e que afastavam os alunos da chamada “boa leitura”.

De acordo com os autores do artigo “O potencial educativo dos quadrinhos: análise do uso das Histórias em quadrinhos em sala de aula pelas professoras da escola municipal Olavo Soares Barros”, Mariana Ferreira Lopes e Rozinaldo Antonio Miani, a disseminação das histórias em quadrinhos e sua consolidação junto ao público infanto-juvenil suscitaram uma reflexão crítica para os efeitos nocivos dessa literatura no desenvolvimento intelectual e social desses jovens, no período após a Segunda Guerra Mundial. Pesquisadores, educadores e psicólogos rejeitaram os meios de comunicação de massa, incluindo as histórias em quadrinhos. A grande popularidade dos super-heróis foi impulsionada pela Segunda Guerra Mundial, que se tornou o pano de fundo destes enredos. Contudo, a guerra também trouxe

aspectos negativos para o desenvolvimento das histórias em quadrinhos, como a proibição das HQs norte-americanas em alguns países envolvidos no conflito.

De acordo com o autor Djota Carvalho (2007), do livro “A educação está no gibi”, Will Eisner, um dos maiores expoentes dos quadrinhos de todos os tempos, foi contratado pelo governo dos Estados Unidos para produzir quadrinhos instruindo soldados na utilização de equipamentos, no domínio de técnicas de higiene e em outras atividades. Ao perceber o potencial dos quadrinhos para educar, Eisner realizou esse trabalho na Segunda Guerra Mundial, no Vietnã e na Coreia, assim o cartunista decidiu parar de desenhar o Spirit e investir em um instituto criado justamente para produzir quadrinhos educativos e institucionais.

Ainda de acordo com o autor, as críticas em relação aos quadrinhos no Brasil surgiram em 1928, a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles “incutiam hábitos estrangeiros nas crianças”. Em 1944, o Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (Inep) apresentou um estudo no qual afirmava que os quadrinhos causavam “lerdeza mental”. Nesse caso, a preocupação parecia que era o fato das crianças preferirem ler mais quadrinhos a livros.

Esse preconceito só veio a diminuir em 1949, ano que o Congresso Nacional decidiria intervir no assunto, criando uma comissão para analisar os quadrinhos. O relator da comissão, deputado Gilberto Freire, chegou a conclusões bastante positivas em relação aos quadrinhos. As principais foram:

- As HQ's, em si, não são boas nem más, depende do uso que se faz delas;
- As HQ's ajudam na alfabetização;
- Por meio de seus enredos, elas ajudam os leitores a ajustar suas personalidades à época e ao mundo;
- As HQ's preenchem a necessidade de histórias e aventuras da mente infantil.

Já na década de 50 a polêmica foi em relação ao homossexualismo, onde alguns psicólogos afirmavam que os quadrinhos incentivavam o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, como exemplo era citado os personagens Batman e Robin. Porém, o autor Djota Carvalho, ao concordar com Gilberto Freire, diz que não há quadrinhos bons ou ruins, ainda que haja HQ's de boa e má qualidade, sendo assim o que é bom ou ruim é o uso que se faz deles.

De acordo com os autores Mariana Ferreira Lopese Rozinaldo Antonio Miani , no artigo “Histórias em Quadrinhos em sala de aula pelas professoras da escola municipal Olavo Soares Barros”, a primeira publicação brasileira de histórias em quadrinhos foi *OTico-Tico*, lançado em outubro de 1905, baseada no magazine francês *La Semaine de Suzette*. A revista trazia em suas páginas, majoritariamente, decalques de histórias em quadrinhos estrangeiras. Desta forma, *Buster Brown* tornou-se *Chiquinho* e *Katzenjammer Kids*, *Os sobrinhos do Capitão*. Devido à dificuldade de importações por conta da 1ª Guerra Mundial, as publicações brasileiras eram abastecidas por histórias e continuações criadas pelos artistas nacionais.

Segundo Vergueiro e Ramos (2009), no Brasil os quadrinhos só foram oficializados como prática a ser incluída na realidade de sala de aula no ano seguinte ao da promulgação da LDB, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. No Brasil, os PCN propuseram uma releitura das práticas pedagógicas com o intuito de criar um referencial a ser adotado pelos docentes. Desta forma, os PCN incluíram os quadrinhos como linguagem a ser trabalhada em sala de aula, no ensino fundamental e médio, a exemplo dos livros destinados à área de Artes para as séries de 5ª e 8ª que mencionam a necessidade dos alunos serem competentes na leitura de determinadas formas visuais, incluindo as HQ. O mesmo ocorre com os PCN de Língua Portuguesa, que citam a necessidade de uma leitura crítica de charges e as tirinhas como gênero a ser estudado (RAMOS & VERGUEIRO, 2009, p.10).

Os autores Mariana Ferreira Lopes e Rozinaldo Antonio Miani também apontam em sua pesquisa que as histórias em quadrinhos passaram a ser vistas como possível linguagem de caráter educativo graças ao desenvolvimento das pesquisas no campo da Comunicação. Este novo olhar iniciou-se em estudos na Europa e foi difundido para outros países, reavaliando as antigas críticas de que este meio seria prejudicial ao desenvolvimento infanto-juvenil, fazendo com que as HQ adquirissem, ainda que lentamente, um novo status.

De acordo com Waldomiro Vergueiro (2004), no livro “Como usar os quadrinhos na sala de aula”, a inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito. Nesse momento, as HQs apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda temia-se que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas. No entanto, constatando os resultados favoráveis de sua utilização, alguns autores de livros didáticos –

muitas vezes, inclusive, por solicitação das próprias editoras –, começaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras, ampliando sua penetração no ambiente escolar. Ainda de acordo com ele, no Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções.

O potencial educativo dos quadrinhos é justificado por Vergueiro (2004,p.21) pelos seguintes pontos: os estudantes gostam de ler quadrinhos; palavras e imagens juntas ensinam de forma mais eficiente; existe um alto nível de informação nos quadrinhos; as possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos; os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito da leitura; os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes; o caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar; os quadrinhos tem um caráter globalizador; os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema. Incluindo dois fatores importantes: a acessibilidade e o baixo custo.

Para Paulo Ramos (2006) em seu artigo “ Histórias em Quadrinhos: um novo objeto de estudos”, o pesquisador aponta que as razões que motivaram pesquisas com histórias em quadrinhos a partir dos anos 90 ainda precisam de investigação mais detalhada. Ele acredita que pelo menos dois pontos exerceram algum tipo de influência, como a presença dos quadrinhos nos exames vestibulares, em especial no da Universidade Estadual de Campinas e a inclusão da linguagem nas práticas pedagógicas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados pelo governo federal. Os dois itens levaram a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor.

2.1 O USO DOS QUADRINHOS EM SALA DE AULA

É cada vez mais comum os professores fazerem uso de histórias em quadrinhos dentro de sala de aula facilitar o aprendizado e deixar o conteúdo mais atrativo aos alunos. Waldomiro Vergueiro (2004, págs 21 a 25), no livro “Como usar os quadrinhos na sala de aula” aponta alguns motivos pelos quais os quadrinhos auxiliam no ensino. Seguem abaixo alguns deles:

- Os estudantes querem ler os quadrinhos
- Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente
- Existe um alto nível de informação nos quadrinhos
- As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos
- Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura
- Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes
- O caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar
- Os quadrinhos têm um caráter globalizador
- Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema

O uso de quadrinhos em sala de aula fica mais a critério do professor, de acordo com seus objetivos didáticos, não há regras específicas para fazer uso dessa metodologia como explica Vergueiro:

No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma idéia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. Em cada um desses casos, caberá ao professor, quando do planejamento e desenvolvimento de atividades na escola, em qualquer disciplina, estabelecer a estratégia mais adequada às suas necessidades e às características de faixa etária, nível de conhecimento e capacidade de compreensão de seus alunos. (VERGUEIRO, 2004, p.26).

Ainda de acordo com o pesquisador, a aplicação das histórias em quadrinhos deverá se adaptar ao cronograma do curso, sendo utilizadas na sequência normal das atividades e sem qualquer destaque em relação a outras linguagens ou alternativas didáticas. A utilização da leitura de gibis como um momento de relaxamento para os alunos, uma espécie de descanso no uso de materiais mais nobres, pode atingir resultados exatamente opostos aos pretendidos. Ou seja: a aula não deve parar quando da introdução da leitura de quadrinhos, como se também o professor estivesse necessitando de um descanso na sua árdua tarefa de ensino. Além disso, é importante que o professor saiba selecionar o material que vai ser utilizado em sala de aula, devendo levar em consideração os objetivos educacionais que se deseja alcançar e que o educador tenha familiaridade suficiente com o meio, conhecendo os principais

elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa.

Quando os quadrinhos são utilizados adequadamente, permitem a reflexão crítica, que se constrói pela mediação do professor, devendo ir muito além “da simples leitura ou preenchimento de balões em branco como atividade para a escrita” (Palhares apud Pizarro, 2005, p.45).

Na opinião do pesquisador Erinaldo Alves do Nascimento (2013, p.07) no livro “Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas: o trabalho em universos ficcionais e fanzines”, as escolas precisam dialogar mais com a vida e uma maneira disso acontecer, dentre outras possibilidades, é oportunizar encontros entre o professorado e os estudantes que permitam o surgimento de provocações e estranhamentos a partir da interação com diferentes modalidades de artefatos predominantemente visuais. A produção de narrativas ficcionais e de fanzines nas escolas podem ser uma maneira interessante e inventiva de dinamizar e modificar processos educacionais. Ainda de acordo com ele, os fanzines podem ser feitos em diferentes formatos e suportes, podendo utilizar os materiais convencionais, como recortes de revistas e jornais, ou serem diagramados e digitados em computadores. A elaboração de fanzines, neste caso, ajuda no bom uso e no aproveitamento eficiente de equipamentos de informática nas escolas, além disso os fanzines também colaboram eficazmente em processos educacionais em processos educacionais que precisam estabelecer conexões transversais, inter e transdisciplinares. Podem servir como um elo para disciplinas diferentes, empenhadas no mesmo propósito educacional, se revelando também como ótimos processos de avaliação, especialmente quando são relacionados com processos contínuos ou como uma maneira de averiguar os conhecimentos acumulados pelos estudantes. Em suma, os fanzines podem ser vistos como indicadores e produtos relacionados com processos significativos de aprendizagem e avaliação educacional. Veja abaixo uma imagem que mostra o processo de produção de um fanzine:



Processo de produção de fanzine. Imagem retirada do site megaartigos.com.br

Edgard Guimarães (2001) em seu artigo “História em Quadrinhos como Instrumento Educacional” classifica as publicações de HQ’s usadas como instrumento educacional em 4 categorias: a edição voltada exclusivamente para o mercado de livro didático; - a edição com objetivo de ensino mas voltada ao público em geral; - a edição com objetivo de entretenimento mas com forte conteúdo educacional; - e as edições com objetivo unicamente de entretenimento. O pesquisador também explica cada uma das categorias:

Publicação Educativa Dirigida. Os livros voltados para a adoção em escolas há muito usam o recurso das Histórias em Quadrinhos, mas de forma bastante limitada. Normalmente trazem algumas páginas quadrinizadas em seu conteúdo. Um bom exemplo de utilização da HQ para o ensino está nos livros de inglês básico, onde os diálogos simples entre alguns personagens são valorizados quando colocados em seqüências quadrinizadas. As imagens auxiliam bastante o entendimento dos textos. Embora as HQs estejam presentes em um número significativo de livros didáticos, raramente se vê uma edição feita totalmente em quadrinhos ser adotada como livro-texto no ensino regular. Fora do ambiente escolar, mas também com objetivo de ensino e voltado a um público dirigido, existem várias experiências.



Tirinha criada na Oficina de Desenho André Brown para a campanha contra a DENGUE e divulgada pelo Jornal Bem Forte com o apoio da Casa Cruz. Tirinha retirada do site cartumfazescola.zip.net.

Publicação Educativa Geral. As edições de Histórias em Quadrinhos que trazem conteúdo informativo consistente, mas são voltadas para o público em geral, não são raras, mas ainda não são um segmento de mercado bem explorado.

Publicação de Entretenimento com Conteúdo Educativo. As edições que não visam à educação, mas têm conteúdo informativo e são um segmento mais explorado pelas editoras. São incluídos nesta categoria os livros reunindo charges editoriais de jornais. Embora o tom seja o humor, fazem o registro da história recente do país.

Publicação de Entretenimento. As revistas e livros de Histórias em Quadrinhos destinadas puramente ao entretenimento têm também sua participação na formação de um indivíduo, que não se limita, obviamente, à sua educação formal. Ao contrário, a formação de uma pessoa é feita, em grande parte, dentro de seu convívio social, do qual fazem parte os meios de comunicação de massa, dos quais a História em Quadrinhos está, no momento, sendo analisada.

2.2 COMO TRABALHAR OS QUADRINHOS EM CADA DISCIPLINA

As histórias em quadrinhos podem ser trabalhadas em sala de aula com crianças, adolescentes ou até mesmo na faculdade. Em relação às disciplinas, cada professor tem sua própria maneira de trabalhar com as HQ's e trabalha quando acha necessário ou conveniente, entretanto é importante que o professor faça um bom planejamento e saiba utilizar os quadrinhos da melhor maneira possível, de forma que possa alcançar os objetivos almejados. Em *A linguagem dos quadrinhos: uma "alfabetização" necessária*, Vergueiro (2006) admite que "a 'alfabetização' na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o

aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização”. Faz-se necessária a capacitação dos educadores para uma melhor assimilação da linguagem dos quadrinhos, possibilitando com isto seu uso como recurso didático pedagógico de maneira mais eficaz. Veja abaixo sugestões de como aproveitar os quadrinhos de maneira didática em qualquer disciplina, seja ela da área de humanas, biológicas ou exatas.

2.2.1. HISTÓRIA GERAL E/OU DO BRASIL

De acordo com Johnni Langer(2009) , autor do artigo “ O ensino de História Medieval pelos Quadrinhos”, pode- se recorrer à escolha de uma temática em especial, cruzar informações e refletir sobre as formas de adaptação artística sobre o passado, neste caso confrontando a HQ com filmes e obras literárias. Várias questões e problemáticas podem ser desenvolvidas para qualquer forma de quadrinho, tanto como auxílio para o professor preparar sua aula quanto para os alunos desenvolverem suas reflexões, após a leitura do material selecionado. Algumas delas podem ser desenvolvidas com a colaboração de professores de outras áreas, como educação artística (no quesito arte e imagem) e português (especialmente para questões de redação e linguagem). Já o autor Djota Carvalho (2007), do livro “A educação está no gibi”, defende que há duas linhas possíveis a serem seguidas para usar HQ’s nessa disciplina: mostrar como os quadrinhos se inserem ou foram usados em episódios históricos da humanidade e como retratam a história.



Fragmentos de uma história em quadrinhos da Turma da Mônica que aborda o momento histórico da independência do Brasil. Retirado do blog cantinho da leitura2009.blogspot.com.br

2.2.2 MATEMÁTICA

Apesar de ser uma disciplina de exatas, é possível trabalhar com Matemática nos quadrinhos. Carvalho (2007) explica que além das figuras geométricas que existem nos quadrinhos e que é possível fazer o aluno identificá-las, é possível trabalhar com potenciação e/ou multiplicação ou proporção. No caso da proporção ela pode ser usada caso o aluno opte por produzir quadrinhos, para que o aluno saiba quantos centímetros de largura e comprimento vai precisar utilizar para produzir sua tirinha.

Na opinião da autora desse trabalho, as formas citadas pelo autor são bastante válidas, porém assim como no ensino de História do Brasil, é possível pegar um exemplo fácil de quadrinhos para se trabalhar a Matemática. Vamos usar o mesmo exemplo citado acima, a Turma da Mônica.

No caso da turma criada por Maurício de Sousa, há uma famosa personagem gulosa chamada Magali. Então é possível aliar a personagem ao ensino da Matemática, ao colocar questões para crianças do Ensino Fundamental, do tipo: “Magali tem 8 frutas e comeu 3, quantas frutas sobram?”



Personagem Magali comendo frutas. Além de ensinar a criança a ter uma alimentação saudável, é possível fazê-la aprender matemática de forma descontraída.

2.2.3 FÍSICA E QUÍMICA

Disciplinas consideradas muitas vezes difíceis pela maioria dos alunos, pode-se pensar que é inviável encaixar os quadrinhos nessas disciplinas, ainda mais se tratando de alunos do Ensino Médio, que enxergam os quadrinhos de forma diferente do público infantil, às vezes com menos empolgação. Então nessas disciplinas o professor deve estimular ainda mais a sua criatividade para despertar o interesse dos alunos e, mais ainda, fazê-los aprender um conteúdo muitas vezes considerado “chato e complicado”. Carvalho (2007) sugere que no ensino dessas disciplinas sejam tomados como exemplos os super heróis, como as Meninas Super Poderosas. No caso da Física, podem-se citar as meninas no exemplo: as Meninas Super Poderosas estão em ação e precisam atravessar 120 quilômetros em 60 minutos para alcançar o monstro que ameaça a Cidade City. Qual a velocidade média da ação das heroínas?

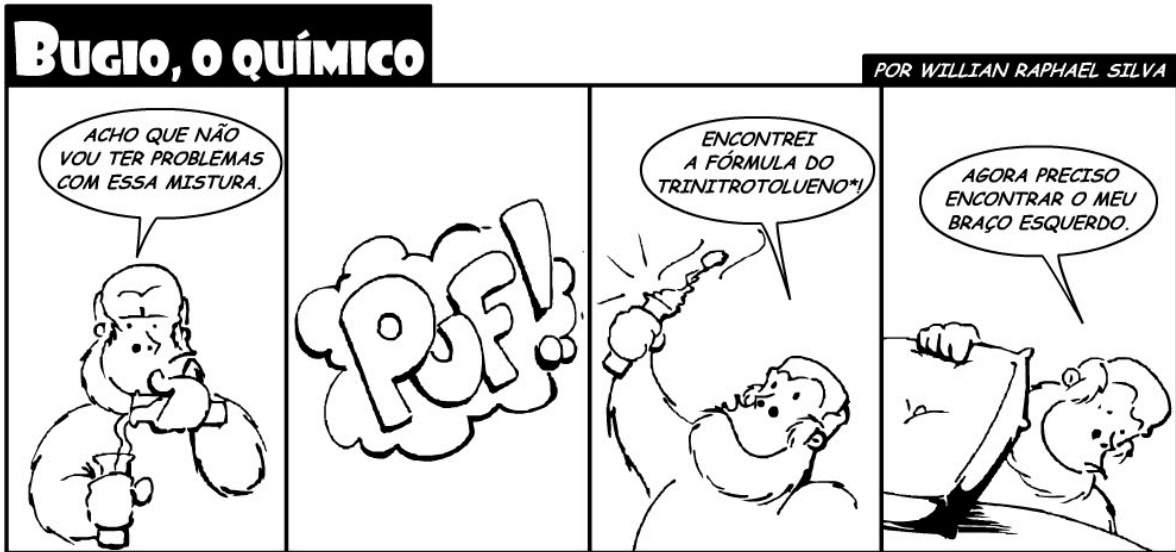


As famosas meninas Super Poderosas podem ser aliadas no aprendizado da Física. Imagem retirada do site ripando.com.br

Os pesquisadores Leonardo André Testoni e Maria Lúcia Vital dos Santos Abib ao desenvolverem o artigo “Histórias em Quadrinhos e o Ensino de Física: Uma Proposta para o ensino sobre inércia” fizeram uma pesquisa de campo com alunos de uma escola em São Paulo. Na pesquisa foi solicitado aos alunos que desenhassem uma pequena HQ que abordasse o tema ‘inércia’. Nesta fase do trabalho, os pesquisadores explicam que esperava-se que o princípio da inércia estivesse suficientemente compreendido pelos alunos, a ponto destes conseguirem criar Quadrinhos criativos e coerentes.

Ao analisarem as HQ produzidas pelos discentes puderam constatar que na sua grande maioria apresentavam um elevado grau de criatividade, organização e inteligibilidade, obedecendo aos padrões tradicionais de uma História em Quadrinho.

Já no caso do ensino de Química, Carvalho (2007) sugere que alguns famosos personagens dos quadrinhos sejam utilizados como exemplos, entre eles o Eléktron (para o ensino dos elétrons), Incrível Hulk e Quarteto Fantástico (para teorizar sobre radiação) e até o mesmo o Homem-Aranha (citando como exemplo as teias). Porém, não é necessário apenas usar esses personagens, alguns menos conhecidos podem ser exemplos para citar algum conteúdo relacionado à Química. Veja os exemplos abaixo:



Explicação da tirinha: O Trinitrotolueno (TNT) é um produto químico altamente explosivo. É usado por profissionais para demolir casas, muros e prédios. Tirinha retirada do site <http://www.humorcomciencia.com>

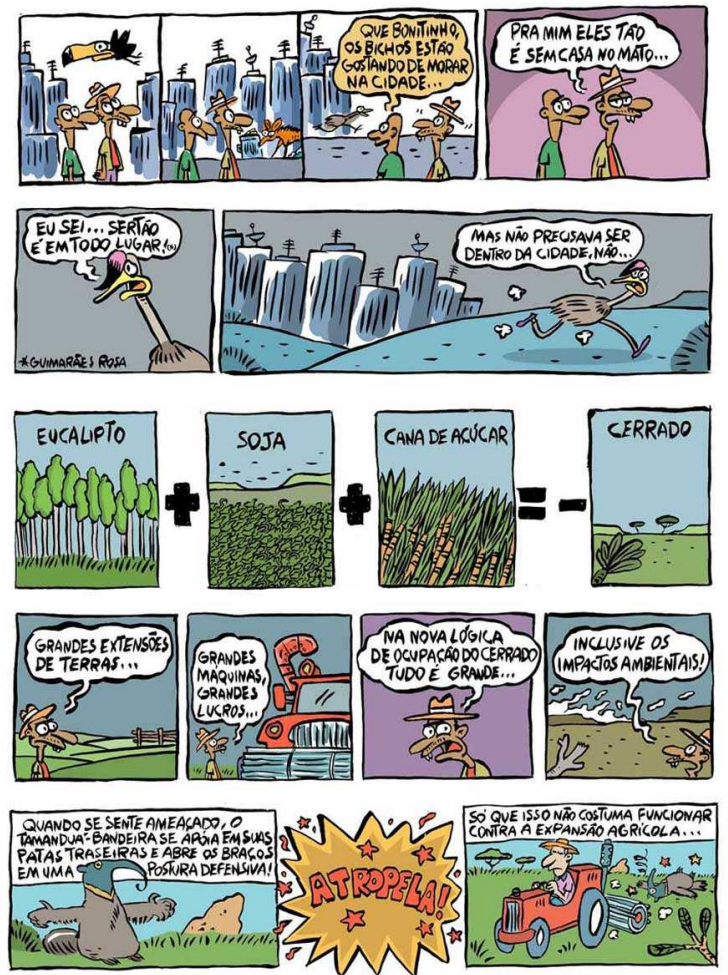


Explicação da tirinha: A banana é um alimento rico em potássio. O potássio é um elemento químico metálico prateado e mole pertencente ao grupo dos metais alcalinos, na tabela periódica é o símbolo K. Tirinha retirada do site <http://www.humorcomciencia.com>

2.2.4 BIOLOGIA/CIÊNCIAS

Também no ensino da Biologia, Carvalho (2007) sugere que os super heróis sejam bons exemplos a serem dados aos alunos dessa disciplina, como o Homem-Aranha, pelo fato de possuírem poderes ligados a animais. Assim como os animais, os vegetais são um objeto de estudo da Biologia, então o autor sugere que personagens ecológicos como o monstro do

Pântano sirvam de inspiração para os professores. Nesse ramo é comum encontramos quadrinhos educativos que ensinam a importância de cuidar da natureza ou temas que estão sempre em discussão como o aquecimento global. Veja alguns exemplos abaixo:



Cartoons retirados do site www.humorambiente.blogspot.com.br de autoria do cartunista Alves

O ensino de Ciências dentro da sala de aula torna-se essencial para observar se o professor é capaz de provocar no aluno um olhar crítico do desenvolvimento científico, tecnológico e social. Diferentes abordagens de ensino são relevantes para essa incitação ao pensamento crítico e ao posicionamento social do aluno, e cabe ao professor abrir novas possibilidades para a discussão entre os mesmos, podendo, pois, os estudantes capazes de modificar a dinâmica da aula sendo eles os principais agentes das suas construções de conhecimento (BANTI *apud* CANDELA *apud*: WINCH, 2007).

Ensinando Ciências e Biologia as HQs possibilitam a pesquisa pedagógica ao analisar o emprego e as contribuições dessa tecnologia educacional no ensino, somada às vantagens de

sua aplicação em sala de aula, bem como a formação da alfabetização científica nas séries iniciais escolares (BANTI *apud* PIZARRO e JUNIOR, 2009).

2.2.5 GEOGRAFIA

Carvalho (2007) explica que boa parte dos autores de histórias em quadrinhos pesquisa exaustivamente as características geográficas (topografia, relevo, vegetação, clima) do local onde quer ambientar a história. Assim, é possível utilizar as HQs nas aulas para mostrar essas características.

O autor aponta a personagem Mafalda como um ótimo personagem para trabalhar o ensino da Geografia, pensamento compartilhado pelas autoras Renata Nunes e Thais Rodrigues (2012) da Universidade Federal de São Carlos no artigo “Quadrinhos e Charges como recursos didáticos para o ensino de Geografia”

Nunes e Rodrigues defendem que “com a tirinhas da Mafalda podem-se trabalhar diversas temáticas, como projeções cartográficas X ideologia, questões referentes a formas de governo, problemáticas ambientais, globalização entre outros temas, tanto políticos como físicos”.



"Mafalda e o Globo I"



"Mafalda e o Globo II"

Tirinhas retiradas do site <http://cageos.wordpress.com>

Em seu artigo “Relato de uma experiência de história em quadrinhos no ensino da Geografia”, a pesquisadora Glauca Deffune (2010) aponta os objetivos de se inserir HQ’s no ensino de Geografia:

Ampliar a capacidade de observação e de expressão; despertar o prazer estético; aguçar o senso de humor e a leitura crítica; correlacionar mensagem verbal e não-verbal; correlacionar cultura informal e formal; conhecer e respeitar as variantes linguísticas do português falado; desvendar as formas coloquiais da linguagem; dominar conceitos relacionados às áreas do conhecimento; aproximar as informações científicas, artísticas e históricas do universo social do aluno; produzir textos; desenvolver o protagonismo do estudante e a autonomia na elaboração e execução de projetos escolares. (DEFFUNE, p.157-159, 2010)

No final de sua pesquisa, a pesquisadora concluiu que é por meio das HQs que o professor consegue visualizar se o aluno desenvolveu uma observação mais sistematizada e reflexiva ou não, pois, a utilização deste recurso é uma tempestade de ideias (brainstorm), que como atividade deverá contribuir para a livre expressão dos alunos, desvinculada de qualquer sistematização prévia pelo professor, parte do desorganizado ou do problema, para a organização do raciocínio ou para a solução do problema apresentado, caracterizando-se como ferramenta pedagógica muito rica, proporcionando liberdade de expressão e desenvolvimento do potencial do aluno.

2.2.6 LÍNGUA PORTUGUESA

A disciplina de Língua Portuguesa é uma das quais mais de usa quadrinhos na sala de aula com o intuito de estimular o aprendizado. Carvalho (2007) explica que justamente por serem histórias, as HQ's representam um rico material para se trabalhar em Português, podendo se trabalhar com crianças que sequer ainda sabem escrever. Como misturam texto e imagem, as HQ's se tornam muito atraentes para esse público. O autor recomenda que os professores dessa disciplina trabalhem os seguintes aspectos:

- Leitura Crítica e Interpretação de Texto
- Criatividade
- Caracterização de personagens/regionalização/ortografia
- Concisão/coesão de texto
- Metáforas visuais

Além das crianças, o público jovem também é estimulado com o aprendizado através dos quadrinhos. Frequentemente encontra-se tirinhas em provas e vestibulares, para que o aluno possa responder a questões relacionadas a vocabulário, interpretação de texto, figura de linguagem, entre outras. Enquanto que na criança o educador estimula mais a criatividade e a

identificação dos personagens, nos jovens se trabalha mais questões específicas da língua portuguesa e análise crítica do texto, desenvolvendo a capacidade de argumentação. Isso será abordado com mais detalhes no próximo capítulo. Veja abaixo exemplos de como as tirinhas são abordadas em provas:



Toda Mafalda. Joaquim Salvador Lavado, (Quino), São Paulo: Martins Fontes. 1993, p.111

2. A menina do texto

- (A) chora de tristeza ao verificar que está trocando dentes.
(B) está trocando seus dentes de leite e não gosta disso.
 (C) reclama da dor que sente ao trocar os dentes.
 (D) usa o espelho para observar a beleza dos seus dentes.

Questão abordada na Prova Brasil de Língua Portuguesa para o 5º ano. Fonte: Revista Nova Escola



(*A tarde*, Salvador, 01.07.2007. Adaptado.)

01. a) Na tirinha, há três ocorrências da palavra *se*. Indique o sentido de cada uma delas nas frases em que ocorrem.
 b) Reescreva a última frase da tirinha, alterando o registro para a norma padrão da língua portuguesa, em primeira pessoa do plural.

Questão abordada na prova de conhecimentos específicos do vestibular de 2008 da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

No próximo capítulo vamos abordar como os professores das escolas de Fortaleza trabalham com os quadrinhos dentro de sala de aula.

CAPÍTULO 3

OS QUADRINHOS E O INCENTIVO À LEITURA

Neste capítulo vamos abordar de que maneira os quadrinhos contribuem para o incentivo à leitura e como os professores de algumas escolas de Fortaleza trabalham com quadrinhos em sala de aula.

É comum nos depararmos com discussões a respeito de incentivo à leitura, principalmente para o público infantil. Uma das maneiras usadas para estimular a leitura nas crianças é a apresentação das revistas em quadrinhos, pelo fato de estes produtos apresentarem uma leitura leve, divertida, personagens das mais diversas personalidades e páginas coloridas. O jornalista e doutor em Comunicação Roberto Elísio dos Santos (2001), em seu artigo “Aplicações das histórias em quadrinhos”, é um dos defensores das histórias em quadrinhos como estímulo de leitura para as crianças:

A História em Quadrinhos, ao falar diretamente ao imaginário da criança, preenche suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras. A experiência de folhear as páginas de uma revista de quadrinhos pode gerar e perpetuar o gosto pelo livro impresso, independente de seu conteúdo. Além disso, o aprendizado por meio do uso de quadrinhos é mais proveitoso. (SANTOS, 2001, p.3)

As histórias em quadrinhos promovem o interesse não somente das crianças, mas também do público adulto, sendo reconhecidas e elogiadas até pelos críticos. Atualmente muitos defendem que as crianças estão lendo cada vez menos, devido a interesses por outras formas de lazer, como a televisão, o vídeo-game e a Internet. No caso de um país em desenvolvimento como o Brasil, há ainda o fato de ter muitas pessoas de baixa renda que não podem comprar livros ou revistas. Porém, é sabido que até muitas crianças de famílias de classe média alta também não tem possuem o hábito da leitura. Roberto Elísio dos Santos também apresenta em seu artigo os possíveis motivos para esse fato:

O fato de o hábito da leitura ter diminuído nas últimas décadas pode ser creditado a um fator cultural: o brasileiro não está sendo instigado a ler ou por causa da censura nos anos 70, ou devido à falta de incentivo por parte das escolas e dos pais, pelo número reduzido de bibliotecas ou até mesmo pela violência, que retira os jovens de classe média das ruas e impede sua incursão pelas bancas de jornal, onde encontram material que pode abrir as portas para a leitura, a exemplo da História em Quadrinhos. O preconceito existente contra os quadrinhos por parte de pais e educadores fecha a possibilidade de utilizar este veículo de comunicação para incentivar a leitura. (SANTOS, 2001, p.3)

Há quem considere as histórias em quadrinhos apenas uma forma de entretenimento, mas elas possuem uma grande participação na formação intelectual da criança. Para Iannone (1994), as Histórias em Quadrinhos estimulam e incentivam o leitor a buscar também outros tipos de leitura, uma vez que, juntamente com os livros, são instrumentos saudáveis para estimular a imaginação e o raciocínio de jovens e crianças. De acordo com Vergueiro (2005), as HQs, juntamente com o cinema, são o meio de comunicação de massa mais importante do século XX, ampliando-se, a partir da década de 1930, para praticamente todos os países do mundo. De acordo com Alves (2001):

A história em quadrinhos [...] é um meio de comunicação de massas, cujas histórias são narradas através de imagens desenhadas e texto inter-relacionados [...]. Além de informar e entreter, tem junto a outros meios de comunicação de massa um papel na formação da criança. A história em quadrinhos é transmissora de ideologia e, portanto, afeta a educação de seu público leitor. (ALVES, 2001. s/p)

Com a consciência da importância das HQs no incentivo à leitura das crianças, algumas escolas já deixam disponíveis revistas em quadrinhos na biblioteca. Em outubro de 2011, a Escola Municipal Prefeito Max Colin, de Joinville, promoveu o “Projeto Gibi”, onde alunos do Ensino Fundamental realizaram trabalhos para diversas disciplinas baseados nos gibis da Turma da Mônica. A escolha pelos personagens de Mauricio de Sousa ocorreu por causa do ambiente familiar que os quadrinhos trazem. “Normalmente, os outros gibis têm personagens individuais, não criam um vínculo”, explicou a professora Patrícia Feuser Quindel. Segundo ela, com o projeto, os alunos melhoraram a escrita, a leitura, e aumentaram o vocabulário.

De acordo com os autores Elydio dos Santos Neto e Marta Regina Paulo da Silva, autores do artigo “Histórias em Quadrinhos e Educação: histórico e perspectivas”, nas décadas de 1970 e 1980, os quadrinhos ampliaram seu espaço nas telas de TV e do cinema, o

que, junto com os estudos e debates acerca das HQs como meio de comunicação de massa, revigorou novamente a sua produção, com o surgimento de outros personagens, histórias e gêneros. Durante a década de 1930, a maioria das HQs desenhada no Brasil era dirigida ao público infantil, sempre com influência das histórias norte-americanas, em especial a Disney, que terminaram por controlar quase todo o mercado de HQs brasileiro. Ainda segundo os autores, as histórias em quadrinhos podem constituir-se em um recurso interessante para serem trabalhadas em sala de aula, mas, apesar dos avanços já feitos no que diz respeito à sua utilização na educação escolar, ainda há que se desobstruir este caminho de antigos preconceitos que permanecem. As HQs podem dar uma contribuição interessante para o processo de olhar/sentir/pensar/decidir, uma vez que elas auxiliam a superação da cultura logocêntrica, isto é centrada na palavra, que se tornou dominante em nossas escolas.

O objetivo dessa monografia é justamente retratar a importância e os benefícios que a leitura de histórias em quadrinhos traz para as crianças. Escolhi esse tema porque além de gostar de HQ, desde criança meus pais incentivaram a minha leitura com revistas em quadrinhos. Deu certo e passei a ler também outros tipos de revistas, assim como jornais e livros. Até que decidi ser jornalista, certamente esses fatores tiveram uma influência nisso. Na minha pesquisa, foram analisadas quatro escolas de Fortaleza: Creche Escola Luiza Martins, Colégio Santo Afonso, Colégio Master e Escola Professor Martins de Aguiar.

3.1 COMO AS ESCOLAS TRABALHAM COM QUADRINHOS?

A utilização das histórias em quadrinhos no ensino faz com que os alunos tenham um bom rendimento nas escolas, possibilitando um melhor desempenho no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Waldomiro Vergueiro (2004, p. 21), “há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano de crianças e jovens, sua leitura sendo muito popular entre eles. [...] As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico”.

Ler não é somente decodificar palavras, mas saber identificar: odores, cores, sons, luzes etc. “Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço, diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos alcançam” (MARTINS, 2006, p.11).

Para Lajolo (1993, p.59) “ler é ser capaz de atribuir aos textos significados, relacionando-o a todos os outros textos. É perceber as inferências que o texto traz consigo, permitindo melhor esclarecimento para o leitor”.

Desde o período da pré-história, o homem tem contato com desenhos. Já naquela época, eram comuns desenhos onde os homens relatavam nas paredes das cavernas suas experiências com caçada.

Nely Novaes Coelho, em sua obra “A Literatura Infantil”, afirma que as histórias em quadrinhos são tão válidas quanto os livros de figuras como processo de leitura acessível às crianças pequenas. Desta forma, ela destaca que psicólogos, como por exemplo Claparède², acreditam que as crianças, ao lerem as histórias em quadrinhos, não somente se divertem como também satisfazem uma necessidade interior e instintiva, a necessidade do crescimento mental, inerente ao ser em desenvolvimento.

Segundo um artigo de Serpa e Alencar sobre HQs em sala de aula, publicado em 1988 na revista Nova Escola, ficou confirmado, após uma pesquisa sobre hábitos de leitura dos alunos, que 100% deles (ou seja, todos os alunos) gostavam mais de ler quadrinhos do que qualquer outro tipo de publicação. O artigo também mostra que as HQs podem ser utilizadas em todos os níveis de aprendizado, desde a fase de alfabetização até o ensino universitário.

Muitos críticos censuram a utilização de HQs em salas de aula; argumentam que os gibis desestimulam a leitura de livros e contribuem para a formação de adultos que não gostam de ler. VERGUEIRO (2004, p.20) discorda desta afirmação: “muitas pesquisas apontam que crianças que começam a ler com os quadrinhos têm mais facilidade para ler outros livros e procuram outras fontes de informação”.

As vantagens na utilização deste tipo de recurso didático são o baixo custo de aquisição dos gibis, a fácil localização deste material e a familiarização dos estudantes com este meio de comunicação. A combinação de imagens, onomatopeias e texto atraem a atenção dos estudantes, e estimulam o estudo e o conhecimento.

² **Édouard Claparède** foi um neurologista e psicólogo do desenvolvimento infantil, que se destacou pelos seus estudos nas áreas da psicologia infantil, da pedagogia e da formação da memória. Em 1912 fundou em Genebra o *Institut Jean-Jacques Rousseau*, uma academia voltada para a investigação e o ensino da psicologia e da psicopedagogia, hoje integrada na Universidade de Genebra.

Se os pais podem e devem incentivar as crianças a lerem histórias em quadrinhos, na escola os professores também podem utilizar o mesmo método, como revela Leandro Carvalho, mestre em História, em seu artigo “História em quadrinhos como incentivo à leitura”. Veja a citação na próxima página:

As histórias em quadrinhos podem introduzir um tema que posteriormente será abordado a partir de outras perspectivas de ensino; podem ser apresentadas como complemento de um conceito já trabalhado pelo professor; e podem ser utilizadas para provocar debates e discussões em sala de aula, além de trazer o aluno para o universo da leitura. Para adotar a história em quadrinhos em sala de aula, caberá ao professor realizar um planejamento das atividades na escola para estabelecer a estratégia mais didática para uma determinada faixa etária. Qual história utilizar e qual tema abordar serão escolhas do professor (CARVALHO, 2008, s/p).

Segundo Mendes (1990), as histórias em quadrinhos, como recurso didático, apresentam a vantagem de serem de fácil acesso e não exigirem mediadores técnicos para a sua leitura. Para a autora, se por um lado o livro infantil e a escola caminharam sempre juntos e complementando-se mutuamente, o mesmo não ocorreu com as histórias em quadrinhos. Pelo contrário, as histórias em quadrinhos normalmente só eram lidas às escondidas do professor, entre uma aula e outra. Apesar de suas extraordinárias possibilidades como meio educativo, têm sido marginalizadas, exaltando-se somente a sua facilidade de entretenimento.

É muito importante para o leitor iniciante, seja de HQs ou de outras modalidades, poder contar com pessoas realmente capazes de lhe impulsionar o interesse pela leitura, ampliando sua visão para um mundo novo prestes a ser revelado.

3.2 ANÁLISE DO USO DAS HQs NAS ESCOLAS DE FORTALEZA

Para realizar essa pesquisa, visitei quatro escolas com diferentes perfis: públicas e particulares, de pequeno e grande porte. As escolas não tiveram uma análise específica para a escolha, os critérios foram analisar escolas de diferentes perfis, em bairros próximos para facilitar o deslocamento e que de alguma maneira trabalhassem com quadrinhos em sala de aula. Além da pesquisa bibliográfica, foi realizada uma pesquisa de campo nas escolas, com aplicação de questionário aos professores e coordenadores pedagógicos e coleta de trabalhos que envolvem quadrinhos com o objetivo de descobrir como os professores trabalham com quadrinhos em sala de aula, os motivos que os fazem a usar essa metodologia de ensino e os

efeitos. Veja abaixo as perguntas utilizadas no questionário com professores e coordenadores pedagógicos:

- 1- Qual a disciplina que você leciona?
- 2- Há quanto tempo trabalha com quadrinhos?
- 3- De que forma trabalha com quadrinhos?
- 4- Por que decidiu usar os quadrinhos como metodologia de ensino?
- 5- Em sua opinião, os quadrinhos contribuem para o aprendizado? Por quê?

Mais adiante serão apresentadas tabelas sobre o uso de quadrinhos em sala de aula e os materiais utilizados nas escolas.

Na Creche Escola Espaço Educacional Luiza Martins, em Fortaleza, as professoras trabalham com crianças de 3 a 8 anos e utilizam as revistas em quadrinhos nas salas de leitura duas vezes por semana. “Para as crianças de 3 a 5 anos, só fazemos mostrar os desenhos, já as de 6 a 8 anos fazem contar as histórias”, revelou a auxiliar pedagógica Marta Goes. Ela avalia de forma positiva o uso de HQs na escola: “Os quadrinhos dão resultado no incentivo à leitura. As crianças até perguntam quando será o dia em que vamos ler as histórias. As preferidas são as da Turma da Mônica e do Bob Esponja”, revelou. Além de revistas em quadrinhos, são utilizados fantoches, livros de auto relevo e filmes infantis.

Veja os resultados na tabela abaixo. Para facilitar a compreensão, veja os significados dos termos trabalhados:

- Leitura lúdica: fora de sala de aula
- Leitura dirigida: dentro de sala de aula
- Produção de quadrinhos: produção de HQ's em uma determinada disciplina
- Uso didático das HQs: Uso em provas, exercícios e atividades pedagógicas
- Uso auxiliar das HQs : Análise crítica dos quadrinhos em sala

Escola: Espaço Educacional Luiza Martins

Série	Leitura Lúdica	Leitura Dirigida	Produção de Quadrinhos	Uso didático das HQs	Uso auxiliar das HQs (análise dos elementos)
1 ^a	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
2 ^a	Sim	Não	Sim	Sim	Sim (sínteses)
3 ^a	Sim	Não	Sim	Sim	Sim (discussão)
4 ^a	-	-	-	-	-
5 ^a	Sim	Sim (sala de leitura)	Sim (em provas)	Sim	Não
6 ^a	-	-	-	-	-
7 ^a	-	-	-	-	-
8 ^a	-	-	-	-	-
9 ^a	-	-	-	-	-
1 ^o	-	-	-	-	-
2 ^o	-	-	-	-	-
3 ^o	-	-	-	-	-

1. Os tipos de leitura utilizadas na escola em cada série. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola.

Série	Revista em Quadrinhos	Livro Ilustrado	Romance adaptado em quadrinhos	Livro em quadrinhos	Livro Paradidático
1 ^a	Sim	Sim	Não	Não	Não
2 ^a	Não	Sim	Não	Não	Sim
3 ^a	Não	Sim	Não	Não	Sim
4 ^a	-	-	-	-	-
5 ^a	Sim	Não	Não	Não	Sim
6 ^a	-	-	-	-	-
7 ^a	-	-	-	-	-
8 ^a	-	-	-	-	-
9 ^a	-	-	-	-	-
1 ^o	-	-	-	-	-
2 ^o	-	-	-	-	-
3 ^o	-	-	-	-	-

2. Os tipos de livros utilizados na escola em cada série. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola

No Espaço Educacional Luiza Martins, a prioridade são as publicações de entretenimento, principalmente por causa do público infantil. Destaque para os quadrinhos da Turma da Mônica e livros de histórias infantis. Veja abaixo duas fotos do espaço de leitura da escola:



Figura 1-Sala de leitura do Espaço Educacional Luiza Martins



Figura 2- Livros utilizados para contação e leitura de histórias

No Colégio Santo Afonso, escola pública e do Governo do Estado do Ceará, que comporta alunos a partir da sexta série, localizado também em Fortaleza, as professoras também fazem uso de gibis; porém, em pesquisa de campo realizada dentro da escola foi constatado que apenas duas professoras da 6ª série do Ensino Fundamental utilizam os quadrinhos como ferramenta didática. A escola possui uma biblioteca com um ambiente harmônico, com diversos livros e com revistas em quadrinhos disponíveis para leitura, mesmo que em pouca quantidade. Além das revistinhas, a biblioteca também disponibiliza clássicos da Literatura em quadrinhos, como “O Guarani”, “O Cortiço”, “Memórias de um Sargento de Milícias” e “O Alienista”. Outros livros disponíveis são “Tédio no Chiqueiro”, “João de Calais” e “Bando de Dois”. Os clássicos são utilizados com alunos do 8º e 9º ano. A biblioteca da escola ainda conta com um sistema denominado “Correio Literário”, onde o aluno, quando gosta de um livro, deixa recomendado para um colega no mural da biblioteca.

Outro fato interessante é que a escola faz um campeonato de “Soletando”, quadro do programa *Caldeirão do Huck*, da Rede Globo, onde os participantes soletram uma palavra e, se estiver correta, ganham prêmios. Essa é mais uma forma de incentivar a leitura entre os alunos.

A professora de Língua Portuguesa da 6ª série, do Colégio Santo Afonso, Ivone Dantas, explica que faz uso de quadrinhos de diversas maneiras: “Realizo em sala de aula produção textual individual e em grupo. Trabalho com os alunos as diferenças entre historinhas e tirinhas, acho que as historinhas deixam a leitura mais prazerosa. Meus alunos escolhem um tema e produzem uma história em quadrinhos relacionada a esse tema e reprodução de historinhas. Essa metodologia melhora o vocabulário, a produção textual e a ortografia”. A professora expôs os trabalhos com quadrinhos de seus alunos, todos realizados com folhas de ofício e com uso de lápis comum e lápis de cor.

A professora Rosângela Lúcia, que também trabalha no Colégio Santo Afonso no 6º ano, utiliza os quadrinhos de forma semelhante, mas com algumas diferenças: “Eu gosto de trabalhar muito a interpretação de texto, a narração e o desenho. Costumo trabalhar a predição onde, através do título, o aluno deduz o conteúdo da historinha, assim como a criação de uma nova tirinha utilizando os mesmos personagens da tirinha que foi lida anteriormente. Na gramática, exploro as figuras de linguagem e gosto de usar as tirinhas em provas”, revela. Veja abaixo o levantamento na escola:

Escola: Santo Afonso

Série	Leitura Lúdica	Leitura Dirigida	Produção de Quadrinhos	Uso didático das HQs	Uso auxiliar das HQs (análise dos elementos)
1 ^a	-	-	-	-	-
2 ^a	-	-	-	-	-
3 ^a	-	-	-	-	-
4 ^a	-	-	-	-	-
5 ^a	-	-	-	-	-
6 ^a	Sim (apenas alunos)	Sim	Sim	Sim	Sim (Interpretação, produção, debate)
7 ^a	Sim (na biblioteca)	Não	Não	Não	Não
8 ^a	Sim (na biblioteca)	Não	Não	Não	Não
9 ^a	Sim (na biblioteca)	Não	Não	Não	Não
1 ^o	Não	Não	Não	Não	Não
2 ^o	Não	Não	Não	Não	Não
3 ^o	Não	Não	Não	Não	Não

2.3 Os tipos de leitura utilizadas na escola em cada série. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola

Série	Revista em Quadrinhos	Livro Ilustrado	Romance adaptado em quadrinhos	Livro em quadrinhos	Livro Paradidático
1ª	-	-	-	-	-
2ª	-	-	-	-	-
3ª	-	-	-	-	-
4ª	-	-	-	-	-
5ª	-	-	-	-	-
6ª	Sim (<i>Turma da Mônica e Garfield</i>)	Não	Não	Não	Sim
7ª	Não	Sim	Não	Sim	Sim
8ª	Não	Sim	Não	Sim	Sim
9ª	Não	Sim	Não	Sim	Sim
1º	Não	Não	Não	Não	Não
2º	Não	Não	Não	Não	Não
3º	Não	Não	Não	Não	Não

2.4 Os tipos de livros utilizados na escola em cada série. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola



Figura 3- Biblioteca do Colégio Santo Afonso. Principal espaço de leitura da escola

Veja a seguir alguns exemplos de questões aplicadas no simulado para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) no Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio. O material foi organizado pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC):

Observe a imagem abaixo:

fonte: <http://historiativanet.wordpress.com/category/historia-do-brasil/republica-velhaespada-e-cafe-com-leite/>

01. Ao ler a tirinha acima, temos uma ideia de como teria sido noticiada a Proclamação da República (15/11/1889) caso a Internet já existisse.

No entanto, aprendemos que, no início da República, a partir da década de 1930, um meio de comunicação estava realmente "bombando". Qual seria esse meio de comunicação de massa?

TE: 03 | E.O.: ____

() televisão
() periódicos (jornais e revistas)
() rádio

Figura 4- Questões do simulado do ENEM do Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio

Leia o texto abaixo.

Disponível em: <<http://comicsgarfield.blogspot.com/>>. Acesso em: 3 dez. 2010. (P090559ES_SUP)

Questão 11 P090559ES

Nesse texto, o tom irônico está presente

A) na primeira observação do rapaz.
B) na expressão concentrada do gato.
C) no que o rapaz acha da natureza.
D) no que o gato pensou sobre os sapatos.

BL01P12

Figura 5- Questões do simulado do ENEM do Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio.

Leia o texto abaixo.

Copyright © 1999 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5453
Disponível em: <<http://www.monica.com.br/comics/lirinhas/tira2.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2011. (P090619EX_SUP)

Questão 19 P090620EX

Nesse texto, o fato que provoca humor é

A) a menina dizer que achou legal aquele papel de parede.
B) a menina dizer que faltava uma coisa para ficar perfeito.
C) o menino deixar os materiais espalhados pelo chão.
D) o menino precisar lembrar onde é a porta do quarto.

Questão 20 P090619EX

No último quadrinho, a menina demonstra estar

A) irritada.
B) insatisfeita.
C) curiosa.
D) assustada.

Questão 21 EPP11013

Figura 6- Questões do simulado do ENEM do Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3ºano do Ensino Médio

Questão 39 P120311EX

Leia o texto abaixo.

Disponível em: <<http://www.google.com.br/images?um=1&hl=ptBR&biw=1419&bih=727&tbs=isch%3A1&sa=1&q=hist%C3%B3rias+em+quadrinhos+do+calvin&aq=f&aql=&aqf=&aq=>>>. Acesso em: 26 fev. 2011. (P120168EX_SUP)

O humor desse texto reside

A) na contradição entre a expressão do menino e a do tigre no primeiro quadrinho.
B) na dúvida do tigre em chamar a mamãe para buscá-los no passeio.
C) no fato do menino tentar parecer que é valente, mas sentir medo.
D) no fato do tigre afirmar que estavam perdidos, mas estarem no quintal de casa.
E) no formato da palavra dita pelas personagens no último quadrinho.

Figura 8- Questões do simulado do ENEM do Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3ºano do Ensino Médio

No Colégio Master, escola particular de grande porte em Fortaleza, há o projeto “Giroleta”, que consiste em um projeto de leitura de gibis e livros de história. São montadas bancas de revistas em quadrinhos e há salas específicas somente para leitura de gibis. Na lista de material escolar para os alunos do Ensino Fundamental do colégio, revista em quadrinhos é item obrigatório. “As crianças fazem a leitura visual, realizam desenhos e exercícios criando outras histórias. Além disso, elas criam diálogos e fazem o reconhecimento de personagens”, ressaltou a coordenadora pedagógica Betina Bezerra. No colégio, os gibis estão sempre expostos para as crianças e os mais usados são os da Turma da Mônica e gibis de campanhas educativas. Porém, Betina acredita que antigamente os gibis faziam mais sucesso entre o público infantil: “Na minha época, há uns 40 anos atrás, os gibis tinham bem mais espaço nas escolas e na nossa vida, os livros eram menos acessíveis e as bancas limitavam o acesso aos gibis. Hoje, com a tecnologia, as crianças estão lendo menos gibis; além disso, o preço de uma revistinha é alto”, lamentou.

Ainda na referida escola, foi observada a exposição de trabalhos de desenhos feitos pelas crianças espalhados nos murais do colégio. A coordenação do Ensino Fundamental possui espaço de leitura de revistas em quadrinhos e jogos infantis.

O projeto de leitura da escola “Giroleta”, que foi mencionado anteriormente, é voltado para alunos do Infantil II ao 8º ano. Os estudantes alugam um livro por semana e, após a leitura, fazem uma análise escrita ou desenhada do livro. Com isso, eles leem em média 40 livros por ano. Além disso, o aluno que ler mais livros ganha um certificado.

A professora de Língua Portuguesa do Colégio Master, Flávia Barbosa, trabalha com quadrinhos desde quando começou a dar aulas e explica porque faz uso da metodologia: “Ensino para os alunos da sétima série e do primeiro ano do ensino médio, porém no primeiro ano faço uso apenas em provas. Para os alunos do ensino fundamental eu passo trabalhos em casa com quadrinhos. Por causa da faixa etária, os quadrinhos possibilitam muito aprendizado e estimulam a criatividade”, justifica.

Outro fato curioso observado na escola é que as salas da quarta e quinta série possuem uma cestinha com várias revistas em quadrinhos. Após o conteúdo dado em sala de aula, há espaço para a leitura. E de acordo com a professora Politiana Pinto, da sexta série até a oitava, é comum serem realizados debates em sala de aula sobre os assuntos atuais que são abordados nas historinhas, entre eles Internet, namoro, amizade e comunicação. Confira o resumo da pesquisa nas tabelas a seguir:

Escola: Master

Série	Leitura Lúdica	Leitura Dirigida	Produção de Quadrinhos	Uso didático das HQs	Uso auxiliar das HQs (análise dos elementos)
1 ^a	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
2 ^a	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
3 ^a	Sim (quadra, quiosque)	Sim	Sim	Sim	Não
4 ^a	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
5 ^a	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
6 ^a	Não	Sim	Sim	Sim	Sim (em provas)
7 ^a	Não	Sim	Sim	Sim	Sim (em provas)
8 ^a	Não	Sim	Não	Sim	Sim (em provas)
9 ^a	Não	Não	Não	Sim	Não
1 ^o	Não	Não	Não	Não	Não
2 ^o	Não	Não	Não	Não	Não
3 ^o	Não	Não	Não	Não	Não

Tipos de leitura realizados pelos alunos do colégio Master com quadrinhos

Série	Revista em Quadrinhos	Livro Ilustrado	Romance adaptado em quadrinhos	Livro em quadrinhos	Livro Paradidático
1ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
2ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
3ª	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
4ª	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
5ª	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
6ª	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
7ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
8ª	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
9ª	Não	Sim	Sim	Não	Sim
1º	Não	Não	Não	Não	Não
2º	Não	Não	Não	Não	Não
3º	Não	Não	Não	Não	Não

A tabela mostra que tipos de livros em quadrinhos são trabalhados com os alunos do colégio Master

O Colégio Master dá prioridade a publicações educativas dirigidas e publicações de entretenimento. As principais são Turma da Mônica, Disney, Cartilhas Educativas, fábulas, cartas, poemas e obras clássicas como *Dom Quixote em Quadrinhos* e *Cinderela em Quadrinhos*.

Veja a seguir algumas provas do Colégio Master e perceba como os quadrinhos são trabalhados na escola:



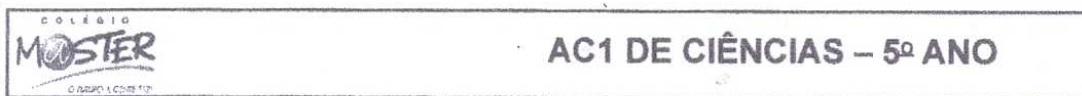
Data: ___ / ___ / ___

Aluno(a):				Nº:	
Ano: 4º	Segmento: Ens. Fund.		Turma:	Turno:	Etapa: II
Disciplina: Produção Textual			Equipe: Português		
AC1 <input checked="" type="radio"/>	AC2 <input type="radio"/>	AC3 <input type="radio"/>	2ª CH <input type="radio"/>	ARP <input type="radio"/>	ARF <input type="radio"/>
Total de Escores: 100		Escore Obtidos:		Nota:	



Figura 9 - Prova da 4ª série de Língua Portuguesa do Colégio Master. Na prova, o aluno deve ler a tirinha acima e produzir uma redação com base no conteúdo abordado na tirinha. Boa ferramenta de produção textual.

Veja agora uma prova de Ciências da 5ª série:



02. Observe a tirinha e responda corretamente:



kidimagens.com

2.1 Explique para Mafalda que, além de fonte de inspiração, a luz do Sol é de grande importância na saúde dos nossos ossos.

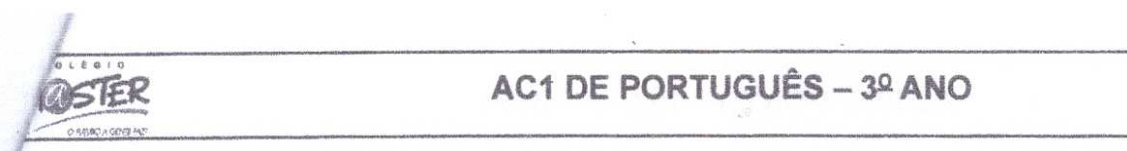
T.E.: 03 E.O.: ____

2.2 Que vitamina a luz do Sol transforma a partir da gordura do nosso corpo?

T.E.: 01 E.O.: ____

Figura 10-Prova de Ciências dos alunos da 5ª série do Colégio Master. Percebe-se que não é somente nas disciplinas de Português que os quadrinhos podem ser utilizados como ferramenta de aprendizado.

Veja agora exemplo de uma prova de Língua Portuguesa da 3ª série:



10. Por que Jon, o dono de Garfield, lhe deu um presente?

T.E.: 01 | E.O.: ____

11. Garfield gostou do presente que ganhou? Justifique.

T.E.: 02 | E.O.: ____

12. O sinal gráfico utilizado na fala do Garfield no último quadrinho chama-se:

T.E.: 01 | E.O.: ____

- a) cedilha
- b) reticências
- c) travessão
- d) dois-pontos

Figura 11-Nas questões abordadas com base na tirinha, o aluno deve saber interpretação de texto e ter conhecimentos de pontuação.

A escola municipal Professor Martins de Aguiar também faz uso de quadrinhos em sala de aula. Na referida escola, os quadrinhos mais utilizados são os da Turma da Mônica, Mafalda e Menino Maluquinho. Na referida escola, os quadrinhos são utilizados mais como ferramenta de leitura, interpretação de texto, provas de português, estudo da linguagem e produção de histórias e desenhos.

A professora de Educação Infantil e 4º ano da escola Professor Martins de Aguiar, Angela Pucci, é adepta do uso de quadrinhos em todas as disciplinas que leciona na escola. A professora expôs os trabalhos de quadrinhos produzidos por seus alunos. Um deles era criar uma historinha de no máximo quatro quadrinhos, com uso de lápis comum e lápis de cor, valendo nota, com o intuito de estimular a produção de texto. Para a professora, o aluno só consegue aprender se ler e produzir bastante. No momento da pesquisa, a professora estava dando aula e seus alunos estavam produzindo textos em forma de lendas. A professora explica que o processo envolve as seguintes etapas: 1- Leitura silenciosa; 2- Leitura oral; 3- Interpretação oral; 4- Interpretação escrita; e 5- Produção textual.

Na escola Professor Martins de Aguiar não há Ensino Médio; apenas Ensino Infantil até o 9º ano. Da 1ª até a 3ª série, o foco dos professores é estimular a produção de quadrinhos só com gravuras. Na 4ª e 5ª série, o uso das HQs não é constante, apenas de acordo com a necessidade dos alunos. O foco é leitura, reprodução de histórias e análise do diálogo dos balões. Já da 6ª série até a 9ª, são trabalhadas a análise linguística, fala e ortografia. Nessa

faixa etária, os professores da escola trabalham com a *Turma da Mônica Jovem*, pois os temas abordados constituem temas atuais e de interesse dos jovens, como cidadania, relacionamento, trabalho e diferenças sociais. Além disso, nessa faixa etária a Internet adquire mais força, por isso de vez em quando os professores trabalham os quadrinhos nos sites das revistinhas, como o da Turma da Mônica. Assim como no colégio Master, há exposição de trabalhos de desenhos feitos pelos alunos espalhados pelo mural da escola.

Escola: Professor Martins de Aguiar

Série	Leitura Lúdica	Leitura Dirigida	Produção de Quadrinhos	Uso didático das HQs	Uso auxiliar das HQs (análise dos elementos)
1 ^a	Sim	Sim	Não	Sim	Não
2 ^a	Sim	Sim	Não	Sim	Não
3 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim	Sim	Sim
4 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim	Sim	Sim
5 ^a	Sim	Sim (laboratório de informática)	Sim	Sim	Não
6 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim	Sim	Sim
7 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim (Jornal da escola)	Sim	Sim
8 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim (Jornal da escola)	Sim	Sim
9 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim (Jornal da escola)	Sim	Sim
1 ^o	-	-	-	-	-
2 ^o	-	-	-	-	-
3 ^o	-	-	-	-	-

Tipos de leitura realizados pelos alunos do colégio Professor Martins de Aguiar com quadrinhos. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola

Série	Revista em Quadrinhos	Livro Ilustrado	Romance adaptado em quadrinhos	Livro em quadrinhos	Livro Paradidático
1ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
2ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
3ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
4ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
5ª	Sim	Não	Não	Não	Sim
6ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
7ª	Sim	Não	Não	Não	Sim
8ª	Não	Não	Não	Não	Sim
9ª	Não	Não	Não	Sim (<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>)	Sim
1º	-	-	-	-	-
2º	-	-	-	-	-
3º	-	-	-	-	-

Tipos de livros em quadrinhos que são trabalhados pelos alunos do colégio Professor Martins de Aguiar. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola



Figura 12-A escola expõe trabalhos de desenhos de alunos dentro de sala de aula

Veja abaixo alguns trabalhos de quadrinhos produzidos por alunos do colégio Professor Martins de Aguiar. A atividade consistia em mostrar o cotidiano e o que eles mais gostam na escola:

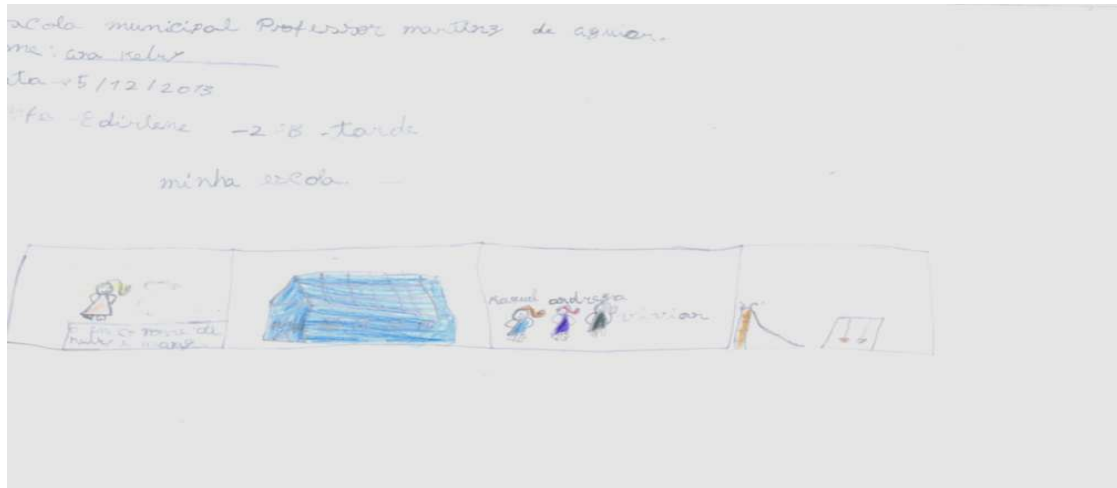
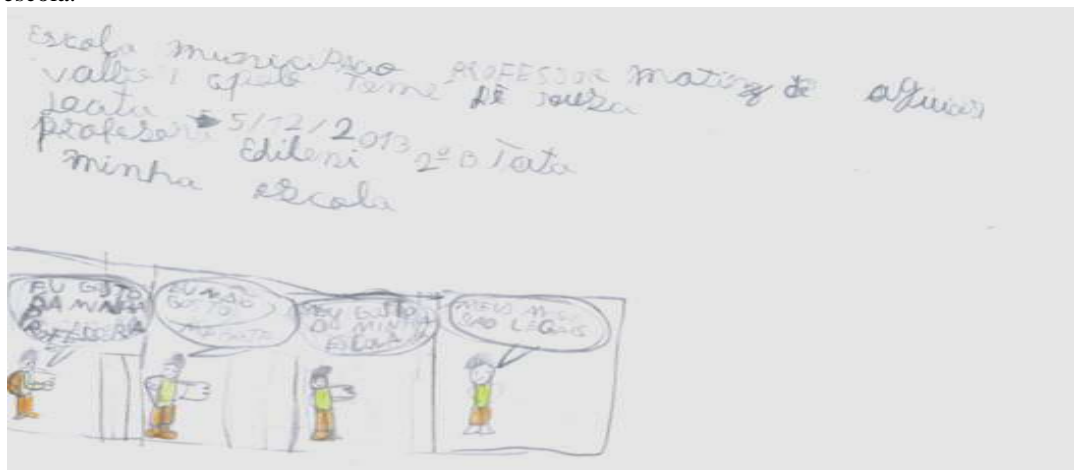
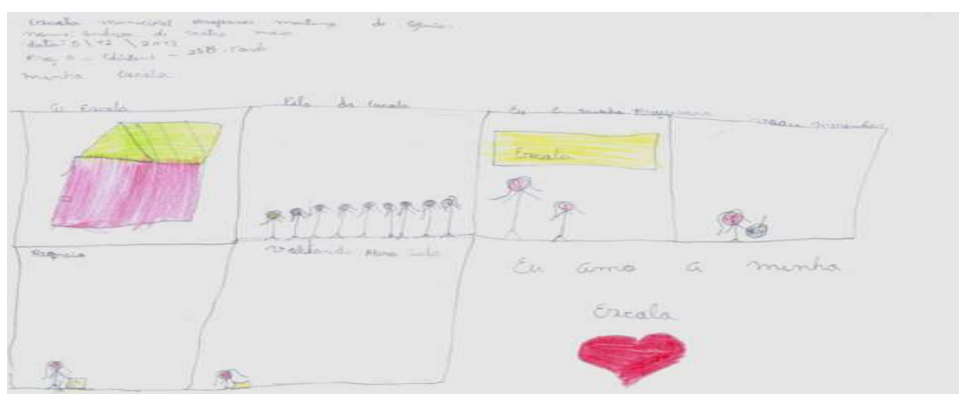


Figura 13-Exemplo de um trabalho feito com quadrinhos para alunos da 2ª série, onde eles retratam a rotina na escola.



Figuras 14 e 15-Exemplo de um trabalho feito com quadrinhos para alunos da 2ª série, onde eles retratam a rotina na escola.



Na referida escola as publicações utilizadas são as de entretenimento, principalmente as revistas da Turma da Mônica.

Assim como outras escolas da Prefeitura de Fortaleza, a escola Professor Martins de Aguiar possui um jornal com textos produzidos pelos próprios alunos. Nesse jornal, tirinhas e desenhos feitos pelos próprios alunos sempre são destaque. Veja abaixo um exemplo do “Jornal da Garotada”, produzido pelos alunos da escola Professor Martins de Aguiar:



Figuras 16 e 17-Exemplar do “Jornal da Garotada” produzido pelos alunos da escola Professor Martins de Aguiar. Percebe-se o predomínio de desenhos, poesias e desenhos.

Veja na tabela abaixo os tipos de publicações utilizadas pelas escolas analisadas nesse trabalho:

Publicação Educativa Dirigida	Publicação Educativa Geral	Publicação de Entretenimento com Conteúdo Educativo	Publicação de Entretenimento
Colégio Master	Colégio Master	Colégio Master	Colégio Master
-	-	-	C.E. Luiza Martins
-	-	-	Santo Afonso
-	-	-	Prof. Martins de Aguiar

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quadrinhos são uma boa ferramenta de despertar a atenção do leitor e facilitar a compreensão pelo assunto que está em pauta. A História em Quadrinhos é uma linguagem que pode ser usada para o registro, divulgação ou até mesmo em produções científicas, mas é preciso saber usá-la de forma mais eficiente. Nos quadrinhos, é de suma importância a análise descritiva da linguagem visual para nortear e ajudar o leitor no processo de entendimento e leitura visual das imagens. Seja qual for o tipo de quadrinho utilizado, a linguagem utilizada é simples e traz uma mensagem ao receptor, seja para refletir ou simplesmente com o intuito de entreter. No caso dos quadrinhos didáticos, educativos ou infográficos sua utilização vai além do entretenimento, há o intuito de informar ao levar informações úteis de forma mais leve e descontraída, facilitando assim a compreensão. Não importa o leitor, o quadrinho é acessível a qualquer tipo de público, sendo o único requisito para usufruir do produto é saber ler.

Atualmente as histórias em quadrinhos são grandes aliadas dos professores dentro de sala de aula, mas nem sempre foi assim. Antes de ser o fenômeno pedagógico que conhecemos hoje, os quadrinhos sofreram forte rejeição por parte de psicólogos, professores e até pesquisadores, por acharem que era apenas uma forma de lazer, que em nada contribuiria para o aprendizado, podendo fazer com que o aluno perdesse o foco principal, que é aprender o conteúdo que está sendo abordado na disciplina.

Felizmente essa (triste) realidade mudou e os professores se convenceram que os quadrinhos auxiliam no aprendizado, sendo uma forma acessível e didática de transmitir o conteúdo, seja ele de uma disciplina da área de humanas ou exatas. É fundamental que o professor enxergue os quadrinhos com a mesma importância de exercícios comuns, não apenas como uma ferramenta para “descanso” ou “mudar a rotina” da aula. Como todo plano de aula, trabalhar com quadrinhos envolve planejamento para que no final os objetivos sejam alcançados.

Além de proporcionar um momento de lazer, as revistas em quadrinhos ajudam a estimular a criatividade da criança e a desenvolver seu vocabulário. As crianças que desde cedo são estimuladas a ler histórias em quadrinhos terão mais chances de ter a leitura como hobby. Os gibis, como são popularmente conhecidas as revistas em quadrinhos, também são

ótimos aliados em sala de aula, tornando as aulas mais divertidas e dinâmicas; afinal; a missão de ler não é tarefa somente do professor de Português, e sim, de todos os educadores.

Além disso, as HQs auxiliam a criança a compreender melhor o mundo, pois muitas histórias trazem um ensinamento e/ou moral. O uso dos quadrinhos deve ocorrer em paralelo com os livros didáticos, sendo que um não implica na extinção do outro. Portanto, os quadrinhos podem e devem ter uma maior atenção dos pais e educadores.

No caso das escolas que foram objeto da pesquisa para a produção desse trabalho de conclusão de curso, conclui-se que a utilização de quadrinhos é realizada com mais ênfase no Ensino Fundamental, enquanto que no Ensino Médio os professores fazem mais uso de tirinhas em provas. Além disso, os professores avaliam de forma positiva o uso dos quadrinhos dentro de sala de aula, pois percebem que já um interesse maior dos alunos e, conseqüentemente, um maior aprendizado. Durante esse trabalho mostramos como os professores podem trabalhar com quadrinhos em sala de aula, seja qual for a disciplina lecionada, porém nas escolas analisadas percebe-se que os professores de Língua Portuguesa são os que mais fazem uso de HQs dentro de sala de aula e que somente no Colégio Master alguns professores de outras disciplinas ainda fazem uso de tirinhas em provas. Por avaliar de forma rica a pesquisa realizada para esse trabalho, principalmente devido ao tema em questão, essa monografia poderá ser ampliada para um futuro projeto de mestrado e/ou doutorado, especialmente nessa área de Educação e pelo fato dos quadrinhos estarem cada vez mais em evidência nas pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO, Juan. **Como fazer Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Global, 1990.
- ANSELMO, Zilda Augusta. **As histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BANTI, Rafael Silva. **A utilização das histórias em quadrinhos no ensino de Ciências e Biologia**. São Paulo, 2012
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, Alexandre *et alii*. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARROSO, Fabiano Azevedo. **Clássicos em HQ**. São Paulo, Editora Peirópolis. pp 13 a 15. 2013.
- CALAZANS, Flávio. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004.
- CARVALHO, Djota. **A educação está no gibi**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- CARVALHO, Leandro. **História em quadrinhos como incentivo à leitura**. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/orientacoes/historiaquadrinhos-como-incentivo-leitura.htm>>. Acesso em 23 abr. 2013.
- CAGNIN, Antonio L. Abertura, in Calazans, Flavio M. A. (Ed), **As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática**, São Paulo: UNESP, 1997.
- CIRNE, Moacy. **Para ler os quadrinhos –da narrativa cinematográfica a narrativa quadrinizada**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.
- COSTA, Robson Santos. **As histórias em quadrinhos como gênero discursivo contemporâneo**. Rio de Janeiro, RJ, 2009.
- COUPERIE, P. et.al. **História em quadrinhos e comunicação de massa**. São Paulo: MAM Assis Chateaubriand, 1970.
- DEFFUNE, Gláucia. **Relato de uma experiência de história em quadrinhos no ensino da Geografia**. Paraná, 2010.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1970
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

GUIMARÃES, Edgard. **História em Quadrinhos como Instrumento Educacional**. Mato Grosso do Sul, 2001.

GUIMARÃES, Edgard. **Uma Caracterização Ampla para a História em Quadrinhos e seus Limites com Outras Formas de Expressão**. Artigo apresentado no Intercom 1999 -Rio de Janeiro -1999.

IANNONE, L.R.; IANNONE, R.A. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

KLAWA, L., COHEN, H. **“Os quadrinhos e a comunicação de massa”**. In: MOYA, A.Shazam. São Paulo: Perspectiva,pp. 103-124, 1970.

LAJOLO, Maria. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LANGER, Johnni. **O ensino de História Medieval pelos Quadrinhos**. São Paulo, 2009.

LINS, Maria da Penha Pereira. **“ Organização tópica do discurso de sequências de tiras diárias de quadrinhos”**. Cadernos de Estudos Linguísticos 48(1) – , pp 126 a 133. Jan./Jun. 2006.

LOPES, Mariana Ferreira e MIANI, Rozinaldo Antônio. **O potencial educativo dos quadrinhos: análise do uso das Histórias em quadrinhos em sala de aula pelas professoras da escola municipal Olavo Soares Barros**. Paraná, 2008.

MAGALHÃES, Henrique. **A nova onda dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

McCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

MENDES, Maria Regina Saraiva. **El papel educativo de loscomicsinfantiles: (análisis de los estereotipos sexuales)**. 1990. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Facultad de Ciencias de la Información da Universidad Autónoma de Barcelona. Barcelona, 1990.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. **Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e Ensino**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P. et al.(org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro : Lucerna , p. 19-36, 2002

NETO, Elídio e SILVA Marta. **Histórias em quadrinhos e educação: formação e prática docente**. São Paulo: Metodista, 2011.

NETO, Elydio dos Santos e SILVA, Marta Regina Paulo. **Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas: o trabalho em universos ficcionais e fanzines**. São Paulo, 2013.

NUNES, Renata e RODRIGUES Thais. **Quadrinhos e Charges como recursos didáticos para o ensino de Geografia**. São Paulo, 2012.

O'NEIL, Dennis. **Guia Oficial DC comics: roteiros**. São Paulo, SP: Opera Graphica Editora, 2005.

PATO, Paulo Roberto Gomes. **História em quadrinhos : uma abordagem bakhtiniana**. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PALHARES, Marjory Cristiane. **História em quadrinhos: uma ferramenta pedagógica para o ensino de História**. Paraná, 2009.

RAMOS, Paulo. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 2007. 424 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa) .Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAMOS, Paulo. **Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?** Estudos Linguísticos, São Paulo, p. 355-367, set.-dez, 2009

RAMOS, Paulo. **História em quadrinhos: um novo objetivo de estudos**. São Paulo, 2006.

RAMOS, Paulo e Vergueiro, WALDOMIRO. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo, 2004.

RAHDE, Maria Beatriz. **Origens e evolução da história em quadrinhos**. Revista Famecos, Porto Alegre, nº5, novembro 1996.

ROCHA, Viviane Sobral Ribas. Introdução. In: **A construção do sentido em tiras**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Porto Alegre: PUCRS, 2006

RODRIGUES, B.B.A **diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo?** Perspectiva, Florianópolis, v.20, n.01, p.49-64, jan./jun. 2002

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia um estudo de charges da Folha de S.Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

SANTOS, Roberto. **Aplicações da história em quadrinhos**. São Paulo, SP: Comunicação & Educação, 2001.

Serpa, D.& Alencar, M. (1998) As boas lições que aparecem nos gibis. *Nova Escola*, Ano XIII, No. 111, pp. 10-19.

VERGUEIRO, Waldomiro. **A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária**. In: RAMA, Angela, et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006b. p. 31 64.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **As gibitecas: um espaço privilegiado para a leitura e difusão de histórias de quadrinhos no Brasil**. 2006. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas-conteúdo.php>

VERGUEIRO, Waldomiro (org). **Como usar os quadrinhos na sala de aula?**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. **História em quadrinhos**. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Org.). **Formas e**

expressões do conhecimento: Introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 115-149.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Histórias em quadrinhos e ensino: uma dupla cada vez mais dinâmica.** 2005. Disponível em:<http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/esprial/papiro20a.htm>

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática.** São Paulo: Contexto, 2009.

ZUGUANI, Jorge Otávio. O circo de Lucca. São Paulo, SP: Devir, 2007



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

MÁRCIA ANTÔNIA DIAS CATUNDA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO INCENTIVO À LEITURA NAS CRIANÇAS:
A REALIDADE EM ALGUMAS ESCOLAS DE FORTALEZA**

**Fortaleza-Ceará
2013**

MÁRCIA ANTÔNIA DIAS CATUNDA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO INCENTIVO À LEITURA NAS CRIANÇAS:
A REALIDADE EM ALGUMAS ESCOLAS DE FORTALEZA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Ceará (UFC) como exigência final para obtenção do título graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas

MÁRCIA ANTÔNIA DIAS CATUNDA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO INCENTIVO À LEITURA NAS CRIANÇAS:
A REALIDADE EM ALGUMAS ESCOLAS DE FORTALEZA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Ceará (UFC) como exigência final para obtenção do título graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas

APROVADO EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. RICARDO JORGE DE LUCENA LUCAS

Orientador

PROF.DR. EDGARD PATRÍCIO DE ALMEIDA FILHO

Primeiro Membro

PROF.MS.RAIMUNDO NONATO DE LIMA

Segundo Membro

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela minha vida, pela ajuda e proteção, pela Sua força e presença constante, e por me guiar à conclusão de mais uma importante etapa de minha vida;

Aos meus pais Valter Catunda Gondim Filho e Marta Maria Dias Ibiapina, que me ensinaram a viver, e que com muita confiança, dedicação, força e amor, me proporcionaram a realização deste sonho.

Ao meu orientador Ricardo Jorge de Lucena Lucas pela sua dedicação e disponibilidade em me auxiliar a obter o título de graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Ao meu companheiro Rômulo Holanda de Oliveira e todos os meus amigos que acompanharam e estiveram na torcida para que eu conseguisse finalizar mais essa importante etapa da minha vida.

RESUMO

O presente trabalho busca mapear as estratégias adotadas pelas escolas de Fortaleza em relação ao uso de quadrinhos em sala de aula, sendo o objeto na realização desse trabalho as escolas e o uso dos quadrinhos. Muitas vezes vistas com preconceito ou apenas como uma forma de entretenimento, essas revistas possuem muito mais qualidades do que se imagina. De acordo com Roberto Elísio dos Santos (2001) a história em Quadrinhos, ao falar diretamente ao imaginário da criança, preenche suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras. A experiência de folhear as páginas de uma revista de quadrinhos pode gerar e perpetuar o gosto pelo livro impresso, independente de seu conteúdo. A pesquisa foi realizada em quatro escolas de Fortaleza, são elas: Colégio Master, Creche Escola Luiza Martins, Colégio Santo Afonso e Escola Professor Martins de Aguiar. Nesses locais foram ouvidos alunos, professores e coordenadores pedagógicos. Pode-se constatar que eles fazem uso frequente de revistas em quadrinhos e que a mais utilizada é a da Turma da Mônica. Os questionários utilizados na pesquisa de campo nas escolas são compostos por perguntas relacionadas ao uso das revistas em quadrinhos, importância, frequência de uso dos gibis, faixa etária das crianças e quais gibis são utilizados. Também foram analisados a estrutura e as condições das salas onde as crianças desenvolvem os trabalhos com quadrinhos, seja leitura, escrita ou produção de desenhos. Com isso busca-se avaliar se essas condições são adequadas e colaboram com o incentivo à leitura.

Palavras chaves: quadrinhos, leitura, escola.

SUMÁRIO

Introdução	6
Capítulo 1: Gêneros Textuais	7
1.1 Gêneros Textuais: Definição	7
1.2 O Gênero Nos Quadrinhos	10
1.3 Os Quadrinhos Como Forma De Linguagem	15
Capítulo 2: Quadrinhos Na Educação	21
2.1 O Uso Dos Quadrinhos Em Sala De Aula	24
2.2 Como Trabalhar Os Quadrinhos Em Cada Disciplina	28
2.2.1 História Geral E/Ou Do Brasil.....	29
2.2.2 Matemática	30
2.2.3 Física E Química	31
2.2.3 Biologia/Ciências	33
2.2.4 Geografia	35
2.2.5 Língua Portuguesa	36
Capítulo 3: Os Quadrinhos E O Incentivo À Leitura	38
3.1 Como As Escolas Trabalham Com Quadrinhos?	40
3.2 Análise Do Uso Das Hqs Nas Escolas De Fortaleza	40
Considerações Finais	63
Referências Bibliográficas	65

INTRODUÇÃO

Os quadrinhos são conhecidos e lidos em diversos países, principalmente pelo público infantil como forma de entretenimento. Por despertar atenção, muitos professores estão cada vez mais adotando os quadrinhos em sala de aula para estimular o aprendizado. Porém não basta usar os quadrinhos, é preciso saber usá-los para que se possa alcançar resultados positivos no aprendizado e para que não se torne apenas um passatempo durante o horário das aulas.

Foi com esse pensamento que busquei trabalhar essa monografia. Durante a pesquisa de campo nas escolas, foi avaliado como os professores trabalham com quadrinhos e os motivos que os levam a adotar essa ferramenta didática. Como o título da monografia expõe, esse trabalho também visa mostrar como os quadrinhos ajudam a incentivar a leitura, pois essa questão frequentemente aparece em discussões e em trabalhos acadêmicos, sendo os quadrinhos importante objeto de estudo.

O termo “história em quadrinhos” só foi utilizado a partir do início do século XX, quando foram inseridos balões nos desenhos com as falas dos personagens. A partir desse momento, as HQs se tornaram conhecidas em todo o mundo, consolidando o seu consumo entre crianças e jovens, principalmente, com o surgimento dos super-heróis.

Nesse trabalho buscou-se analisar a importância e os benefícios que este meio de comunicação de massa pode trazer para a educação, ao serem incluídos como instrumento pedagógico na escola. Logo quando surgiram, os quadrinhos foram alvo de preconceito, como iremos abordar nesse trabalho, mas passaram a ganhar admiração e o respeito dos pedagogos.

CAPÍTULO 1

O GÊNERO DOS QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos até “bem pouco tempo, eram ainda consideradas como um entrave ao gosto pela leitura, um desvio da obra literária” (MAGALHÃES, 2004, p. 11). Hoje, as HQs já são vistas de forma diferenciada, sendo objeto de diversos estudos acadêmicos em todo o mundo. São compreendidas “não mais como leitura exclusiva de crianças, mas, sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber”, deixando “de ser vistas de forma pejorativa ou preconceituosa” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 9) nas mais diversas esferas sociais.

Como pesquisadora, acredito que além de um bom objeto de estudo, as histórias em quadrinhos vão muito além de um hobby ou passatempo. Elas auxiliam na leitura visual, vocabulário, além de trazer ensinamentos ou até mesmo provocar reflexões. A autora desse trabalho desde a infância contou com a influência dos quadrinhos para ter gosto pela leitura. Mas isso será abordado mais adiante.

Neste capítulo vamos apresentar ao leitor alguns conceitos referentes a gêneros textuais e definir em qual gênero textual os quadrinhos estão classificados. Gêneros textuais são textos que possuem características em comuns, como na linguagem e no conteúdo.

1.1 GÊNEROS TEXTUAIS: DEFINIÇÃO

Para entender os gêneros textuais vamos primeiro definir os gêneros discursivos, afinal os gêneros textuais estão dentro da categoria de gênero discursivo. Bakhtin (1992) enquadra os gêneros discursivos em duas classes: os gêneros primários (simples) - a conversa do oral cotidiana e a carta pessoal - que "sido constituídos em circunstâncias de comunicação verbal espontânea"; e os gêneros secundários(complexos) - o romance, o teatro, o discurso científico e o discurso ideológico, entre outros .

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso e nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero (BAKHTIN, 2003). Os gêneros fazem parte da vida das pessoas e são aprendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social ou membro de alguma comunidade (BAKHTIN, 2003). Portanto, os gêneros devem ser abordados também na escola, mas apresentados sempre em situações reais em que a criança vivencie e interaja com estes, percebendo-os como necessários e essenciais. A escola é a instituição que ao longo do processo de ensino e de aprendizagem deve aproximar os alunos dos gêneros vivenciados no cotidiano e dos mais elaborados.

Qual o gênero discursivo dos quadrinhos? Para se ter uma resposta a essa pergunta, é necessário entender o que é um gênero discursivo. Sérgio Roberto Costa (2006) em seu artigo “Gêneros Discursivos e Textuais: Uma pequena síntese teórica”, trabalha com o conceito de Bakhtin. Veja abaixo como Sérgio explica os gêneros discursivos:

Há atividades ou práticas discursivas, principalmente orais, como a conversação, que usamos na relação imediata com nossos interlocutores. Dialogamos diariamente com pessoas a nosso redor, respondendo a perguntas, opinando, contando casos, piadas, dando ordens etc. São atos conversacionais diversos à nossa disposição, desde há muito tempo. Ou seja, o ato de conversar – a conversação – é um dos gêneros primários da oralidade humana. Gênero primário porque apareceu primeiro, é primitivo, original; não porque é elementar, superficial ou limitado e, por ser oral, poderia ser interpretado como mal construído ou inferior a outro escrito, principalmente porque vivemos numa sociedade grafocêntrica. Bakhtin o chama de *enunciado de gênero primário*.(COSTA, 2006, s/p)

Ainda de acordo com Costa, nesse enfoque enunciativo-discursivo, um enunciado de gênero primário vai ser compreendido por sua relação com o contexto imediato, onde acontece a ação comunicativa. Nessa situação privada, imediata e injuntiva de interlocução face a face de produção, há um autocontrole dos textos que os falantes produzem e esses tipos de enunciados são considerados primários por essa razão.

Sérgio faz outras referências a Bakhtin em seu artigo para explicar o conceito de enunciado de gênero secundário. Veja:

Bakhtin chama de *enunciado de gênero secundário* que constitui uma ação em si mesmo e vai ser compreendido pelas (co)referências entre os enunciados dentro do próprio texto que deve ter sua própria rede de indicações coesas e coerentes. Um gênero primário – a conversação – se transforma em um secundário – o diálogo entre personagens ou a entrevista. Nesse processo de transformação, o secundário traz características do primário, acrescenta novas características da nova esfera discursiva em que circula e se realiza como um novo gênero. Há semelhanças, sim,

entre eles, mas são gêneros diferentes. Não podemos estabelecer claramente as fronteiras entre eles, contudo, por suas características individuais, constituem-se um objeto sempre único, resultado de transformações histórico-sociais.(COSTA, 2006, s/p).

Já os gêneros textuais são textos comuns que encontramos com frequência em nosso dia a dia. Entre os exemplos pode-se citar reportagem, bula de remédio, receita de culinária, carta, horóscopo, edital de concurso entre outros, estabelecendo uma situação de comunicação. De acordo com Marcushi (2002) gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

Marcushi (2002) defende que na produção de cada gênero textual deveria haver natureza da informação ou do conteúdo veiculado, nível de linguagem, tipo de situação em que o gênero se situa, relação entre os participantes e natureza dos objetivos das atividades desenvolvidas. Para ele o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia -a -dia .

Segundo Bernadete Biasi-Rodrigues (2002, p.50), a tipologia tradicional apoia-se em uma classificação triádica para os gêneros textuais não-literários: narração , descrição e dissertação. Esta é a que vem sendo praticada na escola e tratada nos livros didáticos em geral até os nossos dias. As teorias mais recentes, porém, estão mostrando que essa classificação não dá conta das diferentes práticas sociais através da linguagem, ou seja, não contempla os inúmeros gêneros textuais, mas apenas modalidades ou formas de organizar as informações nos mais variados gêneros, que podem ocorrer, não raramente, de forma combinada.

Para Marcushi (2002), já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. Para ele, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa, pois se caracterizam como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Para Bakhtin (2000, p. 279 e 281) os gêneros textuais são “tipos relativamente estáveis de um enunciado” e que dada a riqueza e a variedade dos tipos , eles podem ser separados em dois grupos : gêneros primários – aqueles que fazem parte da esfera cotidiana da linguagem e que podem ser controlados diretamente na situação discursiva, tais como: bilhetes, cartas, diálogos, relato familiar ... – e gêneros secundários – trata-se de textos , geralmente mediados pela escrita, que fazem parte de um uso mais oficializado da linguagem; dentre eles, o

romance, o teatro, o discurso científico..., os quais, por esta razão, não possuem o imediatismo do gênero anterior.

Ainda de acordo com o autor, os gêneros secundários acabam, de certo modo, suplantando os gêneros primários, considerando-se que estes fazem parte de uma troca verbal espontânea, e que aqueles representam uma intervenção nesta espontaneidade, pois se apresentam de modo mais complexo e, geralmente, escritos. Não é absurdo dizer que os gêneros primários são instrumentos de criação dos gêneros secundários. Daí, podem-se apontar as características dos gêneros textuais: são formas-padrão de um enunciado que possuem conteúdo, uma estruturação específica e mutável a partir de relações estabelecidas entre os interlocutores; do mesmo modo, um estilo ou certa configuração de unidades lingüísticas.

1.2 O GÊNERO NOS QUADRINHOS

Os quadrinhos fazem parte de que tipo de gênero textual? Baseado no conceito de Maingueneau (1997), Paulo Ramos (2009) defende que os quadrinhos são considerados hipergênero. Assim, os quadrinhos não são um gênero textual porque são uma forma de hipergênero. Para Ramos, os quadrinhos compõem um campo maior, denominado hipergênero, que agrega elementos comuns aos diferentes gêneros quadrinísticos, como o uso de uma linguagem própria, com elementos visuais e verbais escritos, e a tendência à presença de sequências textuais narrativas. Tais características seriam percebidas em uma gama de gêneros autônomos, unidos por esses elementos coincidentes.

Concordo com as ideias de Paulo Ramos. Pode-se considerar os quadrinhos hipergênero pelo fato de englobarem elementos de diferentes tipos de gênero, geralmente unidos pela linguagem em comum. Isso será discutido com mais aprofundamento nas próximas páginas desse capítulo.

Segundo o autor Dominique Maingueneau (2010), em sua obra “Doze conceitos em análise do discurso”, os hipergêneros não sofrem restrições sócio-históricas: eles apenas “enquadram” uma larga faixa de textos e podem ser usados durante longos períodos e em muitos países. Na opinião do autor, podem ser considerados hipergêneros categorias como diálogo, carta e diário. Como exemplo de diálogo pode-se citar uma conversa pessoalmente entre duas pessoas ou ao telefone, já a carta é um texto que possui como padrão data, cidade,

um cumprimento, e uma despedida no final e pode ser enviada a qualquer pessoa, embora a linguagem possa ser formal ou informal. Diário é um texto onde a pessoa relata seu dia a dia, sentimentos e desejos, em forma de desabafo ou confissão. Para Maingueneau esses formatos de texto servem de base para outros tipos de texto. Por exemplo, um diálogo pode sustentar um romance (como é o caso da obra “As ligações perigosas, de Laclos) e uma carta pode se tornar um editorial de jornal, sendo assim é uma forma que pode assumir diferentes finalidades comunicativas.

Para Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque e Rubem Borges Teixeira Ramos(2012), no artigo “As histórias em quadrinhos: instrumento de informação e de incentivo à leitura”, durante a pesquisa os autores chegaram à conclusão que as histórias em quadrinhos podem ser compreendidas como hipergênero, que agregam diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades. As realidades representadas nas histórias em quadrinhos são de natureza ficcional, porém baseadas em eventos e em modos de pensar e agir reflexos de determinado período histórico. Além disso, os roteiristas precisam adequar as suas experiências e acontecimentos para compartilhá-las com os leitores, criando assim uma atmosfera em que ambos são estimulados não apenas pelo contexto, mas também pela predileção, identificação e reflexão quanto às situações em que seus personagens são inseridos. Os autores chegaram a essa conclusão após estudarem sobre o conceito de gênero e concluírem que “os discursos podem ser organizados em gêneros, os quais são determinados historicamente e que as intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos”.

Segundo Paulo Ramos (2009), podem ser abrigados dentro do hipergênero chamado quadrinhos os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos.

A charge é um texto de humor que aborda um fato ou tema atual e que é destaque nos veículos jornalísticos, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual. Romualdo (2000) vê na relação intertextual um dos elementos constituintes para a charge. O tema do desenho pode ser pautado por notícias reportadas de forma verbal, visual (no caso das fotos) ou verbo-visual. Os políticos são as principais vítimas dos chargistas.



¹ Charge publicada em 19/03/2012 no jornal “DIÁRIO DO POVO” (Campinas/SP) e retirada do site www.juniao.com.br/charges_cartum/

É comum a charge ser confundida com um cartum, devido às semelhanças. Em ambos há humor, desenhos gráficos, possuem linguagem verbal e não verbal e se faz uso de caricatura, porém enquanto na charge é retratado acontecimentos atuais que geralmente envolvem figuras políticas e são destaque nos noticiários, no cartum não são retratados personagens conhecidos e não mostra situações atuais, sendo próximo de uma piada.

Outro gênero que expressa humor são as tiras cômicas. Para Ramos (2007), o gênero usa estratégias textuais semelhantes a uma piada para provocar efeito de humor. Essa ligação é tão forte que a tira cômica se torna um híbrido de piada e quadrinhos, sendo assim a principal característica da tira cômica é o fato dela ser atrelado a uma temática de humor. Além disso, é um texto curto, com um ou mais quadrinhos e os personagens podem ser ou não fixos. É uma narrativa com um desfecho inesperado no final. Segue abaixo exemplo de tira cômica:



²Tira retirada do blog “Resistência” <http://resistenciabr.wordpress.com>

Para Márcia Rodrigues de Souza Mendonça (2005), em sua obra “ Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos” em termos visuais as histórias em quadrinhos são facilmente identificáveis, dada a peculiaridade dos quadrinhos, dos desenhos e dos balões. Entretanto, as HQ’s revelam-se um gênero tão complexo quanto os outros no que tange ao seu funcionamento discursivo. Quanto ao tipo textual, as HQ’s são do tipo narrativo, dada a predominância dessa espécie de sequência na maioria dos casos. CIRNE apud Mendonça (2005) define os quadrinhos como “uma narrativa gráfico visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agregam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”. Seja qual for o tipo de quadrinho, há a presença de uma sequência, com começo, meio e fim e que estabelece uma lógica dos fatos narrados. Assim, segundo Márcia Rodrigues de Souza Mendonça podemos situar as HQ’s numa verdadeira “constelação” de gêneros verbais e não-verbais assemelhados e assim caracterizar a HQ como um gênero icônico ou icônico-verbal narrativo cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro. Como elementos típicos, a HQ apresenta os desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas onde é inserido o texto verbal. Para Maria Beatriz Rahde (1996), em seu artigo “Origens e evolução das histórias em quadrinhos”, publicado na Revista Famecos, a atual forma das histórias em quadrinhos que tiveram sua origem nos jornais americanos do século passado, passou a ter um personagem constante, a sequência narrativa das imagens e o balão com o texto/ diálogo.

Para Paulo Ramos (2009) as histórias em quadrinhos mais longas são a base da característica de serem publicadas sem suportes que permitem uma condução narrativa maior

e mais detalhada. É o que ocorre com as revistas em quadrinhos, com os álbuns (nome dado a edições parecidas com livros) e com a página dominical (termo usado para definir as histórias de uma página publicadas em geral nos jornais). Ainda de acordo com Ramos, a diversidade de gêneros, nesse caso, está atrelada a uma série de fatores, como a intenção do autor, a forma como a história é rotulada pela editora que a publica, a maneira como a trama ser recebida pelo leitor, o nome com o qual o gênero foi popularizado e que tornou o gênero mais conhecido junto ao público.

De acordo com as concepções de Bakhtin, podemos considerar que as HQs são gêneros secundários porque elas se apropriam do gênero primário, o diálogo, e o transformam em quadrinhos. Além disso, essa relação dialógica, presente nas histórias em quadrinhos, enfoca a interação entre sujeitos que, mediados pela linguagem, produz discursos tornando os homens parceiros de um ato comunicativo. (ROCHA, 2006, p. 9).

Para Pato (2007) as histórias em quadrinhos são um gênero discursivo secundário, caracterizado pelo hibridismo, heteroglossia ou textualidade intermodal (que é a presença de diferentes linguagens semióticas em um gênero), variados sistemas de signos que no caso dos quadrinhos se apresentam com a linguagem oral, a escrita, a visual, a sonoridade. Hibridismo porque há união de 2 palavras ou mais de origens diferentes nas HQ's. Já a heteroglossia se caracteriza pela diversidade de linguagens e de vozes que entram em um campo de tensões e interconexões em pé de igualdade. Segundo Bakhtin, o dialogismo e a heteroglossia podem ser analisados no discurso, quando diferentes olhares no mundo são integrados a ele através de variados discursos.

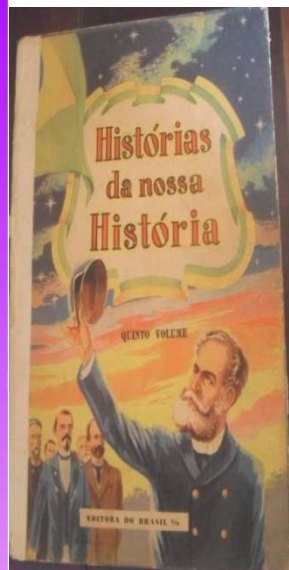
As linguagens e os pontos de vista se mesclam e torna-se impossível separá-los. A linguagem é uma imagem que adota diferentes significados e se abre sempre a novas interpretações. Em relação às linguagens, vamos aprofundar esse aspecto no próximo tópico.

Em relação a arte dos quadrinhos, segundo McCloud (2005), as HQs podem incluir em sua condição hipergenérica conteúdos variados: biográfico, romanceado, satírico, religioso, erótico, poético, social, alegórico, folclórico, etc. Quanto aos estilos de desenhos estes podem, ainda segundo McCloud (2005), variar em graus que os distanciam e os aproximam do realismo e da iconicidade. Podendo ir do complexo ao simples, do objetivo ao subjetivo, e do específico ao universal. Estas riquezas de possibilidade fazem dos quadrinhos uma linguagem moderna e dinâmica.

Confira abaixo diferentes exemplos de gêneros de quadrinhos:



5) Cartilha Educativa retirada do site <http://zinebrasil.wordpress.com>



Quadrinho Didático. Imagem retirada em www.mercadolivre.com.br



Quadrinhos Infográficos – Imagem retirada do site www.sintoniza.com.br em 23 de junho de 2012. Infografia sobre a série TrueBlood

1.3 OS QUADRINHOS COMO FORMA DE LINGUAGEM

Além de jornais e revistas específicas, pode-se encontrar quadrinhos em propagandas, folders, cartilhas educativas, livros pedagógicos, textos informativos e atualmente na Internet, inclusive em redes sociais e são lidos e visto por pessoas de todas as idades. Para Eisner (2001, p. 8), a leitura que um indivíduo faz de uma história em quadrinhos “é um ato de percepção estética e de esforço intelectual”.

Desde os tempos da Pré-História o homem fazia desenhos que remetiam a histórias em quadrinhos, com uma ordem sequencial dos fatos, em pinturas rupestres. Porém de acordo com Edgard Guimarães (1999), em seu artigo intitulado “Uma Caracterização Ampla para a História em Quadrinhos e seus Limites com Outras Formas de Expressão” nem toda pintura rupestre usa a linguagem das HQs; quando um desenho é usado para representar homens e animais isolados, fora de um contexto, isto é classificado como Retrato.

Nos quadrinhos se observa a utilização de dois códigos: o lingüístico e o das imagens. Estes podem ser analiticamente separados, todavia são complementares para a leitura dos quadrinhos. Entretanto, em alguns momentos pode haver predominância de uma ou outra linguagem. Cagnin (1997) destaca que a relevância na linguagem das histórias em quadrinhos se encontra nas imagens; como, por exemplo, nas cores, as ambiências criadas pelas sombras, pelos enquadramentos, que nos informam sobre as características das personagens e do desenvolvimento da ação. Porém, é inegável que quando alguém se depara com uma HQ o que mais desperta a atenção são as imagens e as cores.

A estrutura das histórias em quadrinhos é conhecida basicamente pelas imagens, textos e balões, embora não seja presente em todas as HQ's, pois algumas não possuem texto, apenas imagens com uma sequência lógica. Essa sequência é necessária para que a história em quadrinho seja facilmente compreendida, do começo ao fim, mesmo com a ausência de textos e balões. Barthes (1990, p. 33-34) utiliza um conceito denominado de função de *relais* em que “a palavra e a imagem têm uma relação de complementaridade; as palavras são, então, fragmento de um sintagma mais geral, assim como as imagens, e a utilidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história, o da anedota, o da diegese”. O leitor é quem constrói mentalmente o movimento, a ação, o tempo e o espaço em que a narrativa ocorre.

Na leitura de uma história em quadrinhos encontramos como indicador do discurso direto o "balão", que não contém só a fala dos personagens, mas também o que eles pensam e sonham. É dotado de um apêndice ou rabicho, um prolongamento que aponta para o emissor, que, segundo Vergueiro (2007, p. 57), alerta o leitor, dando-lhe a seguinte mensagem: “Eu estou falando!”. Conforme Eisner (2001, p. 26), “...os balões captam e tornam visível um elemento etéreo: o som”. Eles requerem a cooperação do leitor, pois se exige que sejam lidos numa sequência determinada para que se saiba quem fala primeiro.

Existem vários tipos de balões em histórias em quadrinhos, onde cada estilo de balão tem um significado. Por exemplo, há balões que expressam diálogos, gritos, símbolos específicos e outros que cujo significado é relacionado a pensamentos e/ou desejos. Veja os exemplos abaixo:



3) A imagem mostra que diferentes tipos de balões são usados para expressar a comunicação dos personagens, seja através da fala, do pensamento ou do grito. Imagem retirada do site <http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/>



4) A tirinha mostra exemplos de balões que expressam fala e pensamento. Tirinha retirada do blog clube da mafalda.blogspot.com

De acordo com Robson Santos Costa (2009), as histórias em quadrinhos podem ser vistas como mais um meio utilizado pelo homem para expressar seus sentimentos, suas crenças e seus valores. Compreender sua linguagem e as características que a singulariza é entender como esse gênero discursivo atua na contemporaneidade, produzindo discursos e, conseqüentemente, memória, sendo mais um instrumento que atua na construção da sociedade contemporânea.

Em uma história em quadrinhos podemos analisar sua linguagem visual (imagens) e linguagem verbal (texto). De acordo com Eisner (1999, p.7), quando se examina uma obra de quadrinhos como um todo, a disposição dos seus elementos específicos assume a característica de uma linguagem “que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público”. O’Neil (2005, p.10) reforça a consideração afirmando que os quadrinhos não são uma “ coleção de palavras e imagens”, isto, para o autor, definiria os livros ilustrados: “para ser uma história em quadrinhos, essas palavras e imagens devem trabalhar juntas da mesma maneira que partes de uma linguagem trabalham juntas”.

De acordo com Eisner (2001, p.08), os processos psicológicos envolvidos na compreensão de uma palavra e de uma imagem são análogos, uma vez que as estruturas da ilustração e da prosa são similares. As HQs utilizam uma série de imagens repetidas e símbolos reconhecíveis que, quando são empregados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam -se uma linguagem. Eisner (2001) chama essa aplicação disciplinada de “gramática” da Arte Sequencial.

A menor unidade narrativa da tira é o quadrinho, também chamado de quadro, de vinheta, de requadro ou de cercadura, que se sucedem no sentido da leitura do texto escrito, ou seja, da esquerda para a direita e de cima para baixo, porém vale ressaltar que no padrão ocidental; o mangá obedece ao padrão oriental de leitura, por exemplo. De acordo com Eisner (2001, p. 10), o mundo visual exigirá nova envergadura leitora, é necessário que o leitor rompa com as convenções da sequência da esquerda para a direita, ou seja, não leia HQ’s somente seguindo o padrão tradicional, a leitura da esquerda para a direita.

Segundo Zugliani (2007, p.110), o vocabulário dos quadrinhos é baseado nos ícones (qualquer imagem que represente uma pessoa, local, coisa ou ideia)¹. O vocabulário dos quadrinhos cresce a cada dia. O mapeamento constante dos elementos que compõem os quadrinhos busca facilitar a assimilação e contribuir com o planejamento de narrativas gráficas tanto para revistas e livros de ficção, como na publicidade, pedagogia ou qualquer área do conhecimento que queira se valer dos potenciais comunicativos da linguagem. Hoje a linguagem dos quadrinhos é bastante utilizada nas disciplinas escolares, como português, matemática, biologia, história, geografia, entre outras.

¹ Porém, há quadrinistas como François Ayroles que trabalham com o conceito de “quadrinhos cegos”, ou seja sem imagens, apenas balão e texto

As histórias em quadrinhos trazem em sua estrutura a união entre a linguagem icônica e verbal. Sua definição, proposta por Cagnin (1975:21), consiste em “um sistema narrativo formado de dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelo desenho; e a linguagem escrita”. Os elementos constitutivos das HQ apresentam uma estética específica, cujas principais características são elencadas por Cirne (1970): o balão, o ruído onomatopaico e o ritmo visual. Segundo o autor (1970 p.25), “na verdade o balão, o ruído onomatopaico e o ritmo visual constituem os elementos fundamentais de uma possível estética dos comics”.

Maria da Penha Pereira Lins (2006) em seu artigo “Organização tópica do discurso de seqüências de tiras diários de quadrinhos”, faz uma análise da linguagem dos quadrinhos com base nas tiras. Na opinião da autora, “o caráter de informalidade e sua elaboração fragmentada, principalmente no que se refere às tiras diárias, faz a aproximação deste texto com o texto falado, uma vez que a tira é constituída de quadros e os tópicos são desenvolvidos dia-a-dia, de tira para tira, numa seqüência em que inserções e mudanças de assuntos promovem continuidades e descontinuidades em sua organização global”.

As histórias em quadrinhos são formadas por diferentes quadros, cuja decodificação só se torna possível à medida que estes forem lidos um a um e englobados em um todo. Essa dinâmica entre todos os quadros que cria o movimento e a ação das HQ, é chamada de ritmo visual. Para Cirne (1970, p.35), “não é a magia formal de um plano isolado, fora de seu contexto, que faz a força de uma estória: é a relação crítica (o desencadeamento de estruturas) entre todos eles”. Esse ritmo é determinado pelo tipo de quadrinho.



7) Tirinha do “Anjo da Noite”, uma HQ feita no Brasil, baseado em um livro do autor carioca Sandro Araújo. O ritmo tem a ver com o gênero do quadrinho, por exemplo os quadrinhos policiais possuem um ritmo diferente dos quadrinhos de romance. Disponível em <http://100grana.wordpress.com>



8) Exemplo de quadrinhos de romance retirada do site www.ilafx.com. O site reproduz histórias reais de casais noivos em forma de HQ como uma forma de homenageá-los.

No próximo capítulo vamos abordar as diferentes formas de se trabalhar os quadrinhos em sala de aula, com sugestões de didática para professores de qualquer disciplina, fazendo uma relação entre Quadrinhos e Educação.

CAPÍTULO 2

QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO

Mais do que uma opção de lazer e entretenimento, as histórias em quadrinhos atualmente são consideradas grandes meios de comunicação de massa, sendo utilizadas por pessoas de todas as idades, não somente por crianças. Os profissionais de Educação descobriram nas HQ's uma ótima ferramenta didática para auxiliar no aprendizado e incentivar a leitura. Isso será discutido com mais aprofundamento nas próximas páginas desse trabalho.

O espaço adquirido pelas HQ's hoje não corresponde ao mesmo de anos anteriores. Antigamente as histórias em quadrinhos era vistas até com preconceito como explicam os pesquisadores Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos (2009 , p.09) no livro “ *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*”. “As histórias em quadrinhos gradativamente passavam a ser entendidas pela sociedade não mais como uma leitura exclusiva de crianças, mas sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber que podia atingir diversos públicos e faixas etárias. Por outro, paulatinamente deixavam de ser vistas de forma pejorativa ou preconceituosa, inclusive nas áreas pedagógica e acadêmica”. Os autores apontam também que as revistas em quadrinhos eram tidas como material que geravam “preguiça mental” nos estudantes e que afastavam os alunos da chamada “boa leitura”.

De acordo com os autores do artigo “O potencial educativo dos quadrinhos: análise do uso das Histórias em quadrinhos em sala de aula pelas professoras da escola municipal Olavo Soares Barros”, Mariana Ferreira Lopes e Rozinaldo Antonio Miani, a disseminação das histórias em quadrinhos e sua consolidação junto ao público infanto-juvenil suscitaram uma reflexão crítica para os efeitos nocivos dessa literatura no desenvolvimento intelectual e social desses jovens, no período após a Segunda Guerra Mundial. Pesquisadores, educadores e psicólogos rejeitaram os meios de comunicação de massa, incluindo as histórias em quadrinhos. A grande popularidade dos super-heróis foi impulsionada pela Segunda Guerra Mundial, que se tornou o pano de fundo destes enredos. Contudo, a guerra também trouxe

aspectos negativos para o desenvolvimento das histórias em quadrinhos, como a proibição das HQs norte-americanas em alguns países envolvidos no conflito.

De acordo com o autor Djota Carvalho (2007), do livro “A educação está no gibi”, Will Eisner, um dos maiores expoentes dos quadrinhos de todos os tempos, foi contratado pelo governo dos Estados Unidos para produzir quadrinhos instruindo soldados na utilização de equipamentos, no domínio de técnicas de higiene e em outras atividades. Ao perceber o potencial dos quadrinhos para educar, Eisner realizou esse trabalho na Segunda Guerra Mundial, no Vietnã e na Coreia, assim o cartunista decidiu parar de desenhar o Spirit e investir em um instituto criado justamente para produzir quadrinhos educativos e institucionais.

Ainda de acordo com o autor, as críticas em relação aos quadrinhos no Brasil surgiram em 1928, a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles “incutiam hábitos estrangeiros nas crianças”. Em 1944, o Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (Inep) apresentou um estudo no qual afirmava que os quadrinhos causavam “lerdeza mental”. Nesse caso, a preocupação parecia que era o fato das crianças preferirem ler mais quadrinhos a livros.

Esse preconceito só veio a diminuir em 1949, ano que o Congresso Nacional decidiria intervir no assunto, criando uma comissão para analisar os quadrinhos. O relator da comissão, deputado Gilberto Freire, chegou a conclusões bastante positivas em relação aos quadrinhos. As principais foram:

- As HQ's, em si, não são boas nem más, depende do uso que se faz delas;
- As HQ's ajudam na alfabetização;
- Por meio de seus enredos, elas ajudam os leitores a ajustar suas personalidades à época e ao mundo;
- As HQ's preenchem a necessidade de histórias e aventuras da mente infantil.

Já na década de 50 a polêmica foi em relação ao homossexualismo, onde alguns psicólogos afirmavam que os quadrinhos incentivavam o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, como exemplo era citado os personagens Batman e Robin. Porém, o autor Djota Carvalho, ao concordar com Gilberto Freire, diz que não há quadrinhos bons ou ruins, ainda que haja HQ's de boa e má qualidade, sendo assim o que é bom ou ruim é o uso que se faz deles.

De acordo com os autores Mariana Ferreira Lopese Rozinaldo Antonio Miani , no artigo “Histórias em Quadrinhos em sala de aula pelas professoras da escola municipal Olavo Soares Barros”, a primeira publicação brasileira de histórias em quadrinhos foi *OTico-Tico*, lançado em outubro de 1905, baseada no magazine francês *La Semaine de Suzette*. A revista trazia em suas páginas, majoritariamente, decalques de histórias em quadrinhos estrangeiras. Desta forma, *Buster Brown* tornou-se *Chiquinho* e *Katzenjammer Kids*, *Os sobrinhos do Capitão*. Devido à dificuldade de importações por conta da 1ª Guerra Mundial, as publicações brasileiras eram abastecidas por histórias e continuações criadas pelos artistas nacionais.

Segundo Vergueiro e Ramos (2009), no Brasil os quadrinhos só foram oficializados como prática a ser incluída na realidade de sala de aula no ano seguinte ao da promulgação da LDB, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. No Brasil, os PCN propuseram uma releitura das práticas pedagógicas com o intuito de criar um referencial a ser adotado pelos docentes. Desta forma, os PCN incluíram os quadrinhos como linguagem a ser trabalhada em sala de aula, no ensino fundamental e médio, a exemplo dos livros destinados à área de Artes para as séries de 5ª e 8ª que mencionam a necessidade dos alunos serem competentes na leitura de determinadas formas visuais, incluindo as HQ. O mesmo ocorre com os PCN de Língua Portuguesa, que citam a necessidade de uma leitura crítica de charges e as tirinhas como gênero a ser estudado (RAMOS & VERGUEIRO, 2009, p.10).

Os autores Mariana Ferreira Lopes e Rozinaldo Antonio Miani também apontam em sua pesquisa que as histórias em quadrinhos passaram a ser vistas como possível linguagem de caráter educativo graças ao desenvolvimento das pesquisas no campo da Comunicação. Este novo olhar iniciou-se em estudos na Europa e foi difundido para outros países, reavaliando as antigas críticas de que este meio seria prejudicial ao desenvolvimento infanto-juvenil, fazendo com que as HQ adquirissem, ainda que lentamente, um novo status.

De acordo com Waldomiro Vergueiro (2004), no livro “Como usar os quadrinhos na sala de aula”, a inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito. Nesse momento, as HQs apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda temia-se que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas. No entanto, constatando os resultados favoráveis de sua utilização, alguns autores de livros didáticos –

muitas vezes, inclusive, por solicitação das próprias editoras –, começaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras, ampliando sua penetração no ambiente escolar. Ainda de acordo com ele, no Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções.

O potencial educativo dos quadrinhos é justificado por Vergueiro (2004,p.21) pelos seguintes pontos: os estudantes gostam de ler quadrinhos; palavras e imagens juntas ensinam de forma mais eficiente; existe um alto nível de informação nos quadrinhos; as possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos; os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito da leitura; os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes; o caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar; os quadrinhos tem um caráter globalizador; os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema. Incluindo dois fatores importantes: a acessibilidade e o baixo custo.

Para Paulo Ramos (2006) em seu artigo “ Histórias em Quadrinhos: um novo objeto de estudos”, o pesquisador aponta que as razões que motivaram pesquisas com histórias em quadrinhos a partir dos anos 90 ainda precisam de investigação mais detalhada. Ele acredita que pelo menos dois pontos exerceram algum tipo de influência, como a presença dos quadrinhos nos exames vestibulares, em especial no da Universidade Estadual de Campinas e a inclusão da linguagem nas práticas pedagógicas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados pelo governo federal. Os dois itens levaram a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor.

2.1 O USO DOS QUADRINHOS EM SALA DE AULA

É cada vez mais comum os professores fazerem uso de histórias em quadrinhos dentro de sala de aula facilitar o aprendizado e deixar o conteúdo mais atrativo aos alunos. Waldomiro Vergueiro (2004, págs 21 a 25), no livro “Como usar os quadrinhos na sala de aula” aponta alguns motivos pelos quais os quadrinhos auxiliam no ensino. Seguem abaixo alguns deles:

- Os estudantes querem ler os quadrinhos
- Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente
- Existe um alto nível de informação nos quadrinhos
- As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos
- Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura
- Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes
- O caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar
- Os quadrinhos têm um caráter globalizador
- Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema

O uso de quadrinhos em sala de aula fica mais a critério do professor, de acordo com seus objetivos didáticos, não há regras específicas para fazer uso dessa metodologia como explica Vergueiro:

No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma idéia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. Em cada um desses casos, caberá ao professor, quando do planejamento e desenvolvimento de atividades na escola, em qualquer disciplina, estabelecer a estratégia mais adequada às suas necessidades e às características de faixa etária, nível de conhecimento e capacidade de compreensão de seus alunos. (VERGUEIRO, 2004, p.26).

Ainda de acordo com o pesquisador, a aplicação das histórias em quadrinhos deverá se adaptar ao cronograma do curso, sendo utilizadas na sequência normal das atividades e sem qualquer destaque em relação a outras linguagens ou alternativas didáticas. A utilização da leitura de gibis como um momento de relaxamento para os alunos, uma espécie de descanso no uso de materiais mais nobres, pode atingir resultados exatamente opostos aos pretendidos. Ou seja: a aula não deve parar quando da introdução da leitura de quadrinhos, como se também o professor estivesse necessitando de um descanso na sua árdua tarefa de ensino. Além disso, é importante que o professor saiba selecionar o material que vai ser utilizado em sala de aula, devendo levar em consideração os objetivos educacionais que se deseja alcançar e que o educador tenha familiaridade suficiente com o meio, conhecendo os principais

elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa.

Quando os quadrinhos são utilizados adequadamente, permitem a reflexão crítica, que se constrói pela mediação do professor, devendo ir muito além “da simples leitura ou preenchimento de balões em branco como atividade para a escrita” (Palhares apud Pizarro, 2005, p.45).

Na opinião do pesquisador Erinaldo Alves do Nascimento (2013, p.07) no livro “Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas: o trabalho em universos ficcionais e fanzines”, as escolas precisam dialogar mais com a vida e uma maneira disso acontecer, dentre outras possibilidades, é oportunizar encontros entre o professorado e os estudantes que permitam o surgimento de provocações e estranhamentos a partir da interação com diferentes modalidades de artefatos predominantemente visuais. A produção de narrativas ficcionais e de fanzines nas escolas podem ser uma maneira interessante e inventiva de dinamizar e modificar processos educacionais. Ainda de acordo com ele, os fanzines podem ser feitos em diferentes formatos e suportes, podendo utilizar os materiais convencionais, como recortes de revistas e jornais, ou serem diagramados e digitados em computadores. A elaboração de fanzines, neste caso, ajuda no bom uso e no aproveitamento eficiente de equipamentos de informática nas escolas, além disso os fanzines também colaboram eficazmente em processos educacionais em processos educacionais que precisam estabelecer conexões transversais, inter e transdisciplinares. Podem servir como um elo para disciplinas diferentes, empenhadas no mesmo propósito educacional, se revelando também como ótimos processos de avaliação, especialmente quando são relacionados com processos contínuos ou como uma maneira de averiguar os conhecimentos acumulados pelos estudantes. Em suma, os fanzines podem ser vistos como indicadores e produtos relacionados com processos significativos de aprendizagem e avaliação educacional. Veja abaixo uma imagem que mostra o processo de produção de um fanzine:



Processo de produção de fanzine. Imagem retirada do site megaartigos.com.br

Edgard Guimarães (2001) em seu artigo “História em Quadrinhos como Instrumento Educacional” classifica as publicações de HQ’s usadas como instrumento educacional em 4 categorias: a edição voltada exclusivamente para o mercado de livro didático; - a edição com objetivo de ensino mas voltada ao público em geral; - a edição com objetivo de entretenimento mas com forte conteúdo educacional; - e as edições com objetivo unicamente de entretenimento. O pesquisador também explica cada uma das categorias:

Publicação Educativa Dirigida. Os livros voltados para a adoção em escolas há muito usam o recurso das Histórias em Quadrinhos, mas de forma bastante limitada. Normalmente trazem algumas páginas quadrinizadas em seu conteúdo. Um bom exemplo de utilização da HQ para o ensino está nos livros de inglês básico, onde os diálogos simples entre alguns personagens são valorizados quando colocados em seqüências quadrinizadas. As imagens auxiliam bastante o entendimento dos textos. Embora as HQs estejam presentes em um número significativo de livros didáticos, raramente se vê uma edição feita totalmente em quadrinhos ser adotada como livro-texto no ensino regular. Fora do ambiente escolar, mas também com objetivo de ensino e voltado a um público dirigido, existem várias experiências.



Tirinha criada na Oficina de Desenho André Brown para a campanha contra a DENGUE e divulgada pelo Jornal Bem Forte com o apoio da Casa Cruz. Tirinha retirada do site cartumfazescola.zip.net.

Publicação Educativa Geral. As edições de Histórias em Quadrinhos que trazem conteúdo informativo consistente, mas são voltadas para o público em geral, não são raras, mas ainda não são um segmento de mercado bem explorado.

Publicação de Entretenimento com Conteúdo Educativo. As edições que não visam à educação, mas têm conteúdo informativo e são um segmento mais explorado pelas editoras. São incluídos nesta categoria os livros reunindo charges editoriais de jornais. Embora o tom seja o humor, fazem o registro da história recente do país.

Publicação de Entretenimento. As revistas e livros de Histórias em Quadrinhos destinadas puramente ao entretenimento têm também sua participação na formação de um indivíduo, que não se limita, obviamente, à sua educação formal. Ao contrário, a formação de uma pessoa é feita, em grande parte, dentro de seu convívio social, do qual fazem parte os meios de comunicação de massa, dos quais a História em Quadrinhos está, no momento, sendo analisada.

2.2 COMO TRABALHAR OS QUADRINHOS EM CADA DISCIPLINA

As histórias em quadrinhos podem ser trabalhadas em sala de aula com crianças, adolescentes ou até mesmo na faculdade. Em relação às disciplinas, cada professor tem sua própria maneira de trabalhar com as HQ's e trabalha quando acha necessário ou conveniente, entretanto é importante que o professor faça um bom planejamento e saiba utilizar os quadrinhos da melhor maneira possível, de forma que possa alcançar os objetivos almejados. Em *A linguagem dos quadrinhos: uma "alfabetização" necessária*, Vergueiro (2006) admite que "a 'alfabetização' na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o

aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização”. Faz-se necessária a capacitação dos educadores para uma melhor assimilação da linguagem dos quadrinhos, possibilitando com isto seu uso como recurso didático pedagógico de maneira mais eficaz. Veja abaixo sugestões de como aproveitar os quadrinhos de maneira didática em qualquer disciplina, seja ela da área de humanas, biológicas ou exatas.

2.2.1. HISTÓRIA GERAL E/OU DO BRASIL

De acordo com Johnni Langer(2009) , autor do artigo “ O ensino de História Medieval pelos Quadrinhos”, pode- se recorrer à escolha de uma temática em especial, cruzar informações e refletir sobre as formas de adaptação artística sobre o passado, neste caso confrontando a HQ com filmes e obras literárias. Várias questões e problemáticas podem ser desenvolvidas para qualquer forma de quadrinho, tanto como auxílio para o professor preparar sua aula quanto para os alunos desenvolverem suas reflexões, após a leitura do material selecionado. Algumas delas podem ser desenvolvidas com a colaboração de professores de outras áreas, como educação artística (no quesito arte e imagem) e português (especialmente para questões de redação e linguagem). Já o autor Djota Carvalho (2007), do livro “A educação está no gibi”, defende que há duas linhas possíveis a serem seguidas para usar HQ’s nessa disciplina: mostrar como os quadrinhos se inserem ou foram usados em episódios históricos da humanidade e como retratam a história.



Fragmentos de uma história em quadrinhos da Turma da Mônica que aborda o momento histórico da independência do Brasil. Retirado do blog cantinho da leitura2009.blogspot.com.br

2.2.2 MATEMÁTICA

Apesar de ser uma disciplina de exatas, é possível trabalhar com Matemática nos quadrinhos. Carvalho (2007) explica que além das figuras geométricas que existem nos quadrinhos e que é possível fazer o aluno identificá-las, é possível trabalhar com potenciação e/ou multiplicação ou proporção. No caso da proporção ela pode ser usada caso o aluno opte por produzir quadrinhos, para que o aluno saiba quantos centímetros de largura e comprimento vai precisar utilizar para produzir sua tirinha.

Na opinião da autora desse trabalho, as formas citadas pelo autor são bastante válidas, porém assim como no ensino de História do Brasil, é possível pegar um exemplo fácil de quadrinhos para se trabalhar a Matemática. Vamos usar o mesmo exemplo citado acima, a Turma da Mônica.

No caso da turma criada por Maurício de Sousa, há uma famosa personagem gulosa chamada Magali. Então é possível aliar a personagem ao ensino da Matemática, ao colocar questões para crianças do Ensino Fundamental, do tipo: “Magali tem 8 frutas e comeu 3, quantas frutas sobram?”



Personagem Magali comendo frutas. Além de ensinar a criança a ter uma alimentação saudável, é possível fazê-la aprender matemática de forma descontraída.

2.2.3 FÍSICA E QUÍMICA

Disciplinas consideradas muitas vezes difíceis pela maioria dos alunos, pode-se pensar que é inviável encaixar os quadrinhos nessas disciplinas, ainda mais se tratando de alunos do Ensino Médio, que enxergam os quadrinhos de forma diferente do público infantil, às vezes com menos empolgação. Então nessas disciplinas o professor deve estimular ainda mais a sua criatividade para despertar o interesse dos alunos e, mais ainda, fazê-los aprender um conteúdo muitas vezes considerado “chato e complicado”. Carvalho (2007) sugere que no ensino dessas disciplinas sejam tomados como exemplos os super heróis, como as Meninas Super Poderosas. No caso da Física, podem-se citar as meninas no exemplo: as Meninas Super Poderosas estão em ação e precisam atravessar 120 quilômetros em 60 minutos para alcançar o monstro que ameaça a Cidade City. Qual a velocidade média da ação das heroínas?

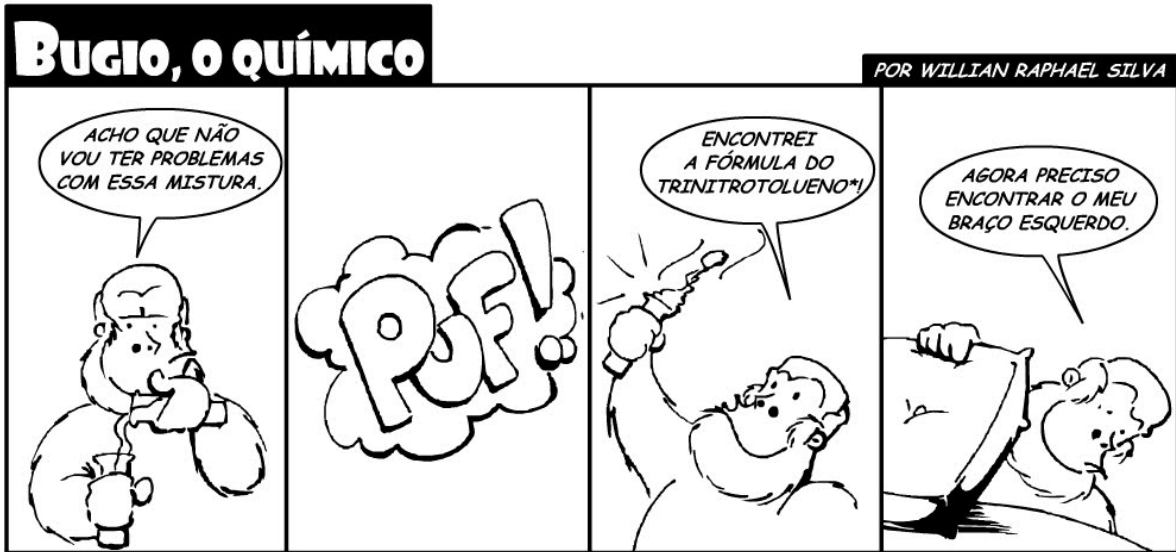


As famosas meninas Super Poderosas podem ser aliadas no aprendizado da Física. Imagem retirada do site ripando.com.br

Os pesquisadores Leonardo André Testoni e Maria Lúcia Vital dos Santos Abib ao desenvolverem o artigo “Histórias em Quadrinhos e o Ensino de Física: Uma Proposta para o ensino sobre inércia” fizeram uma pesquisa de campo com alunos de uma escola em São Paulo. Na pesquisa foi solicitado aos alunos que desenhassem uma pequena HQ que abordasse o tema ‘inércia’. Nesta fase do trabalho, os pesquisadores explicam que esperava-se que o princípio da inércia estivesse suficientemente compreendido pelos alunos, a ponto destes conseguirem criar Quadrinhos criativos e coerentes.

Ao analisarem as HQ produzidas pelos discentes puderam constatar que na sua grande maioria apresentavam um elevado grau de criatividade, organização e inteligibilidade, obedecendo aos padrões tradicionais de uma História em Quadrinho.

Já no caso do ensino de Química, Carvalho (2007) sugere que alguns famosos personagens dos quadrinhos sejam utilizados como exemplos, entre eles o Eléktron (para o ensino dos elétrons), Incrível Hulk e Quarteto Fantástico (para teorizar sobre radiação) e até o mesmo o Homem-Aranha (citando como exemplo as teias). Porém, não é necessário apenas usar esses personagens, alguns menos conhecidos podem ser exemplos para citar algum conteúdo relacionado à Química. Veja os exemplos abaixo:



Explicação da tirinha: O Trinitrotolueno (TNT) é um produto químico altamente explosivo. É usado por profissionais para demolir casas, muros e prédios. Tirinha retirada do site <http://www.humorcomciencia.com>

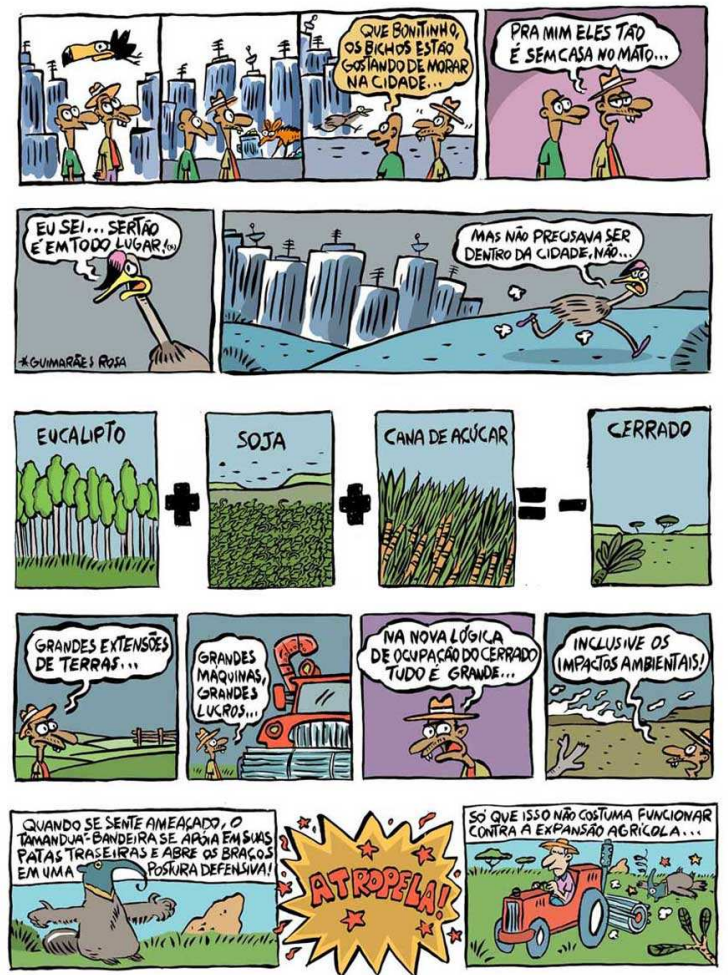


Explicação da tirinha: A banana é um alimento rico em potássio. O potássio é um elemento químico metálico prateado e mole pertencente ao grupo dos metais alcalinos, na tabela periódica é o símbolo K. Tirinha retirada do site <http://www.humorcomciencia.com>

2.2.4 BIOLOGIA/CIÊNCIAS

Também no ensino da Biologia, Carvalho (2007) sugere que os super heróis sejam bons exemplos a serem dados aos alunos dessa disciplina, como o Homem-Aranha, pelo fato de possuírem poderes ligados a animais. Assim como os animais, os vegetais são um objeto de estudo da Biologia, então o autor sugere que personagens ecológicos como o monstro do

Pântano sirvam de inspiração para os professores. Nesse ramo é comum encontramos quadrinhos educativos que ensinam a importância de cuidar da natureza ou temas que estão sempre em discussão como o aquecimento global. Veja alguns exemplos abaixo:



Cartoons retirados do site www.humorambiente.blogspot.com.br de autoria do cartunista Alves

O ensino de Ciências dentro da sala de aula torna-se essencial para observar se o professor é capaz de provocar no aluno um olhar crítico do desenvolvimento científico, tecnológico e social. Diferentes abordagens de ensino são relevantes para essa incitação ao pensamento crítico e ao posicionamento social do aluno, e cabe ao professor abrir novas possibilidades para a discussão entre os mesmos, podendo, pois, os estudantes capazes de modificar a dinâmica da aula sendo eles os principais agentes das suas construções de conhecimento (BANTI *apud* CANDELA *apud*: WINCH, 2007).

Ensinando Ciências e Biologia as HQs possibilitam a pesquisa pedagógica ao analisar o emprego e as contribuições dessa tecnologia educacional no ensino, somada às vantagens de

sua aplicação em sala de aula, bem como a formação da alfabetização científica nas séries iniciais escolares (BANTI *apud* PIZARRO e JUNIOR, 2009).

2.2.5 GEOGRAFIA

Carvalho (2007) explica que boa parte dos autores de histórias em quadrinhos pesquisa exaustivamente as características geográficas (topografia, relevo, vegetação, clima) do local onde quer ambientar a história. Assim, é possível utilizar as HQs nas aulas para mostrar essas características.

O autor aponta a personagem Mafalda como um ótimo personagem para trabalhar o ensino da Geografia, pensamento compartilhado pelas autoras Renata Nunes e Thais Rodrigues (2012) da Universidade Federal de São Carlos no artigo “Quadrinhos e Charges como recursos didáticos para o ensino de Geografia”

Nunes e Rodrigues defendem que “com a tirinhas da Mafalda podem-se trabalhar diversas temáticas, como projeções cartográficas X ideologia, questões referentes a formas de governo, problemáticas ambientais, globalização entre outros temas, tanto políticos como físicos”.



"Mafalda e o Globo I"



"Mafalda e o Globo II"

Tirinhas retiradas do site <http://cageos.wordpress.com>

Em seu artigo “Relato de uma experiência de história em quadrinhos no ensino da Geografia”, a pesquisadora Glauca Deffune (2010) aponta os objetivos de se inserir HQ’s no ensino de Geografia:

Ampliar a capacidade de observação e de expressão; despertar o prazer estético; aguçar o senso de humor e a leitura crítica; correlacionar mensagem verbal e não-verbal; correlacionar cultura informal e formal; conhecer e respeitar as variantes linguísticas do português falado; desvendar as formas coloquiais da linguagem; dominar conceitos relacionados às áreas do conhecimento; aproximar as informações científicas, artísticas e históricas do universo social do aluno; produzir textos; desenvolver o protagonismo do estudante e a autonomia na elaboração e execução de projetos escolares. (DEFFUNE, p.157-159, 2010)

No final de sua pesquisa, a pesquisadora concluiu que é por meio das HQs que o professor consegue visualizar se o aluno desenvolveu uma observação mais sistematizada e reflexiva ou não, pois, a utilização deste recurso é uma tempestade de ideias (brainstorm), que como atividade deverá contribuir para a livre expressão dos alunos, desvinculada de qualquer sistematização prévia pelo professor, parte do desorganizado ou do problema, para a organização do raciocínio ou para a solução do problema apresentado, caracterizando-se como ferramenta pedagógica muito rica, proporcionando liberdade de expressão e desenvolvimento do potencial do aluno.

2.2.6 LÍNGUA PORTUGUESA

A disciplina de Língua Portuguesa é uma das quais mais de usa quadrinhos na sala de aula com o intuito de estimular o aprendizado. Carvalho (2007) explica que justamente por serem histórias, as HQ's representam um rico material para se trabalhar em Português, podendo se trabalhar com crianças que sequer ainda sabem escrever. Como misturam texto e imagem, as HQ's se tornam muito atraentes para esse público. O autor recomenda que os professores dessa disciplina trabalhem os seguintes aspectos:

- Leitura Crítica e Interpretação de Texto
- Criatividade
- Caracterização de personagens/regionalização/ortografia
- Concisão/coesão de texto
- Metáforas visuais

Além das crianças, o público jovem também é estimulado com o aprendizado através dos quadrinhos. Frequentemente encontra-se tirinhas em provas e vestibulares, para que o aluno possa responder a questões relacionadas a vocabulário, interpretação de texto, figura de linguagem, entre outras. Enquanto que na criança o educador estimula mais a criatividade e a

identificação dos personagens, nos jovens se trabalha mais questões específicas da língua portuguesa e análise crítica do texto, desenvolvendo a capacidade de argumentação. Isso será abordado com mais detalhes no próximo capítulo. Veja abaixo exemplos de como as tirinhas são abordadas em provas:



Toda Mafalda. Joaquim Salvador Lavado, (Quino), São Paulo: Martins Fontes. 1993, p.111

2. A menina do texto

- (A) chora de tristeza ao verificar que está trocando dentes.
(B) está trocando seus dentes de leite e não gosta disso.
 (C) reclama da dor que sente ao trocar os dentes.
 (D) usa o espelho para observar a beleza dos seus dentes.

Questão abordada na Prova Brasil de Língua Portuguesa para o 5º ano. Fonte: Revista Nova Escola



(*A tarde*, Salvador, 01.07.2007. Adaptado.)

01. a) Na tirinha, há três ocorrências da palavra *se*. Indique o sentido de cada uma delas nas frases em que ocorrem.
 b) Reescreva a última frase da tirinha, alterando o registro para a norma padrão da língua portuguesa, em primeira pessoa do plural.

Questão abordada na prova de conhecimentos específicos do vestibular de 2008 da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

No próximo capítulo vamos abordar como os professores das escolas de Fortaleza trabalham com os quadrinhos dentro de sala de aula.

CAPÍTULO 3

OS QUADRINHOS E O INCENTIVO À LEITURA

Neste capítulo vamos abordar de que maneira os quadrinhos contribuem para o incentivo à leitura e como os professores de algumas escolas de Fortaleza trabalham com quadrinhos em sala de aula.

É comum nos depararmos com discussões a respeito de incentivo à leitura, principalmente para o público infantil. Uma das maneiras usadas para estimular a leitura nas crianças é a apresentação das revistas em quadrinhos, pelo fato de estes produtos apresentarem uma leitura leve, divertida, personagens das mais diversas personalidades e páginas coloridas. O jornalista e doutor em Comunicação Roberto Elísio dos Santos (2001), em seu artigo “Aplicações das histórias em quadrinhos”, é um dos defensores das histórias em quadrinhos como estímulo de leitura para as crianças:

A História em Quadrinhos, ao falar diretamente ao imaginário da criança, preenche suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras. A experiência de folhear as páginas de uma revista de quadrinhos pode gerar e perpetuar o gosto pelo livro impresso, independente de seu conteúdo. Além disso, o aprendizado por meio do uso de quadrinhos é mais proveitoso. (SANTOS, 2001, p.3)

As histórias em quadrinhos promovem o interesse não somente das crianças, mas também do público adulto, sendo reconhecidas e elogiadas até pelos críticos. Atualmente muitos defendem que as crianças estão lendo cada vez menos, devido a interesses por outras formas de lazer, como a televisão, o vídeo-game e a Internet. No caso de um país em desenvolvimento como o Brasil, há ainda o fato de ter muitas pessoas de baixa renda que não podem comprar livros ou revistas. Porém, é sabido que até muitas crianças de famílias de classe média alta também não tem possuem o hábito da leitura. Roberto Elísio dos Santos também apresenta em seu artigo os possíveis motivos para esse fato:

O fato de o hábito da leitura ter diminuído nas últimas décadas pode ser creditado a um fator cultural: o brasileiro não está sendo instigado a ler ou por causa da censura nos anos 70, ou devido à falta de incentivo por parte das escolas e dos pais, pelo número reduzido de bibliotecas ou até mesmo pela violência, que retira os jovens de classe média das ruas e impede sua incursão pelas bancas de jornal, onde encontram material que pode abrir as portas para a leitura, a exemplo da História em Quadrinhos. O preconceito existente contra os quadrinhos por parte de pais e educadores fecha a possibilidade de utilizar este veículo de comunicação para incentivar a leitura. (SANTOS, 2001, p.3)

Há quem considere as histórias em quadrinhos apenas uma forma de entretenimento, mas elas possuem uma grande participação na formação intelectual da criança. Para Iannone (1994), as Histórias em Quadrinhos estimulam e incentivam o leitor a buscar também outros tipos de leitura, uma vez que, juntamente com os livros, são instrumentos saudáveis para estimular a imaginação e o raciocínio de jovens e crianças. De acordo com Vergueiro (2005), as HQs, juntamente com o cinema, são o meio de comunicação de massa mais importante do século XX, ampliando-se, a partir da década de 1930, para praticamente todos os países do mundo. De acordo com Alves (2001):

A história em quadrinhos [...] é um meio de comunicação de massas, cujas histórias são narradas através de imagens desenhadas e texto inter-relacionados [...]. Além de informar e entreter, tem junto a outros meios de comunicação de massa um papel na formação da criança. A história em quadrinhos é transmissora de ideologia e, portanto, afeta a educação de seu público leitor. (ALVES, 2001. s/p)

Com a consciência da importância das HQs no incentivo à leitura das crianças, algumas escolas já deixam disponíveis revistas em quadrinhos na biblioteca. Em outubro de 2011, a Escola Municipal Prefeito Max Colin, de Joinville, promoveu o “Projeto Gibi”, onde alunos do Ensino Fundamental realizaram trabalhos para diversas disciplinas baseados nos gibis da Turma da Mônica. A escolha pelos personagens de Mauricio de Sousa ocorreu por causa do ambiente familiar que os quadrinhos trazem. “Normalmente, os outros gibis têm personagens individuais, não criam um vínculo”, explicou a professora Patrícia Feuser Quindel. Segundo ela, com o projeto, os alunos melhoraram a escrita, a leitura, e aumentaram o vocabulário.

De acordo com os autores Elydio dos Santos Neto e Marta Regina Paulo da Silva, autores do artigo “Histórias em Quadrinhos e Educação: histórico e perspectivas”, nas décadas de 1970 e 1980, os quadrinhos ampliaram seu espaço nas telas de TV e do cinema, o

que, junto com os estudos e debates acerca das HQs como meio de comunicação de massa, revigorou novamente a sua produção, com o surgimento de outros personagens, histórias e gêneros. Durante a década de 1930, a maioria das HQs desenhada no Brasil era dirigida ao público infantil, sempre com influência das histórias norte-americanas, em especial a Disney, que terminaram por controlar quase todo o mercado de HQs brasileiro. Ainda segundo os autores, as histórias em quadrinhos podem constituir-se em um recurso interessante para serem trabalhadas em sala de aula, mas, apesar dos avanços já feitos no que diz respeito à sua utilização na educação escolar, ainda há que se desobstruir este caminho de antigos preconceitos que permanecem. As HQs podem dar uma contribuição interessante para o processo de olhar/sentir/pensar/decidir, uma vez que elas auxiliam a superação da cultura logocêntrica, isto é centrada na palavra, que se tornou dominante em nossas escolas.

O objetivo dessa monografia é justamente retratar a importância e os benefícios que a leitura de histórias em quadrinhos traz para as crianças. Escolhi esse tema porque além de gostar de HQ, desde criança meus pais incentivaram a minha leitura com revistas em quadrinhos. Deu certo e passei a ler também outros tipos de revistas, assim como jornais e livros. Até que decidi ser jornalista, certamente esses fatores tiveram uma influência nisso. Na minha pesquisa, foram analisadas quatro escolas de Fortaleza: Creche Escola Luiza Martins, Colégio Santo Afonso, Colégio Master e Escola Professor Martins de Aguiar.

3.1 COMO AS ESCOLAS TRABALHAM COM QUADRINHOS?

A utilização das histórias em quadrinhos no ensino faz com que os alunos tenham um bom rendimento nas escolas, possibilitando um melhor desempenho no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Waldomiro Vergueiro (2004, p. 21), “há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano de crianças e jovens, sua leitura sendo muito popular entre eles. [...] As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico”.

Ler não é somente decodificar palavras, mas saber identificar: odores, cores, sons, luzes etc. “Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço, diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos alcançam” (MARTINS, 2006, p.11).

Para Lajolo (1993, p.59) “ler é ser capaz de atribuir aos textos significados, relacionando-o a todos os outros textos. É perceber as inferências que o texto traz consigo, permitindo melhor esclarecimento para o leitor”.

Desde o período da pré-história, o homem tem contato com desenhos. Já naquela época, eram comuns desenhos onde os homens relatavam nas paredes das cavernas suas experiências com caçada.

Nely Novaes Coelho, em sua obra “A Literatura Infantil”, afirma que as histórias em quadrinhos são tão válidas quanto os livros de figuras como processo de leitura acessível às crianças pequenas. Desta forma, ela destaca que psicólogos, como por exemplo Claparède², acreditam que as crianças, ao lerem as histórias em quadrinhos, não somente se divertem como também satisfazem uma necessidade interior e instintiva, a necessidade do crescimento mental, inerente ao ser em desenvolvimento.

Segundo um artigo de Serpa e Alencar sobre HQs em sala de aula, publicado em 1988 na revista Nova Escola, ficou confirmado, após uma pesquisa sobre hábitos de leitura dos alunos, que 100% deles (ou seja, todos os alunos) gostavam mais de ler quadrinhos do que qualquer outro tipo de publicação. O artigo também mostra que as HQs podem ser utilizadas em todos os níveis de aprendizado, desde a fase de alfabetização até o ensino universitário.

Muitos críticos censuram a utilização de HQs em salas de aula; argumentam que os gibis desestimulam a leitura de livros e contribuem para a formação de adultos que não gostam de ler. VERGUEIRO (2004, p.20) discorda desta afirmação: “muitas pesquisas apontam que crianças que começam a ler com os quadrinhos têm mais facilidade para ler outros livros e procuram outras fontes de informação”.

As vantagens na utilização deste tipo de recurso didático são o baixo custo de aquisição dos gibis, a fácil localização deste material e a familiarização dos estudantes com este meio de comunicação. A combinação de imagens, onomatopeias e texto atraem a atenção dos estudantes, e estimulam o estudo e o conhecimento.

² **Édouard Claparède** foi um neurologista e psicólogo do desenvolvimento infantil, que se destacou pelos seus estudos nas áreas da psicologia infantil, da pedagogia e da formação da memória. Em 1912 fundou em Genebra o *Institut Jean-Jacques Rousseau*, uma academia voltada para a investigação e o ensino da psicologia e da psicopedagogia, hoje integrada na Universidade de Genebra.

Se os pais podem e devem incentivar as crianças a lerem histórias em quadrinhos, na escola os professores também podem utilizar o mesmo método, como revela Leandro Carvalho, mestre em História, em seu artigo “História em quadrinhos como incentivo à leitura”. Veja a citação na próxima página:

As histórias em quadrinhos podem introduzir um tema que posteriormente será abordado a partir de outras perspectivas de ensino; podem ser apresentadas como complemento de um conceito já trabalhado pelo professor; e podem ser utilizadas para provocar debates e discussões em sala de aula, além de trazer o aluno para o universo da leitura. Para adotar a história em quadrinhos em sala de aula, caberá ao professor realizar um planejamento das atividades na escola para estabelecer a estratégia mais didática para uma determinada faixa etária. Qual história utilizar e qual tema abordar serão escolhas do professor (CARVALHO, 2008, s/p).

Segundo Mendes (1990), as histórias em quadrinhos, como recurso didático, apresentam a vantagem de serem de fácil acesso e não exigirem mediadores técnicos para a sua leitura. Para a autora, se por um lado o livro infantil e a escola caminharam sempre juntos e complementando-se mutuamente, o mesmo não ocorreu com as histórias em quadrinhos. Pelo contrário, as histórias em quadrinhos normalmente só eram lidas às escondidas do professor, entre uma aula e outra. Apesar de suas extraordinárias possibilidades como meio educativo, têm sido marginalizadas, exaltando-se somente a sua facilidade de entretenimento.

É muito importante para o leitor iniciante, seja de HQs ou de outras modalidades, poder contar com pessoas realmente capazes de lhe impulsionar o interesse pela leitura, ampliando sua visão para um mundo novo prestes a ser revelado.

3.2 ANÁLISE DO USO DAS HQs NAS ESCOLAS DE FORTALEZA

Para realizar essa pesquisa, visitei quatro escolas com diferentes perfis: públicas e particulares, de pequeno e grande porte. As escolas não tiveram uma análise específica para a escolha, os critérios foram analisar escolas de diferentes perfis, em bairros próximos para facilitar o deslocamento e que de alguma maneira trabalhassem com quadrinhos em sala de aula. Além da pesquisa bibliográfica, foi realizada uma pesquisa de campo nas escolas, com aplicação de questionário aos professores e coordenadores pedagógicos e coleta de trabalhos que envolvem quadrinhos com o objetivo de descobrir como os professores trabalham com quadrinhos em sala de aula, os motivos que os fazem a usar essa metodologia de ensino e os

efeitos. Veja abaixo as perguntas utilizadas no questionário com professores e coordenadores pedagógicos:

- 1- Qual a disciplina que você leciona?
- 2- Há quanto tempo trabalha com quadrinhos?
- 3- De que forma trabalha com quadrinhos?
- 4- Por que decidiu usar os quadrinhos como metodologia de ensino?
- 5- Em sua opinião, os quadrinhos contribuem para o aprendizado? Por quê?

Mais adiante serão apresentadas tabelas sobre o uso de quadrinhos em sala de aula e os materiais utilizados nas escolas.

Na Creche Escola Espaço Educacional Luiza Martins, em Fortaleza, as professoras trabalham com crianças de 3 a 8 anos e utilizam as revistas em quadrinhos nas salas de leitura duas vezes por semana. “Para as crianças de 3 a 5 anos, só fazemos mostrar os desenhos, já as de 6 a 8 anos fazem contar as histórias”, revelou a auxiliar pedagógica Marta Goes. Ela avalia de forma positiva o uso de HQs na escola: “Os quadrinhos dão resultado no incentivo à leitura. As crianças até perguntam quando será o dia em que vamos ler as histórias. As preferidas são as da Turma da Mônica e do Bob Esponja”, revelou. Além de revistas em quadrinhos, são utilizados fantoches, livros de auto relevo e filmes infantis.

Veja os resultados na tabela abaixo. Para facilitar a compreensão, veja os significados dos termos trabalhados:

- Leitura lúdica: fora de sala de aula
- Leitura dirigida: dentro de sala de aula
- Produção de quadrinhos: produção de HQ's em uma determinada disciplina
- Uso didático das HQs: Uso em provas, exercícios e atividades pedagógicas
- Uso auxiliar das HQs : Análise crítica dos quadrinhos em sala

Escola: Espaço Educacional Luiza Martins

Série	Leitura Lúdica	Leitura Dirigida	Produção de Quadrinhos	Uso didático das HQs	Uso auxiliar das HQs (análise dos elementos)
1 ^a	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
2 ^a	Sim	Não	Sim	Sim	Sim (sínteses)
3 ^a	Sim	Não	Sim	Sim	Sim (discussão)
4 ^a	-	-	-	-	-
5 ^a	Sim	Sim (sala de leitura)	Sim (em provas)	Sim	Não
6 ^a	-	-	-	-	-
7 ^a	-	-	-	-	-
8 ^a	-	-	-	-	-
9 ^a	-	-	-	-	-
1 ^o	-	-	-	-	-
2 ^o	-	-	-	-	-
3 ^o	-	-	-	-	-

1. Os tipos de leitura utilizadas na escola em cada série. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola.

Série	Revista em Quadrinhos	Livro Ilustrado	Romance adaptado em quadrinhos	Livro em quadrinhos	Livro Paradidático
1ª	Sim	Sim	Não	Não	Não
2ª	Não	Sim	Não	Não	Sim
3ª	Não	Sim	Não	Não	Sim
4ª	-	-	-	-	-
5ª	Sim	Não	Não	Não	Sim
6ª	-	-	-	-	-
7ª	-	-	-	-	-
8ª	-	-	-	-	-
9ª	-	-	-	-	-
1º	-	-	-	-	-
2º	-	-	-	-	-
3º	-	-	-	-	-

2. Os tipos de livros utilizados na escola em cada série. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola

No Espaço Educacional Luiza Martins, a prioridade são as publicações de entretenimento, principalmente por causa do público infantil. Destaque para os quadrinhos da Turma da Mônica e livros de histórias infantis. Veja abaixo duas fotos do espaço de leitura da escola:



Figura 1-Sala de leitura do Espaço Educacional Luiza Martins



Figura 2- Livros utilizados para contação e leitura de histórias

No Colégio Santo Afonso, escola pública e do Governo do Estado do Ceará, que comporta alunos a partir da sexta série, localizado também em Fortaleza, as professoras também fazem uso de gibis; porém, em pesquisa de campo realizada dentro da escola foi constatado que apenas duas professoras da 6ª série do Ensino Fundamental utilizam os quadrinhos como ferramenta didática. A escola possui uma biblioteca com um ambiente harmônico, com diversos livros e com revistas em quadrinhos disponíveis para leitura, mesmo que em pouca quantidade. Além das revistinhas, a biblioteca também disponibiliza clássicos da Literatura em quadrinhos, como “O Guarani”, “O Cortiço”, “Memórias de um Sargento de Milícias” e “O Alienista”. Outros livros disponíveis são “Tédio no Chiqueiro”, “João de Calais” e “Bando de Dois”. Os clássicos são utilizados com alunos do 8º e 9º ano. A biblioteca da escola ainda conta com um sistema denominado “Correio Literário”, onde o aluno, quando gosta de um livro, deixa recomendado para um colega no mural da biblioteca.

Outro fato interessante é que a escola faz um campeonato de “Soletando”, quadro do programa *Caldeirão do Huck*, da Rede Globo, onde os participantes soletram uma palavra e, se estiver correta, ganham prêmios. Essa é mais uma forma de incentivar a leitura entre os alunos.

A professora de Língua Portuguesa da 6ª série, do Colégio Santo Afonso, Ivone Dantas, explica que faz uso de quadrinhos de diversas maneiras: “Realizo em sala de aula produção textual individual e em grupo. Trabalho com os alunos as diferenças entre historinhas e tirinhas, acho que as historinhas deixam a leitura mais prazerosa. Meus alunos escolhem um tema e produzem uma história em quadrinhos relacionada a esse tema e reprodução de historinhas. Essa metodologia melhora o vocabulário, a produção textual e a ortografia”. A professora expôs os trabalhos com quadrinhos de seus alunos, todos realizados com folhas de ofício e com uso de lápis comum e lápis de cor.

A professora Rosângela Lúcia, que também trabalha no Colégio Santo Afonso no 6º ano, utiliza os quadrinhos de forma semelhante, mas com algumas diferenças: “Eu gosto de trabalhar muito a interpretação de texto, a narração e o desenho. Costumo trabalhar a predição onde, através do título, o aluno deduz o conteúdo da historinha, assim como a criação de uma nova tirinha utilizando os mesmos personagens da tirinha que foi lida anteriormente. Na gramática, exploro as figuras de linguagem e gosto de usar as tirinhas em provas”, revela. Veja abaixo o levantamento na escola:

Escola: Santo Afonso

Série	Leitura Lúdica	Leitura Dirigida	Produção de Quadrinhos	Uso didático das HQs	Uso auxiliar das HQs (análise dos elementos)
1 ^a	-	-	-	-	-
2 ^a	-	-	-	-	-
3 ^a	-	-	-	-	-
4 ^a	-	-	-	-	-
5 ^a	-	-	-	-	-
6 ^a	Sim (apenas alunos)	Sim	Sim	Sim	Sim(Interpretação, produção,debate)
7 ^a	Sim (na biblioteca)	Não	Não	Não	Não
8 ^a	Sim (na biblioteca)	Não	Não	Não	Não
9 ^a	Sim (na biblioteca)	Não	Não	Não	Não
1 ^o	Não	Não	Não	Não	Não
2 ^o	Não	Não	Não	Não	Não
3 ^o	Não	Não	Não	Não	Não

2.3 Os tipos de leitura utilizadas na escola em cada série. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola

Série	Revista em Quadrinhos	Livro Ilustrado	Romance adaptado em quadrinhos	Livro em quadrinhos	Livro Paradidático
1ª	-	-	-	-	-
2ª	-	-	-	-	-
3ª	-	-	-	-	-
4ª	-	-	-	-	-
5ª	-	-	-	-	-
6ª	Sim (<i>Turma da Mônica e Garfield</i>)	Não	Não	Não	Sim
7ª	Não	Sim	Não	Sim	Sim
8ª	Não	Sim	Não	Sim	Sim
9ª	Não	Sim	Não	Sim	Sim
1º	Não	Não	Não	Não	Não
2º	Não	Não	Não	Não	Não
3º	Não	Não	Não	Não	Não

2.4 Os tipos de livros utilizados na escola em cada série. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola



Figura 3- Biblioteca do Colégio Santo Afonso. Principal espaço de leitura da escola

Veja a seguir alguns exemplos de questões aplicadas no simulado para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) no Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio. O material foi organizado pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC):

Observe a imagem abaixo:

fonte: <http://historiativanet.wordpress.com/category/historia-do-brasil/republica-velhaespada-e-cape-com-leite/>

01. Ao ler a tirinha acima, temos uma ideia de como teria sido noticiada a Proclamação da República (15/11/1889) caso a Internet já existisse.

No entanto, aprendemos que, no início da República, a partir da década de 1930, um meio de comunicação estava realmente "bombando". Qual seria esse meio de comunicação de massa?

TE: 03 | E.O.: ____

() televisão
() periódicos (jornais e revistas)
() rádio

Figura 4- Questões do simulado do ENEM do Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio

Leia o texto abaixo.

Disponível em: <<http://comicsgarfield.blogspot.com/>>. Acesso em: 3 dez. 2010. (P090559ES_SUP)

Questão 11 P090559ES

Nesse texto, o tom irônico está presente

A) na primeira observação do rapaz.
B) na expressão concentrada do gato.
C) no que o rapaz acha da natureza.
D) no que o gato pensou sobre os sapatos.

BL01P12

Figura 5- Questões do simulado do ENEM do Colégio Santo Afonso para alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio.

Ainda na referida escola, foi observada a exposição de trabalhos de desenhos feitos pelas crianças espalhados nos murais do colégio. A coordenação do Ensino Fundamental possui espaço de leitura de revistas em quadrinhos e jogos infantis.

O projeto de leitura da escola “Giroleta”, que foi mencionado anteriormente, é voltado para alunos do Infantil II ao 8º ano. Os estudantes alugam um livro por semana e, após a leitura, fazem uma análise escrita ou desenhada do livro. Com isso, eles leem em média 40 livros por ano. Além disso, o aluno que ler mais livros ganha um certificado.

A professora de Língua Portuguesa do Colégio Master, Flávia Barbosa, trabalha com quadrinhos desde quando começou a dar aulas e explica porque faz uso da metodologia: “Ensino para os alunos da sétima série e do primeiro ano do ensino médio, porém no primeiro ano faço uso apenas em provas. Para os alunos do ensino fundamental eu passo trabalhos em casa com quadrinhos. Por causa da faixa etária, os quadrinhos possibilitam muito aprendizado e estimulam a criatividade”, justifica.

Outro fato curioso observado na escola é que as salas da quarta e quinta série possuem uma cestinha com várias revistas em quadrinhos. Após o conteúdo dado em sala de aula, há espaço para a leitura. E de acordo com a professora Politiana Pinto, da sexta série até a oitava, é comum serem realizados debates em sala de aula sobre os assuntos atuais que são abordados nas historinhas, entre eles Internet, namoro, amizade e comunicação. Confira o resumo da pesquisa nas tabelas a seguir:

Escola: Master

Série	Leitura Lúdica	Leitura Dirigida	Produção de Quadrinhos	Uso didático das HQs	Uso auxiliar das HQs (análise dos elementos)
1 ^a	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
2 ^a	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
3 ^a	Sim (quadra, quiosque)	Sim	Sim	Sim	Não
4 ^a	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
5 ^a	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
6 ^a	Não	Sim	Sim	Sim	Sim (em provas)
7 ^a	Não	Sim	Sim	Sim	Sim (em provas)
8 ^a	Não	Sim	Não	Sim	Sim (em provas)
9 ^a	Não	Não	Não	Sim	Não
1 ^o	Não	Não	Não	Não	Não
2 ^o	Não	Não	Não	Não	Não
3 ^o	Não	Não	Não	Não	Não

Tipos de leitura realizados pelos alunos do colégio Master com quadrinhos

Série	Revista em Quadrinhos	Livro Ilustrado	Romance adaptado em quadrinhos	Livro em quadrinhos	Livro Paradidático
1ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
2ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
3ª	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
4ª	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
5ª	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
6ª	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
7ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
8ª	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
9ª	Não	Sim	Sim	Não	Sim
1º	Não	Não	Não	Não	Não
2º	Não	Não	Não	Não	Não
3º	Não	Não	Não	Não	Não

A tabela mostra que tipos de livros em quadrinhos são trabalhados com os alunos do colégio Master

O Colégio Master dá prioridade a publicações educativas dirigidas e publicações de entretenimento. As principais são Turma da Mônica, Disney, Cartilhas Educativas, fábulas, cartas, poemas e obras clássicas como *Dom Quixote em Quadrinhos* e *Cinderela em Quadrinhos*.

Veja a seguir algumas provas do Colégio Master e perceba como os quadrinhos são trabalhados na escola:



Data: ___ / ___ / ___

Aluno(a):				Nº:	
Ano: 4º	Segmento: Ens. Fund.		Turma:	Turno:	Etapa: II
Disciplina: Produção Textual			Equipe: Português		
AC1 <input checked="" type="radio"/>	AC2 <input type="radio"/>	AC3 <input type="radio"/>	2ª CH <input type="radio"/>	ARP <input type="radio"/>	ARF <input type="radio"/>
Total de Escores: 100		Escore Obtidos:		Nota:	

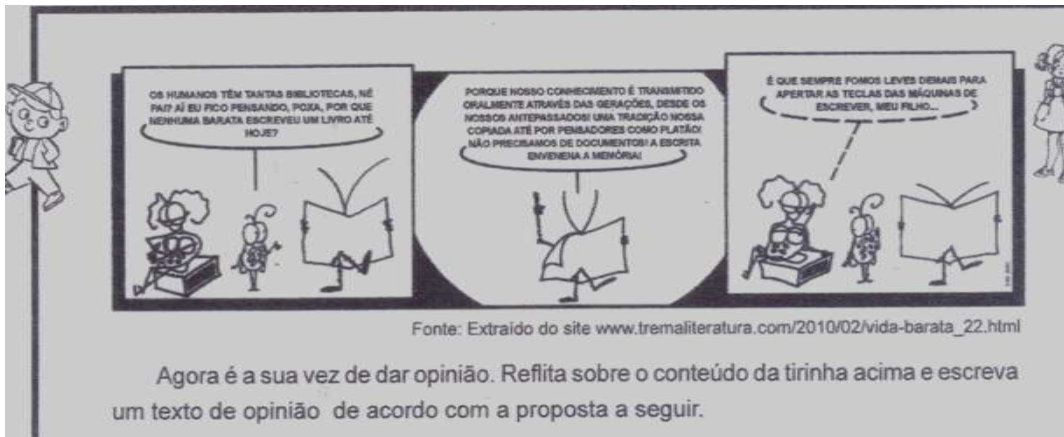
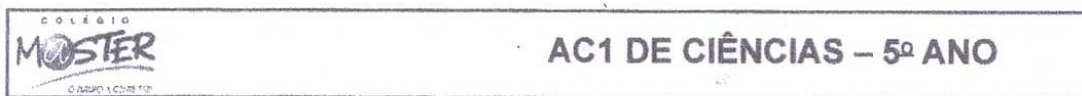


Figura 9 - Prova da 4ª série de Língua Portuguesa do Colégio Master. Na prova, o aluno deve ler a tirinha acima e produzir uma redação com base no conteúdo abordado na tirinha. Boa ferramenta de produção textual.

Veja agora uma prova de Ciências da 5ª série:



02. Observe a tirinha e responda corretamente:



kidimagens.com

2.1 Explique para Mafalda que, além de fonte de inspiração, a luz do Sol é de grande importância na saúde dos nossos ossos.

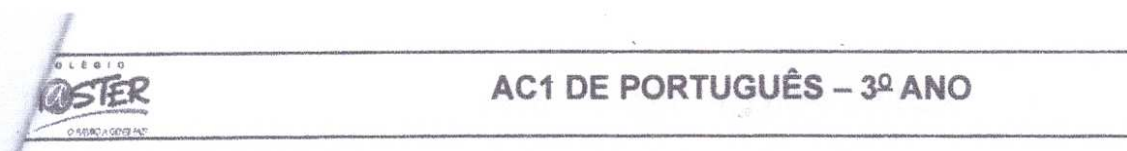
T.E.: 03 E.O.: ____

2.2 Que vitamina a luz do Sol transforma a partir da gordura do nosso corpo?

T.E.: 01 E.O.: ____

Figura 10-Prova de Ciências dos alunos da 5ª série do Colégio Master. Percebe-se que não é somente nas disciplinas de Português que os quadrinhos podem ser utilizados como ferramenta de aprendizado.

Veja agora exemplo de uma prova de Língua Portuguesa da 3ª série:



10. Por que Jon, o dono de Garfield, lhe deu um presente?

T.E.: 01 | E.O.: ____

11. Garfield gostou do presente que ganhou? Justifique.

T.E.: 02 | E.O.: ____

12. O sinal gráfico utilizado na fala do Garfield no último quadrinho chama-se:

T.E.: 01 | E.O.: ____

- a) cedilha
- b) reticências
- c) travessão
- d) dois-pontos

Figura 11-Nas questões abordadas com base na tirinha, o aluno deve saber interpretação de texto e ter conhecimentos de pontuação.

A escola municipal Professor Martins de Aguiar também faz uso de quadrinhos em sala de aula. Na referida escola, os quadrinhos mais utilizados são os da Turma da Mônica, Mafalda e Menino Maluquinho. Na referida escola, os quadrinhos são utilizados mais como ferramenta de leitura, interpretação de texto, provas de português, estudo da linguagem e produção de histórias e desenhos.

A professora de Educação Infantil e 4º ano da escola Professor Martins de Aguiar, Angela Pucci, é adepta do uso de quadrinhos em todas as disciplinas que leciona na escola. A professora expôs os trabalhos de quadrinhos produzidos por seus alunos. Um deles era criar uma historinha de no máximo quatro quadrinhos, com uso de lápis comum e lápis de cor, valendo nota, com o intuito de estimular a produção de texto. Para a professora, o aluno só consegue aprender se ler e produzir bastante. No momento da pesquisa, a professora estava dando aula e seus alunos estavam produzindo textos em forma de lendas. A professora explica que o processo envolve as seguintes etapas: 1- Leitura silenciosa; 2- Leitura oral; 3- Interpretação oral; 4- Interpretação escrita; e 5- Produção textual.

Na escola Professor Martins de Aguiar não há Ensino Médio; apenas Ensino Infantil até o 9º ano. Da 1ª até a 3ª série, o foco dos professores é estimular a produção de quadrinhos só com gravuras. Na 4ª e 5ª série, o uso das HQs não é constante, apenas de acordo com a necessidade dos alunos. O foco é leitura, reprodução de histórias e análise do diálogo dos balões. Já da 6ª série até a 9ª, são trabalhadas a análise linguística, fala e ortografia. Nessa

faixa etária, os professores da escola trabalham com a *Turma da Mônica Jovem*, pois os temas abordados constituem temas atuais e de interesse dos jovens, como cidadania, relacionamento, trabalho e diferenças sociais. Além disso, nessa faixa etária a Internet adquire mais força, por isso de vez em quando os professores trabalham os quadrinhos nos sites das revistinhas, como o da Turma da Mônica. Assim como no colégio Master, há exposição de trabalhos de desenhos feitos pelos alunos espalhados pelo mural da escola.

Escola: Professor Martins de Aguiar

Série	Leitura Lúdica	Leitura Dirigida	Produção de Quadrinhos	Uso didático das HQs	Uso auxiliar das HQs (análise dos elementos)
1 ^a	Sim	Sim	Não	Sim	Não
2 ^a	Sim	Sim	Não	Sim	Não
3 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim	Sim	Sim
4 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim	Sim	Sim
5 ^a	Sim	Sim (laboratório de informática)	Sim	Sim	Não
6 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim	Sim	Sim
7 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim (Jornal da escola)	Sim	Sim
8 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim (Jornal da escola)	Sim	Sim
9 ^a	Sim	Sim (biblioteca)	Sim (Jornal da escola)	Sim	Sim
1 ^o	-	-	-	-	-
2 ^o	-	-	-	-	-
3 ^o	-	-	-	-	-

Tipos de leitura realizados pelos alunos do colégio Professor Martins de Aguiar com quadrinhos. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola

Série	Revista em Quadrinhos	Livro Ilustrado	Romance adaptado em quadrinhos	Livro em quadrinhos	Livro Paradidático
1ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
2ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
3ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
4ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
5ª	Sim	Não	Não	Não	Sim
6ª	Sim	Sim	Não	Não	Sim
7ª	Sim	Não	Não	Não	Sim
8ª	Não	Não	Não	Não	Sim
9ª	Não	Não	Não	Sim (<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>)	Sim
1º	-	-	-	-	-
2º	-	-	-	-	-
3º	-	-	-	-	-

Tipos de livros em quadrinhos que são trabalhados pelos alunos do colégio Professor Martins de Aguiar. O traço sinaliza que não há as referidas séries na escola

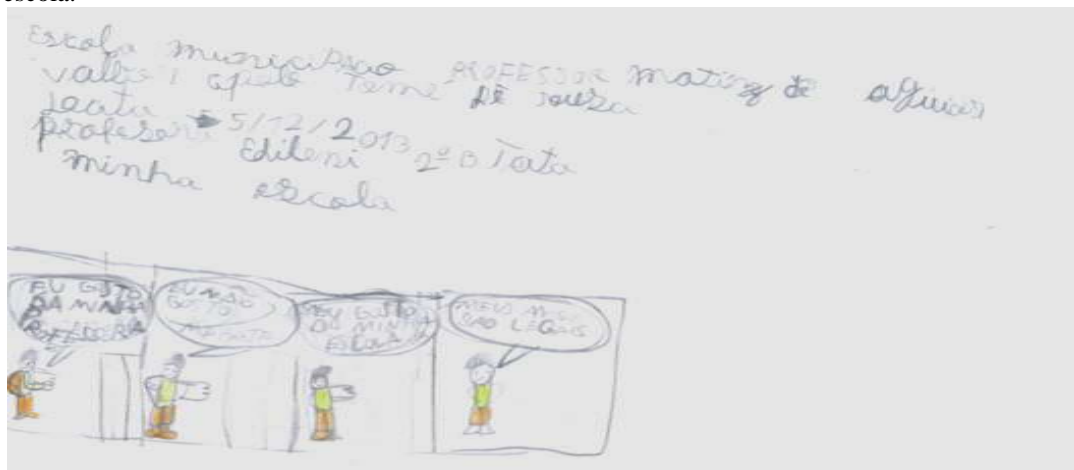


Figura 12-A escola expõe trabalhos de desenhos de alunos dentro de sala de aula

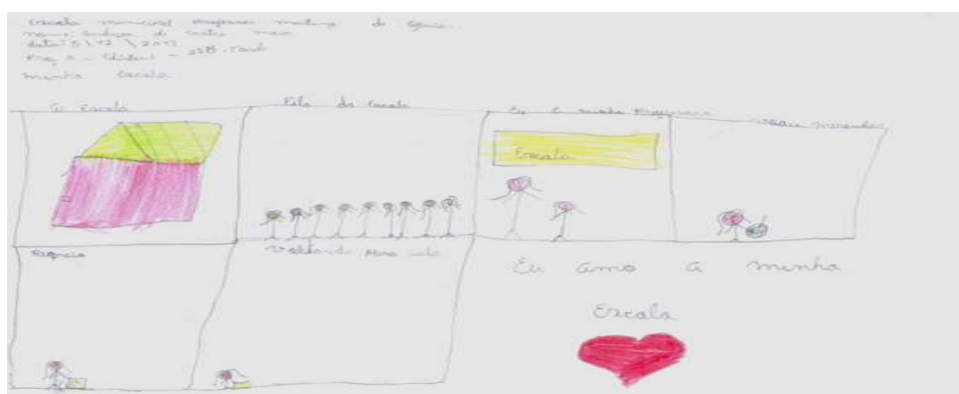
Veja abaixo alguns trabalhos de quadrinhos produzidos por alunos do colégio Professor Martins de Aguiar. A atividade consistia em mostrar o cotidiano e o que eles mais gostam na escola:



Figura 13-Exemplo de um trabalho feito com quadrinhos para alunos da 2ª série, onde eles retratam a rotina na escola.

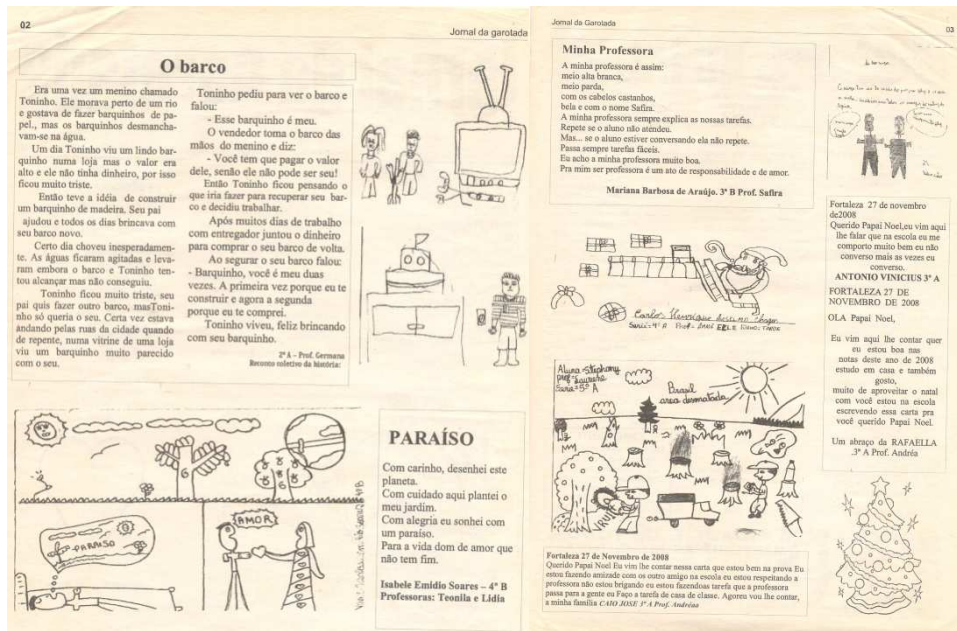


Figuras 14 e 15-Exemplo de um trabalho feito com quadrinhos para alunos da 2ª série, onde eles retratam a rotina na escola.



Na referida escola as publicações utilizadas são as de entretenimento, principalmente as revistas da Turma da Mônica.

Assim como outras escolas da Prefeitura de Fortaleza, a escola Professor Martins de Aguiar possui um jornal com textos produzidos pelos próprios alunos. Nesse jornal, tirinhas e desenhos feitos pelos próprios alunos sempre são destaque. Veja abaixo um exemplo do “Jornal da Garotada”, produzido pelos alunos da escola Professor Martins de Aguiar:



Figuras 16 e 17-Exemplar do “Jornal da Garotada” produzido pelos alunos da escola Professor Martins de Aguiar. Percebe-se o predomínio de desenhos, poesias e desenhos.

Veja na tabela abaixo os tipos de publicações utilizadas pelas escolas analisadas nesse trabalho:

Publicação Educativa Dirigida	Publicação Educativa Geral	Publicação de Entretenimento com Conteúdo Educativo	Publicação de Entretenimento
Colégio Master	Colégio Master	Colégio Master	Colégio Master
-	-	-	C.E. Luiza Martins
-	-	-	Santo Afonso
-	-	-	Prof. Martins de Aguiar

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quadrinhos são uma boa ferramenta de despertar a atenção do leitor e facilitar a compreensão pelo assunto que está em pauta. A História em Quadrinhos é uma linguagem que pode ser usada para o registro, divulgação ou até mesmo em produções científicas, mas é preciso saber usá-la de forma mais eficiente. Nos quadrinhos, é de suma importância a análise descritiva da linguagem visual para nortear e ajudar o leitor no processo de entendimento e leitura visual das imagens. Seja qual for o tipo de quadrinho utilizado, a linguagem utilizada é simples e traz uma mensagem ao receptor, seja para refletir ou simplesmente com o intuito de entreter. No caso dos quadrinhos didáticos, educativos ou infográficos sua utilização vai além do entretenimento, há o intuito de informar ao levar informações úteis de forma mais leve e descontraída, facilitando assim a compreensão. Não importa o leitor, o quadrinho é acessível a qualquer tipo de público, sendo o único requisito para usufruir do produto é saber ler.

Atualmente as histórias em quadrinhos são grandes aliadas dos professores dentro de sala de aula, mas nem sempre foi assim. Antes de ser o fenômeno pedagógico que conhecemos hoje, os quadrinhos sofreram forte rejeição por parte de psicólogos, professores e até pesquisadores, por acharem que era apenas uma forma de lazer, que em nada contribuiria para o aprendizado, podendo fazer com que o aluno perdesse o foco principal, que é aprender o conteúdo que está sendo abordado na disciplina.

Felizmente essa (triste) realidade mudou e os professores se convenceram que os quadrinhos auxiliam no aprendizado, sendo uma forma acessível e didática de transmitir o conteúdo, seja ele de uma disciplina da área de humanas ou exatas. É fundamental que o professor enxergue os quadrinhos com a mesma importância de exercícios comuns, não apenas como uma ferramenta para “descanso” ou “mudar a rotina” da aula. Como todo plano de aula, trabalhar com quadrinhos envolve planejamento para que no final os objetivos sejam alcançados.

Além de proporcionar um momento de lazer, as revistas em quadrinhos ajudam a estimular a criatividade da criança e a desenvolver seu vocabulário. As crianças que desde cedo são estimuladas a ler histórias em quadrinhos terão mais chances de ter a leitura como hobby. Os gibis, como são popularmente conhecidas as revistas em quadrinhos, também são

ótimos aliados em sala de aula, tornando as aulas mais divertidas e dinâmicas; afinal; a missão de ler não é tarefa somente do professor de Português, e sim, de todos os educadores.

Além disso, as HQs auxiliam a criança a compreender melhor o mundo, pois muitas histórias trazem um ensinamento e/ou moral. O uso dos quadrinhos deve ocorrer em paralelo com os livros didáticos, sendo que um não implica na extinção do outro. Portanto, os quadrinhos podem e devem ter uma maior atenção dos pais e educadores.

No caso das escolas que foram objeto da pesquisa para a produção desse trabalho de conclusão de curso, conclui-se que a utilização de quadrinhos é realizada com mais ênfase no Ensino Fundamental, enquanto que no Ensino Médio os professores fazem mais uso de tirinhas em provas. Além disso, os professores avaliam de forma positiva o uso dos quadrinhos dentro de sala de aula, pois percebem que já um interesse maior dos alunos e, conseqüentemente, um maior aprendizado. Durante esse trabalho mostramos como os professores podem trabalhar com quadrinhos em sala de aula, seja qual for a disciplina lecionada, porém nas escolas analisadas percebe-se que os professores de Língua Portuguesa são os que mais fazem uso de HQs dentro de sala de aula e que somente no Colégio Master alguns professores de outras disciplinas ainda fazem uso de tirinhas em provas. Por avaliar de forma rica a pesquisa realizada para esse trabalho, principalmente devido ao tema em questão, essa monografia poderá ser ampliada para um futuro projeto de mestrado e/ou doutorado, especialmente nessa área de Educação e pelo fato dos quadrinhos estarem cada vez mais em evidência nas pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO, Juan. **Como fazer Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Global, 1990.
- ANSELMO, Zilda Augusta. **As histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BANTI, Rafael Silva. **A utilização das histórias em quadrinhos no ensino de Ciências e Biologia**. São Paulo, 2012
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, Alexandre *et alii*. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARROSO, Fabiano Azevedo. **Clássicos em HQ**. São Paulo, Editora Peirópolis. pp 13 a 15. 2013.
- CALAZANS, Flávio. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004.
- CARVALHO, Djota. **A educação está no gibi**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- CARVALHO, Leandro. **História em quadrinhos como incentivo à leitura**. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/orientacoes/historiaquadrinhos-como-incentivo-leitura.htm>>. Acesso em 23 abr. 2013.
- CAGNIN, Antonio L. Abertura, in Calazans, Flavio M. A. (Ed), **As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática**, São Paulo: UNESP, 1997.
- CIRNE, Moacy. **Para ler os quadrinhos –da narrativa cinematográfica a narrativa quadrinizada**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.
- COSTA, Robson Santos. **As histórias em quadrinhos como gênero discursivo contemporâneo**. Rio de Janeiro, RJ, 2009.
- COUPERIE, P. et.al. **História em quadrinhos e comunicação de massa**. São Paulo: MAM Assis Chateaubriand, 1970.
- DEFFUNE, Gláucia. **Relato de uma experiência de história em quadrinhos no ensino da Geografia**. Paraná, 2010.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1970
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

GUIMARÃES, Edgard. **História em Quadrinhos como Instrumento Educacional**. Mato Grosso do Sul, 2001.

GUIMARÃES, Edgard. **Uma Caracterização Ampla para a História em Quadrinhos e seus Limites com Outras Formas de Expressão**. Artigo apresentado no Intercom 1999 -Rio de Janeiro -1999.

IANNONE, L.R.; IANNONE, R.A. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

KLAWA, L., COHEN, H. **“Os quadrinhos e a comunicação de massa”**. In: MOYA, A.Shazam. São Paulo: Perspectiva,pp. 103-124, 1970.

LAJOLO, Maria. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LANGER, Johnni. **O ensino de História Medieval pelos Quadrinhos**. São Paulo, 2009.

LINS, Maria da Penha Pereira. **“ Organização tópica do discurso de sequências de tiras diárias de quadrinhos”**. Cadernos de Estudos Linguísticos 48(1) – , pp 126 a 133. Jan./Jun. 2006.

LOPES, Mariana Ferreira e MIANI, Rozinaldo Antônio. **O potencial educativo dos quadrinhos: análise do uso das Histórias em quadrinhos em sala de aula pelas professoras da escola municipal Olavo Soares Barros**. Paraná, 2008.

MAGALHÃES, Henrique. **A nova onda dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

McCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

MENDES, Maria Regina Saraiva. **El papel educativo de loscomicsinfantiles: (análisis de los estereotipos sexuales)**. 1990. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Facultad de Ciencias de la Información da Universidad Autónoma de Barcelona. Barcelona, 1990.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. **Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e Ensino**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P. et al.(org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro : Lucerna , p. 19-36, 2002

NETO, Elídio e SILVA Marta. **Histórias em quadrinhos e educação: formação e prática docente**. São Paulo: Metodista, 2011.

NETO, Elydio dos Santos e SILVA, Marta Regina Paulo. **Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas: o trabalho em universos ficcionais e fanzines**. São Paulo, 2013.

NUNES, Renata e RODRIGUES Thais. **Quadrinhos e Charges como recursos didáticos para o ensino de Geografia**. São Paulo, 2012.

O'NEIL, Dennis. **Guia Oficial DC comics: roteiros**. São Paulo, SP: Opera Graphica Editora, 2005.

PATO, Paulo Roberto Gomes. **História em quadrinhos : uma abordagem bakhtiniana**. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PALHARES, Marjory Cristiane. **História em quadrinhos: uma ferramenta pedagógica para o ensino de História**. Paraná, 2009.

RAMOS, Paulo. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 2007. 424 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa) .Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAMOS, Paulo. **Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?** Estudos Linguísticos, São Paulo, p. 355-367, set.-dez, 2009

RAMOS, Paulo. **História em quadrinhos: um novo objetivo de estudos**. São Paulo, 2006.

RAMOS, Paulo e Vergueiro, WALDOMIRO. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo, 2004.

RAHDE, Maria Beatriz. **Origens e evolução da história em quadrinhos**. Revista Famecos, Porto Alegre, nº5, novembro 1996.

ROCHA, Viviane Sobral Ribas. Introdução. In: **A construção do sentido em tiras**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Porto Alegre: PUCRS, 2006

RODRIGUES, B.B.A **diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo?** Perspectiva, Florianópolis, v.20, n.01, p.49-64, jan./jun. 2002

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia um estudo de charges da Folha de S.Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

SANTOS, Roberto. **Aplicações da história em quadrinhos**. São Paulo, SP: Comunicação & Educação, 2001.

Serpa, D.& Alencar, M. (1998) As boas lições que aparecem nos gibis. *Nova Escola*, Ano XIII, No. 111, pp. 10-19.

VERGUEIRO, Waldomiro. **A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária**. In: RAMA, Angela, et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006b. p. 31 64.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **As gibitecas: um espaço privilegiado para a leitura e difusão de histórias de quadrinhos no Brasil**. 2006. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas-conteúdo.php>

VERGUEIRO, Waldomiro (org). **Como usar os quadrinhos na sala de aula?**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. **História em quadrinhos**. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Org.). **Formas e**

expressões do conhecimento: Introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 115-149.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Histórias em quadrinhos e ensino: uma dupla cada vez mais dinâmica.** 2005. Disponível em:<http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/esprial/papiro20a.htm>

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática.** São Paulo: Contexto, 2009.

ZUGUANI, Jorge Otávio. O circo de Lucca. São Paulo, SP: Devir, 2007